



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

**ÉVILA CRISTINA VASCONCELOS DE SÁ**

**EDUCADORA HENRIQUETA GALENO: BIOGRAFIA DE UMA LITERATA E  
FEMINISTA (1887-1964)**

**FORTALEZA-CEARÁ**

**2018**

ÉVILA CRISTINA VASCONCELOS DE SÁ

EDUCADORA HENRIQUETA GALENO: BIOGRAFIA DE UMA LITERATA E  
FEMINISTA (1887-1964)

Dissertação apresentada ao Curso Mestrado acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Educação.

Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lia Machado Fiuza Fialho.

FORTALEZA-CEARÁ

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Sá, Évila Cristina Vasconcelos de .

Educadora Henriqueta Galeno: Biografia de uma literata e feminista (1887-1964) [recurso eletrônico] / Évila Cristina Vasconcelos de Sá. - 2018.

1 CD-ROM: il.; 4 - pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 108 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2018.

Área de concentração: Formação de Professores.

Orientação: Prof.ª Dra. Lia Machado Fiuza Fialho..

1. Henriqueta Galeno. 2. História da Educação. 3. Biografia. 4. Feminismo. I. Título.

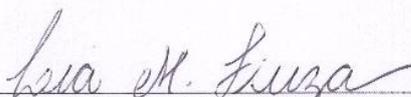
ÉVILA CRISTINA VASCONCELOS DE SÁ

EDUCADORA HENRIQUETA GALENO: A BIOGRAFIA DE UMA LITERATA E  
FEMINISTA (1887-1964)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Área de Concentração: Formação de Professores.

Aprovada em: 21 de fevereiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA



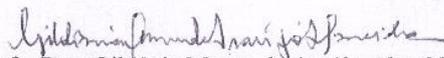
---

Profa. Dra. Lia Machado Fiuza Fialho (Orientadora)  
Universidade Estadual do Ceará – UECE



---

Prof. Dr. Charliton José dos Santos Machado  
Universidade Federal da Paraíba – UFPB



---

Profa. Dra. Gildênia Moura de Araújo Almeida  
Secretaria de Educação do Ceará - SEDUC

## AGRADECIMENTOS

Ao criador do Universo, de acordo com os preceitos cristãos, que me permitiu acreditar na possibilidade da feitura e concretude dos meus sonhos.

À minha família, em especial meu rebento Kauê Vasconcelos Gois, que apesar de sua meninice, hiperatividade, perspicácia e candura, transmitem nos meus momentos de ânsia, o que o amor verdadeiro e puro pode nos oferecer e afagar.

À minha orientadora Lia Machado Fiúza Fialho, pela sabedoria, paciência, pelas ponderações, contribuições acadêmicas e pessoais que me fortaleceram a seguir rumo e avante, nessa jornada, que é a Pós-Graduação, bem como na liderança do grupo de pesquisa *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - PEMO*, na incitação para a leitura e discussões dos textos semanalmente, no tocante à História da Educação, Educadoras e Formação de Professores.

A Yls Câmara, pelas palavras amigas que tanto me assolaram nesses momentos de produção, bem como pela sua grandiosa ajuda no que concerne à tradução do resumo em espanhol neste trabalho, bem como nas indicações literárias.

Aos demais membros da banca: desde a qualificação à defesa final, Charliton Machado e Gildênia Almeida, pelas sábias palavras e conhecimentos que clarearam e impulsionaram ainda mais na busca por outras fontes e bibliografias, pertinentes na finalização da presente dissertação. Tê-los como avaliadores da minha pesquisa foi grande dádiva, no que concerne ao conhecimento e formação na minha temática, pelo carinho, atenção, zelo e humildade, que os levo também como exemplo em minha práxis docente e investigativa.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará, em especial Tânia Rodrigues, Fátima Leitão, Marcília Chagas, Germano Magalhães, Isaíde Bandeira, Raquel Dias, Ruth Gonçalves, André Haguette (da disciplina de Epistemologia das Ciências Sociais), pelo carinho e sapiência que contribuíram bastante para o enriquecimento dos meus conhecimentos na pesquisa em Percursos de Formação, História da Educação e Biografias de Educadoras, peças-chave neste trabalho e na área de atuação que almejo prosseguir na pesquisa e docência.

Aos meus colegas da turma de 2016, em especial Edilene Telles, pela sua mão amiga e irmã nos momentos mais tensos das disciplinas optativas, bem como suas abençoadas e amenas palavras que me transpassava nos momentos mais obscuros. E aos demais colegas, pelos debates acalorados em sala de aula, no que tange à Educação, essenciais em minha formação neste aspecto.

Aos funcionários dos locais de pesquisa em que atuei para a coleta das fontes primárias em Fortaleza-CE, a saber: Casa de Juvenal Galeno, do setor de Antiquário da biblioteca da Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará (UFC), Academia Cearense de Letras, Liceu o Ceará e Colégio Imaculada Conceição.

A iniciativa da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, em ter seu acervo da Hemeroteca Digital, onde pude pesquisar e coletar jornais entre outros documentos de suma importância na compreensão da trajetória formativa de Henriqueta Galeno.

A CAPES, pela colaboração peculiar ao financiar tal empreitada.

A minha biografada Henriqueta Galeno, que acredito encarnada ou não, onde estiver saibas que sou eternamente grata por conhecer um pouco da sua grande atuação intelectual e política, bem como em ser um exemplo de vida em meio a uma sociedade arraigada no patriarcalismo e preconceito contra a mulher!

Minha sincera gratidão a todos vocês, que sem os mesmos nada teria sentido!

“O itinerário de Henriqueta Galeno, no decurso do século vigente, afigura-se a todos nós cearenses, a passagem de um clarão através da vida cultural do Ceará. Não se pode considerar meteórico êsse clarão, dada a persistência do seu fulgor, que se estendeu de 1919 nos dias correntes, e também em face da rutilante auréola que continua a enaltercer a memória da fundadora da CASA DE JUVENAL GALENO.[...]a êsse empreendimento juntou outro - o de propagandista das nossas letras, pondo [...] à disposição da mocidade, que ali ia recebr estímulo e incentivo para ulteriores conquistas e triunfos”.

(Cruz Filho. Prefácio do livro Mulheres Admiráveis, de 1965).

## RESUMO

Esta pesquisa se situa no campo da História da Educação e se debruça sobre o estudo da vida de Henriqueta Galeno (1887-1964), uma educadora que atuou no cenário patriarcalista da primeira metade do século XX, destacando-se pela dedicação à literatura e ao feminismo. O objetivo foi biografá-la com ênfase na sua formação e práticas educativas. Utilizou pesquisa documental para coleta de fontes primárias - jornais *Diário Carioca* (1931 a 1936), *Jornal do Recife* (1931); *Diário Oficial do Estado do Ceará* (1914); bem como compêndios produzidos pela biografada - *Henriqueta no Congresso Feminista, Na Academia Carioca de Letras e No Centro Cearense* (1932), uma obra póstuma intitulada de *Mulheres Admiráveis* (1965) e fotografias do Arquivo da Casa Juvenal Galeno, também foram consideradas como fontes. As análises fundamentaram-se teoricamente em Loriga (2011), Machado (2010), Perrot (1988), Telles (2013), Ponte (2001), Freyre (2004) e Borges (2006), dentre outros. Constatou-se que Henriqueta Galeno era advogada que atuou como educadora, foi a primeira professora do Liceu do Ceará bem como inspetora do Ensino Secundário na primeira metade do século XX. Dedicou-se não apenas à educação formal, pois constituiu uma expressiva participação na gênese e desenvolvimento do movimento feminista cearense, cujo ápice foi representado no 2º Congresso Internacional Feminista, no Rio de Janeiro, em 1931. Além da causa feminista, Henriqueta tornou-se beletrista e intelectual, fundando, em homenagem ao seu pai Juvenal Galeno, o Salão Juvenal Galeno, tombado pelo IPHAN e administrado pela Secretaria de Cultura do Ceará. Este local foi um irradiador da cultura cearense por sediar reuniões, saraus literários, bem como a Ala Feminina - fundada em 1936 e ainda em funcionamento. Devido a sua atuação intelectual e social, não contraiu casamento nem deixou descendência, vindo a falecer em 1964.

**Palavras-chave:** Henriqueta Galeno. História da Educação. Biografia. Feminismo.

## RESUMEN

Esta investigación está ubicada en el campo de la Historia de la Educación y se centra en el estudio de la vida de Henriqueta Galeno (1887-1964), una educadora que actuó en el escenario patriarcal de la primera mitad del siglo XX, destacándose por su dedicación a la literatura y a la literatura feminista. El objetivo fue concebir su biografía con énfasis en su formación y sus prácticas educativas. Se utilizó una investigación documental para la recolección de fuentes primarias: *Diário Carioca* (1931 - 1936),; *Diário Oficial do Estado do Ceará* (1914); *Revista da Ala Feminina* y *Revista A Jangada* (1949), así como compendios producidos por Galeno - *Henriqueta No Congresso Feminista, Na academia Carioca de Letras* y *No Centro Cearense* (1932), una obra póstuma titulada de *Mulheres Admiráveis* (1967), y fotografías del Archivo da Casa Juvenal Galeno, que también fueron consideradas como fuentes. Los análisis se fundamentaron teóricamente en Loriga (2011), Machado (2010), Perrot (1988), Telles (2013), Ponte (2001), Freyre (2004) y Borges (2006), entre otros. Se constató que Henriqueta Galeno fue una abogada que actuó como educadora; además, fue la primera profesora del Liceu do Ceará y también inspectora de la Enseñanza Secundaria en la primera mitad del siglo XX. Se dedicó no sólo a la educación formal, pues contribuyó a la génesis y al desarrollo del movimiento feminista en Ceará, cuyo ápice fue representado en el 2º Congreso Internacional Feminista, en la ciudad de Río de Janeiro, en 1931. Además de la causa feminista, Henriqueta se dedicó a la literatura y fundó el Salão Juvenal Galeno, en honor de su padre, tomado por el IPHAN y administrado por la Conserjería de Cultura de Ceará. Este sitio ha fomentado la cultura de Ceará por albergar reuniones, saraos literarios, así como el Ala Femenina - fundada en 1936 y aún en funcionamiento. Debido a su actuación intelectual y social, Henriqueta Galeno no contrajo matrimonio ni dejó descendencia, falleciendo en 1964.

**Palabras clave:** Henriqueta Galeno. Historia de la Educación. Biografía. El feminismo.

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem 1 - Henriqueta Galeno na Praia do Peixe. Ano de 1921</b> .....	26
<b>Imagem 2 - Henriqueta Galeno, em um momento de lazer, junto com literatos, na Praia do Peixe. Ano de 1921</b> .....	27
<b>Imagem 3 - Contexto da Educação Primária do Ceará Império</b> .....	34
<b>Imagem 4 - Mãe de Henriqueta Galeno</b> .....	38
<b>Imagem 5 - Pai de Henriqueta Galeno.</b> .....	38
<b>Imagem 6 - Fachada da Casa em que Henriqueta Galeno viveu. 27 de setembro de 1919</b> .....	41
<b>Imagem 7 - Colégio Imaculada Conceição no período da sua fundação fins do século XIX</b> .....	42
<b>Imagem 8 - Colégio Liceu do Ceará, na atualidade, ano de 2017</b> .....	43
<b>Imagem 9 - Primeira sede do Liceu do Ceará no período da sua inauguração, década de 1830</b> .....	44
<b>Imagem 10 - Primeiro prédio da Faculdade de Direito do Ceará</b> .....	46
<b>Imagem 11 - Henriqueta Galeno em sua formatura em 1919</b> .....	49
<b>Imagem 12 - Sobre a retirada de Henriqueta Galeno da disciplina de História da Civilização, no Liceu cearense. (Jornal Diario Carioca- Julho de 1932)</b> ...55	
<b>Imagem 13 - Sobre a inclusão/retorno de Henriqueta Galeno na 2ª disciplina de História da Civilização no Liceu cearense. (Jornal Diário Carioca, Julho de 1932)</b> .....	56
<b>Imagem 14 - Auditório Henriqueta Galeno, locus das reuniões e apresentações culturais na Casa Juvenal Galeno-Ano de 1936. (Jornal Diario Carioca, 18 de março de 1936)</b> .....	61
<b>Imagem 15 - Auditório Henriqueta Galeno, locus das reuniões e apresentações culturais na Casa Juvenal Galeno-Ano de 1936</b> .....	62
<b>Imagem 16 - Capa do Livro- Henriqueta no Congresso Feminista. (1932)</b> .....	64
<b>Imagem 17 - Capa do livro Mulheres Admiráveis (1965)</b> .....	64
<b>Imagem 18 - Regresso de Henriqueta Galeno ao Ceará após o 2ª Congresso Internacional Feminista</b> .....	68
<b>Imagem 19 - Trecho da notícia do Jornal A Noite- Livro: Henriqueta no Congresso Feminista (1932)</b> .....	70

**Imagem 20 - Notícia da chegada de Henriqueta Galeno e de outros representantes  
cearenses ao 2º Congresso Internacional Feminista.....71**

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
1.1	APRESENTAÇÃO DA PESQUISA .....	14
1.2	O ENCONTRO COM HENRIQUETA GALENO .....	16
1.3	A METODOLOGIA DE PESQUISA E A COLETA DAS FONTES PRIMÁRIAS .....	18
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	21
2.1	O LUGAR SOCIAL DA MULHER E A EMERGÊNCIA DO FEMINISMO .....	21
2.2	HENRIQUETA GALENO NO CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO DO CEARÁ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX .....	25
2.3	HENRIQUETA GALENO NO CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO DO CEARÁ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX .....	30
2.4	O GÊNERO BIOGRÁFICO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO .....	34
<b>3</b>	<b>A INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E OS PERCURSOS DE FORMAÇÃO: ENTRE A EDUCAÇÃO DOMÉSTICA E INSTITUCIONALIZADA</b> .....	38
3.1	O NASCIMENTO, A MENINICE E A “EDUCAÇÃO PRIMÁRIA” NO SEIO FAMILIAR.....	38
3.2	FORMAÇÃO SECUNDÁRIA NO LICEU DO CEARÁ E NA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA FACULDADE DE DIREITO DO CEARÁ .....	43
<b>4</b>	<b>MEMÓRIAS PARA A EDUCAÇÃO CEARENSE: A HENRIQUETA DE MÚLTIPLAS FACES</b> .....	52
4.1	A PROFESSORA .....	52
4.2	A LITERATA .....	58
4.3	A FEMINISTA .....	66
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	80
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	83
	<b>APÊNDICES</b> .....	90
	APÊNDICE A – PESQUISA NA FACULDADE DE DIREITO DO CEARÁ- ENTRADA DA BIBLIOTECA E SETOR ANTIQUÁRIO. ....	91
	APÊNDICE B- COLETA DAS FONTES PRIMÁRIAS- LIVRO DE RAIMUNDO GIRÃO, SOBRE A HISTÓRIA DA FACULDADE DE DIREITO DO CEARÁ.....	91

APÊNDICE C- COLETA DAS FONTES PRIMÁRIAS- LIVRO DE RAIMUNDO GIRÃO, SOBRE A HISTÓRIA DA FACULDADE DE DIREITO DO CEARÁ.....	92
APÊNDICE D- COLETA DAS FONTES PRIMÁRIAS, REPRESENTANDO EM UM CONTEXTO ÁRDUO PARA QUEM PESQUISA EM FONTES PRIMÁRIAS- LIVRO DE RAIMUNDO GIRÃO, SOBRE A HISTÓRIA DA FACULDADE DE DIREITO DO CEARÁ, DOCUMENTOS A RESPEITO DA FORMAÇÃO DE HENRIQUETA GALENO. ....	93
APÊNDICE E- COLETA DAS FONTES PRIMÁRIAS- REGISTROS DE RECIBOS DOS BACHARÉIS DA FACULDADE DE DIREITO DO CEARÁ. ....	94
APÊNDICE F- CAPA DO LIVRO DE RECIBOS DOS BACHARÉIS DA FACULDADE DE DIREITO DO CEARÁ. ....	95
APÊNDICE G- CAPA DO LIVRO DE CONCLUDENTES DOS BACHARÉIS DA FACULDADE DE DIREITO DO CEARÁ. ....	96
APÊNDICE H- PRIMEIRA PÁGINA DO REGISTRO MANUSCRITO QUE PROVA QUE HENRIQUETA GALENO SE FORMOU NA FACULDADE DE DIREITO DA UFC. LIVRO DE REGISTRO DE FORMATURAS, REALIZADOS E REESCRITOS POSTERIORMENTE, NO ANO DE 1969. ....	97
APÊNDICE I- REGISTRO MANUSCRITO QUE PROVA QUE HENRIQUETA GALENO SE FORMOU NA FACULDADE DE DIREITO DA UFC. LIVRO DE REGISTRO DE FORMATURAS, REALIZADOS E REESCRITOS POSTERIORMENTE, NO ANO DE 1969.....	98
APÊNDICE J- COLETA DAS FONTES PRIMÁRIAS- CAPA DOS REGISTROS DE RECIBOS DOS BACHARÉIS DA FACULDADE DE DIREITO DO CEARÁ.	99
APÊNDICE L- VISTA COMPLETA DA PASTA QUE REGISTRA DATILOGRAFAMENTE A MATRÍCULA DE HENRIQUETA GALENO NA FACULDADE DE DIREITO DA UFC.....	100
APÊNDICE M- VISTA DO CANTO ESQUERDO DA PASTA QUE REGISTRA DATILOGRAFAMENTE A MATRÍCULA DE HENRIQUETA GALENO NA FACULDADE DE DIREITO DA UFC.....	101
APÊNDICE N- VISTA PARCIAL DIREITA DA PASTA QUE REGISTRA DATILOGRAFAMENTE A MATRÍCULA DE HENRIQUETA GALENO NA FACULDADE DE DIREITO DA UFC.....	102

APÊNDICE O- OFÍCIO PARA PERMISSÃO DE PESQUISA NA CASA DE JUVENAL GALENO.....	103
APÊNDICE P- OFÍCIO PARA PERMISSÃO DE PESQUISA NA SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO. ....	104
APÊNDICE Q- OFÍCIO PARA PERMISSÃO DE PESQUISA NO COLÉGIO LICEU DO CEARÁ. ....	105
APÊNDICE R- OFÍCIO PARA PERMISSÃO DE PESQUISA NO COLÉGIO IMACULADA CONCEIÇÃO. ....	106
APÊNDICE S- OFÍCIO PARA PERMISSÃO DE PESQUISA NO CEMITÉRIO SÃO JOÃO BATISTA. ....	107
APÊNDICE T- VISTA DA FACHADA DA CASA EM QUE HENRIQUETA VIVEU. ATUALMENTE TOMBADA COMO PATRIMÔNIO MATERIAL CEARENSE. ....	108

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa visa analisar a trajetória educativa de Henriqueta Galeno e seus e percursos formativos para a sua atuação como literata e feminista. A priori, vale elencar que a biografada recebeu uma educação diferenciada das demais mulheres brasileiras e cearenses, pois a mesma vivia num contexto patriarcalista, onde as mulheres em sua maioria recebiam instrução destinada para funções sumárias a do homem, dependendo da sua condição financeira ou social eram educadas para o lar, para profissões braçais ou para o ensino das primeiras letras.

Difícilmente se via uma mulher se destacar na cultura livresca, política ou científica neste período em que tal educadora se formou: nos fins do século XIX para o XX. Nessa perspectiva, a docente em análise buscou por meio de sua formação, questionar valores sociais, padrões culturais, bem como lugar da mulher na sociedade, nos anos de 1930, publicando seu discurso no 2º Congresso Internacional Feminista, na segunda capital brasileira: Rio de Janeiro.

Docente, solteira e católica, Henriqueta Galeno não atuou apenas no mundo letrado e pedagógico, mas também foi ativa e pioneira ao defender concepções pessoais que coadunavam com a ampliação da participação sociopolítica feminina, identificadas com sua participação nos principais movimentos culturais e políticos da época. Com a inserção da mesma no mundo letrado, através de suas participações em agremiações literárias e jornais, percebe-se que a referida educadora seguiu caminhos diferentes da maioria das mulheres fortalezenses do seu tempo, ampliando espaços destinados as mulheres.

Como problema de pesquisa, indaga-se: que formação educacional Henriqueta Galeno, mulher docente, desenvolveu para conseguir ingressar como professora no Liceu do Ceará, na Academia Cearense de Letras, conquistando espaços antes somente ocupados por homens?

Após isto, elencamos que o objetivo geral desta Dissertação visa compreender o desenvolvimento da educação, da participação sociocultural e a da atuação feminista da professora e literata Henriqueta Galeno em espaços predominante masculinos - Liceu do Ceará, Academia Cearense de Letras e Faculdade de Direito.

De posse das fontes e com clareza na definição do objeto de estudo, definimos três objetivos específicos que iriam biografar Henriqueta Galeno com ênfase na sua formação, quais sejam: 1) Contextualizar a condição sociocultural e educacional da mulher no Brasil no período em que Henriqueta Galeno viveu; 2) Caracterizar a trajetória de formação educacional e profissional de Henriqueta Galeno; 3) Compreender a inserção e atuação de Henriqueta Galeno no universo intelectual na condição de escritora, bem como na propagação dos ideais feministas.

Pelo fato de Henriqueta Galeno ter se sobressaído em relação às outras mulheres neste período, no campo intelectual (pela sua formação em Direito, bem como pela sua atuação docente no Liceu do Ceará, e escrevendo para instituições como Academia Cearense de Letras e na gestão da Casa de Juvenal); também político (no que se refere á defesa feminista), percebemos sua relevância para a História da Educação cearense.

Como hipótese, parte-se do pressuposto que apesar de Henriqueta Galeno ter atuado ativamente na educação e cultura na Fortaleza do início do século XX, sua participação na História da Educação cearense foi obscurecida pela figura paterna e historiografia oficial que costumeiramente lançava luz aos homens, “destaques”. Sejam eles nas esferas: política, educacional, religiosa, etc.

Nesse contexto, a presente dissertação se apresenta em três capítulos. O primeiro capítulo, a Fundamental Teórica, desvela sobre a condição feminina até encontrar-se e identificar-se como um sujeito de direito contestador. Para tanto, se faz uma análise do ponto de vista macro, que permeia a condição da mulher pré-histórica, europeia, até chegar às terras brasileiras: da mulher subjugada no meio familiar e patriarcal, ao mulherio que trabalha e luta pelos seus direitos, que no caso, através do movimento feminista.

O segundo capítulo, elenca acerca da trajetória de formação de Henriqueta Galeno. Permeando desde os ensinamentos domésticos, à educação primária, na escola Imaculada Conceição, perpassando o ensino secundário no Liceu Cearense e o Ensino Superior na Faculdade de Direito do Ceará. Nessa perspectiva, como entendemos que um sujeito não se desenvolve sozinho, mas sim de uma relação imbricada com o coletivo, segundo Loriga (2010), e também pelo o sujeito de investigação ter falecido em 1964, e a dificuldade de busca de fontes do período que se formou, buscamos também nesta Dissertação trabalhar com fontes institucionais do período que a mesma estudou/lecionou. Para isto, analisamos obras de memorialistas, como Adisia Sá (1971), Brasil (1913), Girão (1960), entre outras obras esmiuçadas ao longo do texto.

O terceiro capítulo trata-se sobre a atuação profissional da referida biografada. As fontes que encontramos, dão ênfase à sua ação como literata (através da gestão da Casa de Juvenal Galeno, na promoção da valorização na produção das belas letras, especificamente na Ala Feminina), bem como na difusão das ideias feministas, “seja elas não tão rubras”, segundo Galeno (1932), ganhando visibilidade no evento carioca: o 2º Congresso Internacional Feminista, representado pela primeira onda feminista, do qual as mulheres reivindicavam o direito ao trabalho e ao voto da mulher.

## 1.2 O ENCONTRO COM HENRIQUETA GALENO

A presente dissertação objetiva biografar Henriqueta Galeno com ênfase na sua formação e práticas educativas. Analisar a trajetória da primeira educadora do Liceu do Ceará, filha do poeta das canções populares - Juvenal Galeno - que atuou não somente no campo escolar, mas também se permitiu engajar no feminismo cearense ao frequentar e contribuir para um discurso a nível nacional, Henriqueta Galeno tornou-se uma educadora intelectual que influenciou como literata e no movimento feminista do Ceará da primeira metade do século XX.

*A priori*, o que me levou a pesquisar tal educadora? Qual a importância de biografia de Henriqueta Galeno? Quais caminhos teóricos e metodológicos tive que traçar para tal empreitada? Para o entendimento de tais indagações, preciso elencar minha trajetória acadêmica e pessoal, bem como os percursos de investigação para aferir minha aproximação com o estudo, e, principalmente, sua relevância social.

Em 2007, ao término do Ensino Médio, ingressei na graduação em História, na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). No referido curso, através das leituras historiográficas, tomei gosto pela pesquisa em tal área, especificamente na transformação dos costumes fúnebres dos fortalezenses oitocentistas (representado pelos sepultamentos nas igrejas aos cemitérios). Com o intuito de conhecer as ditas práticas funerárias, comecei por iniciativa própria, no segundo semestre de graduação, a frequentar locais de investigações de fontes manuscritas do século XIX no Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC), no que concerne a relatórios de médicos, testamentos e inventários, bem como na Biblioteca de Ciências Humanas da UFC, para a coleta de fontes secundárias relacionadas ao assunto. Objetivando entender as características e pormenores das inumações, recorri ao Arquivo da Cúria de Fortaleza, no Seminário da Prainha, para compreender os Livros de Óbito. E ao analisar o discurso médico que condenava os sepultamentos nas igrejas, investiguei os jornais

da Hemeroteca da Biblioteca Pública Menezes Pimentel. Concomitante, atuava em escolas particulares e públicas, dei continuidade às pesquisas e a participação em eventos na área de História, a fim de publicar os resultados da mesma, colando grau em 2011, com a monografia intitulada *Atitudes dos fortalezenses oitocentistas perante a morte*.

Logo em 2012, iniciei uma especialização, em Metodologias do Ensino de História, pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), concluindo no ano posterior. Neste curso, passei a ter gosto pelos assuntos que ligassem tanto o campo da História como o da Educação. Almejando tal empreitada, defendi minha monografia, que analisava o Cemitério São João Batista como fonte de Educação Patrimonial no Ensino de História, e para isto, trabalhei com o túmulo do poeta Quintino Cunha, virando capítulo de livro posteriormente publicado pela editora da mesma universidade, junto com outras sínteses das monografias dos meus colegas de turma.

Com a aprovação no vestibular em Pedagogia, em 2014, pela UECE, e a conclusão de outra Especialização, dessa vez em História do Brasil, em 2015, pela Faculdade Latino Americana de Educação (FLATED), pesquisei a biografia de um remanescente punk da década de 1980 e, tomei a decisão em dar continuidade às investigações acadêmicas no campo dos estudos biográficos. Para isso, realizei a inscrição para pleitear uma vaga no Mestrado em Educação, na UECE, pois como afirmei, queria alcançar um sonho: vincular as duas áreas de atuação: História e Educação.

No intuito de cursar um mestrado, fiz meu projeto vinculando Biografia de escritores com a História da Arte, para o núcleo de pesquisa *Arte, Memória e Formação*. Na última fase da seleção, em novembro de 2015, fui indagada pela banca, se havia possibilidades de adequar minha pesquisa vinculando-a a biografias das educadoras cearenses, em especial, as pioneiras no Ensino Secundário (que no caso era Liceu do Ceará). Nesse momento, não hesitei, o interesse emergiu instantaneamente: veio à lembrança na possibilidade de pesquisa com os documentos da Instrução Pública, que já tivera contato no Arquivo Público, bem como algumas leituras na área de História da Educação, realizadas na Especialização em Ensino de História, e não restaram dúvidas qual campo investigativo atuaria desde então. A proposta coadunava aos meus interesses pessoais e me parecia instigadora.

Entre dezembro de 2015 e março de 2016, início das aulas do Mestrado pensando em qual seria meu objeto de pesquisa, tomei duas atitudes: ir à Biblioteca de Ciências Humanas da Universidade Federal do Ceará e na Academia Cearense de Letras. Ao me

deparar com a rica diversidade de teses e dissertações, fui à busca de entender, primeiramente, como se dava o Ensino Secundário em Fortaleza.

Para a minha felicidade, consegui encontrar a dissertação de Joyce Carneiro de Oliveira, com o título de: *Entre a guerra e as reformas: o ensino secundário cearense (1918-1930)*, obra esta defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da UFC, em 2007. Com este trabalho, pude entender como se estruturava o antigo ensino médio nas terras alencarinhas, tanto fisicamente como nas reformas curriculares, com a inserção dos preceitos da Escola Nova, vindo a tornar-se uma importante fonte secundária da minha dissertação.

Ao longo da leitura da produção de Oliveira (2007), deparei-me com o quarto capítulo: *O interior da escola secundária cearense no período de 1918-1930: uma conversa com as fontes primárias sobre o Liceu do Ceará*, e especificamente em seu subitem 4.3 “*Senhor, senhoras, senhorio*”: *as poucas meninas no Liceu do Ceará*.

Desta maneira, para responder a inquietação se desenvolveu uma pesquisa documental, calcada na análise de revistas - Revistas da Academia Cearense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, do Almanach Estado do Ceará (1900) - de jornais - Jornal A Constituição-Fortaleza (1889), Jornal do Ceará-Fortaleza (1904 e 1905), Jornal do Brasil (1936), Jornal Diário Carioca (1931 a 1936), Jornal Correio do Ceará (1964) – de uma Autobiografia de Henriqueta Galeno (1965) e da obra de Henriqueta Galeno no Congresso Feminista (1932), entre outras fontes expostas ao longo da dissertação.

### 1.3 A METODOLOGIA DE PESQUISA E A COLETA DAS FONTES PRIMÁRIAS

Por se tratar de um tipo de pesquisa ligada ao campo das Ciências Humanas, e especificamente à História da Educação, a abordagem da pesquisa consiste em ser qualitativa. Investigar qualitativamente significa compreender “[...] *globalmente as categorias que mobilizam os atores para compreender a realidade e para atuar sobre a realidade.*” (ZANTEN, 2000, p. 31).

Vale destacar que esta dissertação calca-se em sua essência em documentos primários, isto é, em fontes produzidas no período estudado, ou seja, em volta da vida de Henriqueta Galeno. Mas o que significa pesquisa documental? Para Gil (2008) este tipo de investigação é bem semelhante ao de pesquisa bibliográfica. O que diverge é o estado em que se encontra essa produção: por exemplo, se pegarmos um livro que analisa a história das leis

educacionais é uma pesquisa bibliográfica. Se pegarmos a legislação bruta, tipo a LBD de 1971 ou a de 1996 como objeto de análise, se trata sim de uma pesquisa documental.

Acerca do lócus da pesquisa, encontramos documentos na Casa de Juvenal Galeno, sobre os dois livros produzidos pela editora Henriqueta Galeno, já citados neste trabalho. Na Faculdade de direito da Universidade Federal do Ceará, encontramos dois livros de memórias que trata sobre o contexto de formação desta instituição, a saber: *A História da Faculdade de Direito do Ceará*, de Raimundo Girão (1960), rememorando suas memórias de graduando nesta instituição; o compêndio intitulado de *O Ensino Superior no Brasil e Relatório da Faculdade de Direito nos anos de 1911 e 1932*, do se antigo diretor, o Dr. Thomaz Pômpeu de Souza (1913). Obra esta que relata a história da construção da primeira faculdade que outorgou os diplomas dos primeiros bacharéis de Fortaleza em concomitância às outras instituições brasileiras.

Na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, encontramos uma diversidade de jornais a respeito da estadia de Henriqueta Galeno na capital brasileira da Primeira República: Rio de Janeiro, Diário Carioca, Gazeta de Notícias, entre outros.

Munida de tais informações, passei a procurar, em vários bancos de teses e dissertações, a existência de alguma pesquisa relacionada à Henriqueta Galeno, e o resultado do esforço foi que não existia nenhuma dissertação ou tese específica relacionada à mesma! Assim, percebendo a relevância desta educadora na História da Educação e Intelectual cearense, escolhi meu sujeito histórico para a presente dissertação.

### Quadro 1 - Quadro de Fontes Utilizadas

Casa de Juvenal Galeno	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fotografias de Henriqueta Galeno,</li> <li>• Livros- <i>Henriqueta no Congresso Feminino, na Academia Carioca de Letras, No Centro Cearense</i> (1932); os <i>Anais da Casa Juvenal Galeno (tomo I e II)</i>, todos no período da direção de Henriqueta; e também em sua obra póstuma: <i>Mulheres Admiráveis</i> (1965).</li> <li>• <i>Capítulo de Livro de Henriqueta intitulado Mulheres do Brasil, escrito por Adisia Sá</i> (1971).</li> </ul>
Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Jornais entre as décadas de 1920 e 1960. E Diário Oficial de 1914.</li> </ul>
Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livros- <i>A História da Faculdade de Direito do Ceará</i>, de Raimundo Girão (1960), rememorando suas memórias de graduando nesta instituição; o compêndio intitulado de <i>O Ensino Superior no Brasil e Relatório da Faculdade de Direito nos anos de 1911 e 1932</i>, do se antigo diretor, o Dr. Thomaz Pômpeu de Souza (1913).</li> </ul>
Colégio Estadual Liceu do Ceará	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Livro- <i>Liceu em Cem Anos</i>, do memorialista Hugo Vitor (1945)</li> </ul>

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao entrar em contato com a Academia Cearense de Letras, percebi que Henriqueta foi à segunda mulher a ocupar suas cadeiras, sendo a primeira, a educadora e literata Alba Valdéz. Encontrei alguns artigos escritos relacionados à Henriqueta Galeno, que serão analisados ao longo do trabalho para contemplar o objetivo da pesquisa: biografá-la.

Entretanto, foi à residência de Henriqueta Galeno, centro irradiador da cultura cearense, administrado pela Secretaria de Cultura, que encontrei as principais fontes primárias da empreitada: a Casa Juvenal Galeno. Neste local, pude adquirir os compêndios escritos por Henriqueta, a saber: *Henriqueta no Congresso Feminino, na Academia Carioca de Letras, No Centro Cearense* (1932); os *Anais da Casa Juvenal Galeno (tomo I e II)*, todos no período da direção de Henriqueta; e também em sua obra póstuma: *Mulheres Admiráveis* (1965). Somado-se a essas fontes, periódicos cearenses e cariocas também foram utilizados como fontes, pois são registros do período em que ela estava no Congresso Feminista no Rio de Janeiro.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 O LUGAR SOCIAL DA MULHER E A EMERGÊNCIA DO FEMINISMO

O referido capítulo se debruça sobre como o sentido de ser mulher, foi se desenvolvendo ao longo da história da humanidade, até chegar ao ponto dessa mulher subserviente, que já entendida por toda a sociedade que “nascia para servir”, para ser subjugada e obediente aos seus parentes homens, iria questionar todo esse poderio masculino em suas vidas e das suas ancestrais.

Deste modo, este trecho objetiva primeiramente refletir acerca do contexto europeu nos fins do século XIX e início do XX, em que o imperialismo e as guerras, impulsionaram a mulher saírem de suas casas, isto é, apenas o trabalho doméstico, para adquirirem posições de labuta, da qual alcançassem poder econômico, consistindo no aparecimento de um movimento social denominado de feminismo, do qual veremos nos próximos parágrafos.

Nessa perspectiva, comparando o percurso da história da humanidade, os oitocentos podem ser caracterizados por profundas rupturas em suas estruturas econômicas e sociais, transformações estas que acabaram afetando o mundo todo em virtude das características do processo de expansão.

As mudanças se deram em diversos campos: imperialismo europeu, ocasionado por uma política econômica capitalista, de apoderação de recursos naturais, mão-de-obra escrava e irrisória, bem como de culturas dos povos africanos, asiáticos e da América Latina. A vida cotidiana também foi afetada: “*das grandes teorias científicas ou filosóficas ao modo de se portar em determinado ambiente, como cuidar do corpo ou se dirigir ao outro*” (TELLES, 2004, p. 401), tendo como cerne de imposição nos costumes à cultura eurocêntrica: de pele clara, masculina, cristã e letrada; que banalizava as identidades originais dos referidos povos subservientes.

Não só de “progressos” viveu o monopólio do capitalismo imperialista do século XIX. Ocorreram das mais diversas resistências. Neste bojo, nasceram movimentos sociais encabeçados por operários(as), professores(as), intelectuais, dentre outros, buscando mudanças impostas pela conjuntura vigente. Deste modo, vale destacar que:

Não se pode esquecer, no entanto, que se esse século foi sombrio para as classes trabalhadoras europeias, para as mulheres e para os colonizados, foi também o século em que surgiram os movimentos sociais, o socialismo e os feminismos, o movimento sufragista e a Nova Mulher. (TELES, 2004, p. 402).

Nessa perspectiva, cabe aqui indagarmos: em qual espaço o gênero feminino esteve inserido na sociedade? O seu papel foi inferior e subserviente aos homens. Compreendemos, que a trajetória feminina foi e é permeada por restrições e obscurecimento por serem consideradas como sexo “frágil”. As mulheres, por longa data, encontraram-se em segundo plano, por meio do seu trabalho e saberes secundarizados em importância. Para elas almejava-se apenas à habilidade de desempenhar o papel da maternidade, cuidadora da casa e da prole (SCOTT, 2002).

É notório saber que desde o período pré-histórico as mulheres foram relegadas às práticas domésticas: destinadas ao cultivo e preparo dos alimentos, da cerâmica para seu armazenamento, ao fazer das moradias, no cuidado dos filhos. Deusas foram evocadas neste período, como a Vênus, representada pelos grandes seios e ventre, símbolo da fertilidade. A desigualdade social feminina não parou por aí. Perdurou-se por toda a história ocidental: na Hélade, as mulheres ficavam a margem da sociedade, sem direito algum de cidadania, ao lado dos estrangeiros e escravos. Para tanto, buscavam na mitologia a justificativa de tal inferioridade: afirmando que Zeus criara as mulheres para as funções domésticas, enquanto o homem para as demais, extra lar, exprimidas por Xenofonte (VEYNE, 2009).

Em diversas sociedades e povos, sejam estes “tribais” ou “civilizados”, educavam suas meninas para o conhecimento e cuidado do ambiente familiar, isto é, do lócus privado. Então, se a mulher educava-se para atuar em um espaço discreto e limitado socialmente, que era o do lar, podemos inferir que a sua expressividade no âmbito coletivo era restrito, até insignificante, fazendo sua voz se “calar” em meio das fontes históricas e pesquisas desde a história positivista<sup>1</sup> (REIS, 2000).

Comparando com o sexo “forte”, o masculino, as mulheres tiveram acesso à escrita tardiamente, assim deixando seus resquícios de forma irrisória para as investigações historiográficas. Sendo coadjuvantes do seu destino, eram muitas vezes oprimidas, discriminadas e até exploradas, com efeito, silenciadas pela ideologia patriarcal e machista. Concepções estas que perduraram numa perspectiva de longa duração, apagando as contribuições da mulher na cultura e na sociedade, por meio da imposição masculina de cada período na história da humanidade. (TELLES, 1993).

---

<sup>1</sup> A História Positivista, primeira corrente teórica historiográfica foi fundada nos fins do século XIX, na Era dos Nacionalismos e na delimitação de fronteiras, em especial da Alemanha e da Itália. Os historiadores almejavam redigir processos e sujeitos de cunho heroico, isto é, de fundadores de nações e povos. Para tanto, debruçavam-se em fontes de cunho político, tais como diplomáticas e estatais. A análise de tais documentos de davam de forma neutra, procurado mostrar datas e fatos dos ditos “heróis”, desprezando seus aspectos pessoais e culturais. Os principais expoentes dessa teoria historiográfica foram Leopold Von Ranke e Lavisse. Vide Reis, 2000.

Em relação à condição da mulher no Brasil, primeiramente em seu período colonial, o espaço sagrado, isto é, as igrejas, eram os locais de sociabilidade do gênero feminino. No cotidiano, tal lócus desempenhava o papel de “fuga” do confinamento doméstico das mulheres brancas da elite, “que em geral só saíam para ir às missas e mesmo assim sempre acompanhadas de mucamas ou parentes do sexo masculino” (ALGRANI, 1997, p. 112). Enquanto as moças e senhoras menos abastadas, proviam mais de liberdade.

Por um lado, com os temores e respeito devidos aos pais, maridos e senhores, próprios de uma sociedade de tipo patriarcal, é difícil imaginar que esses momentos de convívio familiar mais íntimo ocorressem nos moldes aos quais estamos acostumados hoje. O mais provável é que entre os mais abastados reinasse o clima de distanciamento e formalidade entre os membros de um mesmo domicílio, rompido eventualmente em certas ocasiões. Por outro, o convívio das camadas pobres propiciava antes a promiscuidade do que a intimidade. (ALGRANTI, 1997, p. 113)

Podemos inferir que a mulher exerceu o papel de preparação dos alimentos da família e de responsável pela administração doméstica, na gênese do nosso país. Na escassez de mulheres de matriz lusa, as nativas tupiniquins assumiram seu lugar, ensinando diversas tarefas, como “a socar o milho, a preparar a mandioca, a trançar as fibras, a fazer redes e a moldar o barro” (ALGRANTI, 1997, p. 118). Nos séculos posteriores, as lusitanas uniram-se a elas para liderar os latifúndios, e sob o apoio escravas afro-brasileiras. No espaço residencial, em seu cotidiano, a figura feminina ganhou destaque, embora seja incontestável que “sua importância e influência na colonização não ficaram restritas à esfera doméstica, pois até nas bandeiras elas estiveram presentes, compartilhando com os homens inúmeras aventuras e o trabalho no dia a dia” (ALGRANTI, 1997, p. 118).

Já nos oitocentos, isto é, no século XIX, com o advento e do desenrolar da Revolução Industrial, ocasionou-se a divisão das tarefas e a segregação entre os sexos dos espaços em seu ápice. Racionalmente, os locais de labuta foram estritamente estabelecidos: as mulheres à Maternidade e à Casa, entretanto, nas fábricas elas ganhavam presença, apesar de ser de forma temporária, pois tal ofício destinava-se para as necessidades complementares do orçamento familiar, em especial, das classes menos favorecidas. (PERROT, 1988).

Nesse bojo, emergiu-se o movimento social denominado como feminista. De cunho reivindicador, tal movimento foi marcado por “ondas”, isto é, períodos de efervescência, problemáticas e de denúncias diferenciadas questionando o sexismo. Na “primeira onda”, ocasionada no final do século XIX até o final da primeira metade do século XX, o ponto de questionamentos centravam-se na luta pelo direito ao voto, pela educação e direitos civis de forma igualitária (ALVES; PITANGUY, 1985), e também representada pela

educadora Henriqueta Galeno, objeto da presente dissertação. A “segunda onda” do movimento feminino, nos Estados Unidos e na Europa, estendeu-se após a Segunda Grande Guerra, entre as décadas de 1960 e 1970, mais precisamente pela inserção das mulheres no movimento hippie, questionava para além da sociedade capitalista, os padrões patriarcais, dando visibilidade ao “livre arbítrio” na decisão do destino de seus corpos e na busca do prazer conforme desejassem. (TELLES, 1993).

Centraremos foco, no entanto, na participação social feminina na primeira metade do século XX, por ser o período de formação educacional e atuação docente e social de Henriqueta Galeno.

Em uma perspectiva macro, o feminismo como movimento social, contestador do poder patriarcal sobre as mulheres, desenrolou-se desde o período da Revolução Francesa, na final da penúltima década dos anos de 1700. Nesse contexto, elas reivindicavam o direito ao alistamento na carreira militar e ter acesso os instrumentos de resistência ao poder/ exploração do segundo estado, que é a nobreza: as armas. Com essa experiência, as mulheres ganharam seu primeiro lugar, no que tange serem ativas para a transformação de alguma problemática social e pessoal, podendo abranger os aspectos de labuta, de subsistência, e de educação.

Acerca das ondas do fenômeno feminista, a primeira, deu-se no Brasil, na região sudeste o Feminismo Anárquico. Desenrolou-se também na transição do século XIX e XX, na região centro-sul. As principais pautas das resistentes calcavam-se nocivo ao desenvolvimento da formação da mulher.

O amor e as uniões livres, ainda na sociedade burguesa, seriam uma forma de libertação da mulher e também uma forma de aprendizagem para vida livre futura (para homens e mulheres). Além disso, para que um casal tivesse filhos, deveria existir entre eles somente vínculos de afeto, nunca leis jurídicas ou religiosas, aliás, nesse sentido, para as anarquistas paulistanas, assim como para as libertárias citadas no capítulo anterior, a maternidade deveria ser algo consciente e fruto da vontade de um casal. (MENDES, 2010, p. 183).

Nessa perspectiva, anarquismo no feminismo defendia o direito pleno da mulher escolher o que seria melhor para o seu futuro, sem a necessidade de um homem para provê-la. A Igreja, especificamente a católica, era a peça-chave da subserviência da mulher. O amor entre homem e mulher para as mesmas poderia ocorrer de forma igualitária, isto é, por uniões livres, longe do matrimônio, bem como pela experiência dos relacionamentos serviriam para as mesmas adquirirem conhecimento para as suas vidas futuras.

As vertentes do movimento feminino nas terras brasileiras começaram nos fins do século XIX e se desenrolaram posteriormente até a década de 1930 (período em que Henriqueta Galeno atuou timidamente nestas causas). O movimento sufragista, representado

Bertha Lutz, foi o foco dessa primeira onda, com caráter conservador e recatado, diferente da década de 60, onde o feminismo voltava-se para o corpo e para o pudor. Entretanto, essa alteração tênue e lassa na concepção da mulher buscar pelos seus direitos por outro lado não desconfigura o modelo patriarcalista e machista. (LÔBO, 2010).

## 2.2 HENRIQUETA GALENO NO CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO DO CEARÁ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

É notório percebermos que com o advento da República, bem como da conquista da mulher do direito ao voto dado em 1932, “*fruto do movimento feminista que condicionava a mulher ao cuidado doméstico, restrito ao lar e à procriação, foi questionado. E tal questionamento configura-se em momento fundamental para o desenvolvimento da cidadania brasileira*”. (OLIVEIRA, 2013, p. 05). As mudanças econômicas foram preponderantes para tal acontecimento: a Revolução Industrial, as Primeiras Grandes Guerras, bem como a abolição da escravatura, fez a sociedade brasileira pensar e requisitar a mulher para o mercado de trabalho. (SCHWARCZ; STARLING, 2015).

No período elencado, mudou-se a concepção do que seria “mulher”. Sem a companhia da figura masculina no passeio, nas lojas, públicas, isto é, no meio social, ela foi ganhando novas características e atribuições. O novo lócus do gênero feminino fixava-se no balcão, nas fábricas, nas grandes casas, nas agremiações literárias, nas editoras, nos jornais e no ambiente escolar (MALUF; MOTT, 1998).

Deste modo, elencaremos o surgimento dessa “nova mulher”, na perspectiva de Thompson (2004), ou seja, “*sempre encarnada em pessoas e contextos reais*” (THOMPSON, 2004, p. 10), que elaboraram suas próprias formas culturais, de convivência social e resistência – experiências - em determinado período histórico, e não como algo imóvel, uma categoria ou estrutura.

Nas terras alencarinas, ou seja, no Ceará, podemos observar as figuras de Francisca Clotilde, primeira educadora da Escola Normal; Alba Valdéz, primeira mulher a ingressar na Academia Cearense de Letras e a se engajar na Liga Feminina. (ALMEIDA, 2012) como exemplos dessas mudanças no espaço destinado às mulheres. No entanto, estas transformações no comportamento feminino, dadas ao longo das três primeiras décadas do século XX.

Das madeixas longas e encaracoladas artificialmente a ferro de frisar, e longos vestidos rendados em que cobria do pescoço aos pulsos e tornozelos, uma nova roupagem

representava a mulher do primeiro quartel do século XX: uma mulher moderna, que não mais frequentava apenas teatros e jantares, mas emancipada com cabelos curtos, com tornozelos à mostra, e saudável por conta da ginástica. Esta nova visão feminina demonstrava não somente a mudança do corpo e da mente, mas também do cenário social citadino em que vivenciava. Da atmosfera paroquial por uma atmosfera cosmopolita e metropolitana, que se desenrolavam as mudanças mais visíveis (MALUF; MOTT, 1998).

A moda vestuária, resultante de uma fabricação industrial seriada, necessitou essencialmente da imprensa local para publicar seu “efêmero e da fantasia” na urbe fortalezense. Do vestido preto tipo balão (com crinolina na armação e com várias camadas de anáguas), da cartola e da sobressaca, antes prevalecente no gosto urbano patriarcal e aristocrático, com o advento da República e da *Belle Époque* nas capitais brasileiras, a indumentária tornou-se mais leve e democrática: com paletó e chapéu de palha, e tecidos de tons brancos e claros. (PONTES, 2001). E Henriqueta, adotava este padrão, como observamos na foto abaixo.

**Imagem 1 - Henriqueta Galeno na Praia do Peixe. Ano de 1921**



Fonte: Fortaleza Nobre. Arquivo pessoal de Clóvis Acário Maciel.

Nos primeiros anos de 1900, Fortaleza já exibia seus vestidos abaixo dos joelhos, bem como as moças desfilavam na beira do mar suas malhas justas ao corpo: que seduziam os homens e fascinavam suas usuárias. As senhoras e moças ainda usavam vestidos balão. Mas ver um pedacinho de pernas delas era motivo de alegria e glória para um rapaz (NOGUEIRA, 1984).

Exemplo disto se encontra na própria biografada em questão: Henriqueta Galeno. Em destaque, na imagem 01, encontrava-se, da esquerda para a direita: Júlio Maciel,

Demócrito Rocha, Henriqueta Galeno, Júlia Galeno (sua irmã), Cruz Filho, a beletrista e amiga Adília Moraes, e Gastão Justa.

Na imagem 02, também da esquerda para a direita, Demócrito Rocha, Henriqueta Galeno, Júlia Galeno, Adília de Moraes, Gastão Justa e Júlio Maciel. Podemos perceber que a mesma estava em um local há pouco tempo propício para as moças de família da época: a praia. Somente após os anos de 1920, iniciado por poucas pessoas, os banhos de mar foram praticados em Fortaleza, especificamente na Praia do Peixe, atualmente conhecida como Praia de Iracema.

**Imagem 2 - Henriqueta Galeno, em um momento de lazer, junto com literatos, na Praia do Peixe. Ano de 1921**



Fonte: Fortaleza Nobre. Arquivo pessoal de Clóvis Acário Maciel.

A década de 1920, também conhecida como os “anos loucos” caracteriza-se pela imensa sensação de bem-estar e liberdade da mulher que os últimos séculos prendia a humanidade: prova disto está na vestimenta. Em busca de alcance do mesmo espaço que o sexo forte, libertou-se do espartilho, dos vestidos longos e rendados. Os homens por sua vez, os homens modificaram a concepção de terno. Como muitos dos homens perderam sua posição na sociedade para ir para a Guerra, ou então porque perderam seu status sustentados pelo consumo de seus produtos de suas fábricas e lojas, bem como a tecnologia mudara suas indumentárias: das carruagens para os fordes turbinados à gasolina. Das peças mais requintadas e escuras, deu-se lugar a tecidos mais claros de linho, engomados e esportivos, com direito a lençinho no bolso do paletó. (CHATAIGNIER, 2010). Enquanto as mocinhas, senhoritas e senhoras, vestidos de corte reto, sem cintura, ganharam destaque nas prateleiras

das lojas da Fortaleza que respirava os ares culturais e civilizatórios de Paris. Os jornais e revistas da época esbanjaram anúncios do que se era para vestir nos bailes, salões, no Passeio Público e nos teatros (SILVA, 2004), também na Praia do Peixe, local em que Henriqueta está muito feliz junto com sua irmã Julinha Galeno e seus amigos literatos!

Mas para entendermos todo essa conjuntura da maritimidade, isto é, da “*compreensão das relações estabelecidas entre a cidade, o mar e o marítimo [...] da constituição das relações da sociedade local com o mar*”. (DANTAS, 2011, p. 13), se faz necessário como realizar uma breve contextualização, um apanhado de como se desenvolveu o trato no mundo ocidental até chegar à cidade de Henriqueta Galeno.

Para Dantas (2011), o primeiro contato dos europeus com o mar, no sentido do desbravamento seu deu com as Navegações Marítimas, entre os séculos XVI e XVIII, com a Expansão Marítima. Momento este, marcado por contradições: por um lado, a invenção dos instrumentos de navegação, como o astrolábio que demarcava as horas, dos mapas, entre outros como a bússola (de influência chinesa); e por outro, a Igreja católica, impondo o medo pelo imagético: mostrando monstros marinhos que comiam embarcações, da Terra plana com um abismo no final, fazendo sempre os mercantilistas navegadores viajar contornando os litorais, as costas.

Em contrapartida, de o período colonial cearense, os europeus, especificamente os portugueses, não viam no mar bom proveito, tiveram que ocupar primeiramente o interior, dando origem a cidades como Viçosa do Ceará por exemplo. Aquiraz, primeira capital do Siará Grande (antiga denominação do Ceará), foi palco de habitação dos indígenas refugiados da seca. Tanto é que hoje existe seus remanescentes, a Tribo Jenipapo-Kanindé, oportunidade esta que tive de conhecer com a entrevista da primeira cacique do Brasil, mais conhecida como Pequena, em uma aula de campo, quando fazia Especialização em História do Brasil.

Retornando a questão central aqui evidenciada sobre a maritimidade em Fortaleza, no século XIX, a temperatura era mais amena, cerca de 26° C. Barão de Studart (1909) elenca que a brisa do mar curava os males de uma doença bem corriqueira na época: tuberculose. (STUDART, 1900). Entretanto, em dias mais calorosos, chegava a 30°C, fazendo as serenatas ocorrerem a noites de Lua cheia, pois quando os postes dos logradouros eram apagados, “[...] *Os participantes dirigiam-se às praias para estabelecer nas dunas brancas, iluminadas pela Lua, aproveitando-se das baixas temperaturas.*” (DANTAS, 2011, p. 35).

O fluxo migratório do litoral fortalezense se deu primeiramente pela atividade pesqueira, intensificando a construção de casas de palha, morada das comunidades pesqueiras que lá habitavam e adquiriam seu sustento, que se estendia do Mucuripe até o Arraial Moura

Brasil, atual bairro do Pirambu. Nesse contexto de segregação social, o bairro Centro delimita-se como um lugar do poderio comercial, dos serviços do terceiro setor, do convívio e sociabilidade das classes abastadas, como o Passeio Público. Após a década de 1920, o local em que Henriqueta Galeno visitou e chegou a tirar fotos, como vemos traduzindo-se em um momento de divertimento, revela-se como uma paisagem elitizada, recheada de clubes em que os subalternos jamais poderiam frequentar, diga de passagem.

A antiga praia do Peixe é ocupada por residências e clubes de classes abastadas. O veraneio instaurava-se com a construção de casarões, como o do coronel Porto (1926-atual Estoril), os clubes estruturavam-se a partir da construção da primeira sede do Náutico Atlético Cearense (1929) na praia Formosa, ao lado da Ponte Metálica. [...] Nesta época, a praia torna-se um dos mais importantes pontos de encontro da cidade, rivalizando-se com a Praça do Ferreira[...]. (DANTAS, 2011, p. 48-49).

Antes desse período, tal local era frequentado por boa parte da classe subalterna na cidade fortalezense: alcoólatras, “vadios”, retirantes e prostitutas. Com a inserção da elite na visita à praia, tanto para passeio, como para banhos de mar (inclusive indicado pelos médicos higienistas do período para a cura de doenças), começam assim a condenar a “contaminação” destas pessoas marginalizadas, para o convívio com os abastados. (SOUZA, 2002).

[...] a tentativa de algumas meretrizes de tomar banho de mar no pedaço da praia, resguardado pela polícia para o banho das “senhorinhas” provocou escândalo, -“habeas corpus”, envolvimento do mais alto tribunal do Estado. O espaço público assim, a paria, foi privatizado partir de critérios moralizantes: as sexualmente ordenadas, as senhorinhas, de um lado; as sexualmente “pervertidas”, as meretrizes do outro. A mistura, que poderia provocar o “contágio moral” entre umas e outras, estava terminantemente proibido. Alcoolismo e prostituição, embora percebidas enquanto o lado “perverso” e “degenerado” para homens e mulheres eram tratados pela sociedade segundo distinções de gênero: Para o mal que acometia para homens tinham uma preocupação de curar, em “recuperar” este homem perdido. Em relação às mulheres prevalecia uma intolerância explícita: para a doença que acometia as mulheres não havia cura nem tolerância. O “desvio” da norma sempre custava caro para as mulheres do que para os homens, o que não deixava de funcionar como um reforço para a domesticação da sexualidade feminina: o caminho do desregrado, do descontrole, era um caminho sem volta. (SOUZA, 2002, p. 88).

A imagem de Henriqueta com seus amigos literatos (na imagem 02) revela a moda nossa nos loucos, que agradava os olhares médicos. Objetivando problematizar os elementos maléficos à saúde pública fortalezense, o Dr. Virgílio de Aguiar, publicou, em 1913, um amplo artigo, intitulado de *A Moda e a Higiene*, na *Revista Norte Médico*, impresso do Centro Médico Cearense. Para o referido médico social, as vestimentas modernas denegriam a saúde feminina. Aguiar por sua vez, condena fervorosamente tal prática feminina, afirmando:

[...] como um atentado petulante e irreverente à Higiene, atroz suplício para as mulheres, ou inconveniente moral por seu estilo sedutor. [...] Especificamente, sua crítica se dirigia ao uso do espartilho, do vestido justo e sapatos de bico finos e saltos altos, estilos predominantes na década de 10 e que estariam escravizando as mulheres em nome da elegância e da beleza. Por imobilizar o tronco feminino para criar efeito cintura fina, o espartilho é a peça mais condenada pelo médico entre as cidades. Para Virgílio, a constrição espartilhar comprimia e atrofiava os seios, frenava a respiração. Sufocava e deslocava os órgãos uterinos, não raro provocando esterilidade e aborto (este porém, pouco sabido porque era segredo eu não transpõe o lar). Sempre citando médicos estrangeiros que abominavam o espartilho, o clínico cearense chega a lembrar um caso fúnebre contando por Ambroise, Paré, onde uma noiva morreu de apoplexia durante uma cerimônia nupcial causada pela constrição espartilhar). (PONTES, 2001, p. 155).

Neste contexto feminino do primeiro quartel do século XX, ainda que o cenário já demonstrasse alteração no que concerne ao espaço social destinado à mulher, diversos preceitos do Código Civil de 1916 sacramentavam a inferioridade da mulher casada ao marido. Ao homem, chefe da sociedade matrimonial, competia à representação legal da família, a organização de seus bens materiais e singulares da esposa, o direito de escolher qual local residir. Assim, a referida ordem jurídica legitimava o molde que estabelecia a mulher como subordinada ao marido. A esta restava apenas dever de cuidar do lar, sem qualquer direito civil (MALUF; MOTT, 1998).

Vale destacar que a própria cultura deve ser vista como um espaço de conflito e mutável, como colocava Thompson (1998), ou seja, as mulheres não foram meras vítimas passivas na história, mas sim sujeitos ativos e capazes de promover mudanças pessoais e no próprio contexto político, econômico, social e cultural. É com essa compreensão que se enseja luz a vida de Henriqueta Galeno, mulher que atuou ativamente nas transformações socioculturais de seu tempo.

### 2.3 HENRIQUETA GALENO NO CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO DO CEARÁ NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Remetendo-se ao período colonial, o “sexo frágil” era relegado à educação formal nos moldes da Companhia de Jesus, tais como os filhos da classe subalterna, isto é, dos pobres e escravos. As meninas e adolescentes da América portuguesa quando não eram educadas no seio do lar, eram entregues as freiras dos conventos, das quais aprendiam as prendas domésticas para o futuro papel de dona de casa.

Quando os pais mais esclarecidos entendiam que suas filhas deveriam aprender a ler e escrever, isso acontecia dentro dos lares, e aquilo que lhes ensinavam era muito diferente do que era oferecido aos meninos. A ida das jovens ao convento ou

recolhimentos significava aprender a bordar, coser, fazer doces, ler, escrever e contar; um pouco de latim, música e história sagrada. Uma educação que visava sobretudo, preparar as jovens para o casamento em idade de extrema juventude. A sexualidade era reprimida e a extremada vigilância da família e da Igreja colaborava para a imposição de valores misóginos [isto é, de que a mulher deveria ser resguardada e vigiada, pelo fato de possuir o pecado original herdado de Eva]. (ALMEIDA, 2014, p. 61-62).

O pudor feminino não se limitava ao modelo educacional das prendas domésticas. A Orientação Sexual, considerado atualmente como um Tema Transversal, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, no Brasil Colônia podia ser considerado como uma prática herética, e/ou causa estabelecimento de um Tribunal de Inquisição! Pois a prática sexual tanto era reprimida pela família como pela Igreja, entendendo como o sexo apenas para procriação, isto é, para gerar filhos. Possuída pela mancha do pecado original, a mulher para não perder a sua “pureza”, deveria ser supervisionada pela figura masculina do pai, irmãos e esposo. A religiosidade era o meio mais propício para o alcance dos moldes comportamentais femininos. (ALMEIDA, 2014).

A importância do emprego das moças no Ensino Primário nos fins do século XIX no Ceará reflete no fortalecimento da feminização do magistério na transição para o século XX, com o advento da República, e ganha força, pela a profissionalização e pelo aumento do seu ingresso, legitimado pela ideologia da professora vocacionada e destinada por Deus a cuidar das crianças como suas genitoras. (ALMEIDA, 2014).

Nessa perspectiva, a primeira Escola Normal do Ceará, no dia 22 de março de 1894, inicia-se suas atividades, com o intermédio do professor José de Barcelos, localizando-se “*em Prédio na Praça Marquês de Herval (atual Praça José de Alencar). O estabelecimento teve o nome, posteriormente, mudado para Instituto de Educação*” (NOBRE, 1988, p. 107).

Os anos se passam, e em contrapartida, a passagem do Império para a República, marcam rupturas decisivas da condição do mulherio brasileiro. A separação da Igreja do Estado definiu suas novas atribuições às mesmas e a sociedade brasileira como um todo. Os vigários já não mais assinavam e oficializavam em seus livros nascimentos, casamentos e obituários, agora essas práticas destinavam-se aos cartórios. As novas concepções que valorizavam a ciência como propagadora do progresso, embebidos pelo positivismo de Auguste Comte, revela a religiosidade cristã e católica como símbolo da superstição, onde a “[...] *liberdade de culto, o casamento civil, a laicização dos cemitérios, [...] a negação do direito ao voto aos padres e a proibição do ensino religioso nas escolas*”

(ALMEIDA, 2014, p. 62), reverberam toda essa mudança na estrutura institucional da sociedade brasileira desde então.

Em meio de tantas mudanças, por outro lado, ainda no bojo da sociedade brasileira encontrava-se latente as cobranças de uma conduta exemplar das moças de família, que fora do ambiente doméstico, necessitava de uma educação formal, *“caracterizada por poucos namoros, vida recatada e às atividades da igreja [...] Para isso necessitava de uma educação baseada, antes de tudo, em valores religiosos [...] não poderiam ser questionados”* (JÚNIOR, 2002, p. 86-87).

Não somente na formação humana, mas também no ato de exercer a profissão de professora, os preceitos moralistas marcava, o cotidiano, envolvendo decisões que deveriam ser tomadas, ocasionando, muitas vezes, a negação de prazeres por parte das mulheres. Que pretendesse seguir magistério deveria abdicar da função de ser mãe, porque, na primeira metade do século XX, era de praxe que as mulheres que casassem deixassem de trabalhar para “cuidar” da família e educar os filhos. Era quase uma afronta aos costumes uma mulher grávida ministrar aulas, já que poderia estimular “insinuações” por parte dos educandos. (JÚNIOR, 2002, p. 90).

Nessa perspectiva, se estabelece em todo território nacional as Escolas Normais, isto é, para a formação das professoras das primeiras letras, e/ou o Ensino Primário, atualmente denominado pela Lei 9394/96, como Educação Infantil e Ensino Fundamental.

No campo profissional, as escolas normais deveriam formar professoras para um desempenho pedagógico calcado no humanismo, na competência e nos valores sociais. Essa educação, em nível médio e com um objetivo definido sem mais delongas, deveria bastar, e as jovens brasileiras cresceriam com o destino profetizado de serem esposas, mães e, em caso de necessidade, professoras. Nesse contexto, a Escola Normal voltava-se para a educação feminina como parte do projeto civilizador da nação e cumpre funções de educar e instruir as futuras esposas e mães, as donas de casa encarregadas da educação familiar e do fortalecimento da família. (ALMEIDA, 2015, p. 70).

Ao mesmo tempo em que o lugar de ensino das futuras “tias” se desenvolvia nas Escolas Normais; nos Liceus se destinava o preparo da elite masculina, no ingresso dos cursos superiores da época: Direito e Medicina. Dificilmente ou por vezes raramente, se via uma mulher no rol do professorado do Ensino Secundário.

Apesar de o Liceu ter sido fundado em 1837 no Ceará, apenas setenta anos depois, formaram-se nesta instituição, as duas primeiras jovens. Pois eram nas Escolas Normais os locais de conclusão do ensino secundário das moças neste período, no que concerne a formação das professoras do ensino primário. Segundo o relatório de Nogueira Accioly:

Se bem que os regulamentos da Escola Normal não tenham excluído o sexo masculino de suas classes, é facto notório, digno de reparo, a ausencia completa de moços ás disciplinas de seu curso. No Ceará o privilegio feminil tornou-se quasi exclusivo, parecendo significar que as aptidões do sexo masculino lhe são inferiores

neste particular. No entanto, se a mulher por suas faculdades affectivas é mais meiga para as creanças, se economicamente grava menos os cofres do Estado por se contentar com estipendio menor, faltam-lhes outros predicados pedagogicos de capital importancia no ensino: têm menos espírito de continuidade, menos energia para se impôr a alumnos recalcitrantes, sobretudo aos de mais de 12 annos, menos resistencia á fadiga physica e mental, inferioridade de noções praticas, mais mobilidade de opiniões e de sentimentos, maior impressionabilidade nervosa, etc, o que não constitue precisamente as qualidades primordiaes, selectas, viris, capazes de suggestionar sentimentos alevantados no animo infantil, preparando-o para as agruras da existencia rude e afanosa do nosso meio. (Relatório de ACCIOLY, 1889)

Em congruência, na análise do relatório de Accioly (1889), não se fazia necessário o emprego de homens nas Escolas Normais, pois cabia às mulheres frequentar seus bancos, já que eram as mesmas mais dóceis e pacientes com os pequenos, bem como representavam uma mão de obra mais barata ao Estado as custearem. Para o período, o papel do sustento dos lares cabia ao sexo masculino, às moças de família poderiam atuar profissionalmente apenas no ensino primário, até conseguirem matrimônio, por este ser concebido como extensão das atividades maternas inatas ao sexo feminino.

Oliveira (2007), ao mencionar o relatório de 1918, relatava como se dava o processo de escolha do corpo docente do Liceu do Ceará: através de seu sexo, de sua formação acadêmica de bacharel, pelo resultado satisfatório nas provas da seleção, bem como pela sua boa índole e decoro social.

[...] professorado masculino, escolhido entre indivíduos cuja capacidade seja assegurada pelo certificado dos estudos que tenham realizado, e pelo resultado satisfatório das provas a que se submeterem é capaz de, senão realizar o milagre da perfeita difusão do ensino, ao menos minorar os defeitos que acidentalmente o inquinam. (MENSAGEM da Assembleia Legislativa do Ceará em 1918).

Destarte, em discursar a pouca participação da mulher no Ensino Secundário, Oliveira (2007), inspira-me com meu objeto de estudo, minha biografada: Henriqueta Galeno. Interessante que a pesquisadora menciona em pouco mais de uma página sobre a referida professora, tendo como única fonte primária, uma pequena biografia em formato de capítulo de livro, escrita por Adísia Sá, cuja obra maior intitulava-se *Mulheres do Brasil*, de 1971. Oliveira ainda ressalta:

Isso justifica o fato de Henriqueta Galeno ter sido a única professora do Liceu encontrada no período da análise, ocupando o cargo entre 1922 e 1929. Tal fato nos levou a procurar dados dessa educadora, literata, poetisa, para que pudéssemos entender de que forma aconteceu sua chegada a um campo predominantemente masculino. [...] Ao buscarmos documentos na Casa Juvenal Galeno, fomos, pouco a pouco, descobrindo que a vontade do Poeta era que sua filha se preocupasse apenas em difundir a cultura e os movimentos ligados ao regionalismo cearense e não que se dedicasse tanto à militância feminista, como fez. (OLIVEIRA, 2007, p. 95).

Posteriormente, pertencendo ao quadro de docentes primárias no Grupo Escolar de Fortaleza (STUDART, 1910), que no Ceará, constavam nesse período a quantidade de vinte estabelecimentos. Que coadunando esta afirmação, Pinto (1939), revelou que desde 1759 até a independência, existiram somente a quantidade de vinte e sete escolas de instrução primário no território cearense!

### Imagem 3 - Contexto da Educação Primária do Ceará Império

70

REVISTA DO INSTITUTO DO CEARÁ

quando o Brasil deixou de ser colônia, ou melhor, no espaço de 63 anos, foram criadas na dita capitania, *unicamente*, VINTE E SETE ESCOLAS.

Computada que fora, naquela época, a população do Ceará, num total de 200.000 almas, temos o alto número de 7.407 pessoas para cada escola.

Eis aí tudo quanto se fez, no *regime colonial*, em prol da *instrução primária da capitania do Ceará*.

Fonte: Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, 1939.

Assim, podemos inferir que o Ceará como lócus de ensino formal, deu-se tardiamente, por conta da grande quantidade de habitantes para a mínima quantidade de escolas, demonstrando assim à ineficácia do Império em relação ao investimento na construção de escolas primárias, bem como na formação dos educadores.

#### 2.4 O GÊNERO BIOGRÁFICO NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Considerando que a pesquisa se propõe a desenvolver uma biografia, inserida no campo da História da Educação, da educadora Henriqueta Galeno, com ênfase na sua trajetória formativa e na atuação como educadora, literata e feminista, faz-se necessário compreender a conceituação utilizada acerca da biografia, ou seja, do ato de biografar no ponto de vista da historiografia, bem como sua importância para os estudos com as histórias de vida de educadores(as).

Através da Escola dos Annales, em 1929, fundadas e articuladas por Lucien Febvre e Marc Bloch, a concepção de História e de fontes históricas ampliou-se o que propiciou uma renovação da representação de tempo histórico. Deixa de aterem-se

exclusivamente aos ‘grandes vultos’ e ‘renomados feitos heróicos’, para dar lugar também à análise das ações coletivas e individuais no cotidiano, nas mentalidades, nas resistências de sujeitos antes silenciados. Tal forma tradicional de historiar foi relegada pelos Annales, na primeira metade do século XX, pelo fato do desprestígio em biografar “grandes vultos”, outrora analisados e interpretados pelos metódicos da escola positivista rankeana oitocentista, sendo negligenciado pelo meio acadêmico. Como afirma Rodrigues (2015, p. 55): “A crítica ao tradicional modelo de história personalista, centrada na figura de heróis, mártires, gênios, sábios e santos, afastou os historiadores dos estudos biográficos por muito tempo”.

Novos olhares emergiram representados na terceira geração dos Annales, como foi o caso de Jacques Le Goff (2010) ao biografar São Luís. Distanciada do personalismo, apesar do biografado ser de grande porte histórico, ganhando visibilidade nos estudos biográficos, tanto na academia como pelo público leigo. Tal compêndio mostrou não apenas fatos lineares enaltecidos, mas fez um apanhado da vida de São Luís em consonância com toda a conjuntura histórica de seu tempo, sua participação nas cruzadas, dos percursos de sua canonização, da organização da monarquia absolutista francesa (RODRIGUES, 2015, p. 55) ensejando outro olhar para os estudos biográficos. Vale destacar que uma biografia não se restringe às particularidades de um indivíduo, pois:

A trama biográfica tem um sentido metonímico. Busca conhecer o todo pela parte. O todo é a sociedade da época vivida pelo personagem central e pelos sujeitos que com ele formaram a urdidura apresentada pelo narrador, na qual se deu a interatividade entre o personagem e o ambiente físico e social (RODRIGUES, 2015, p. 57).

Num primeiro momento a biografia, por sua vez, era permitida apenas a partir de documentos chancelados e para figuras de poder – clero, nobreza -, num segundo momento pôde ser considerada através da oralidade de um escrito, ou imagético, dos acontecimentos individuais das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem, que teve uma grande relevância social, ganhando vida nas páginas literárias (BORGES, 2005, p. 204). Mas os estudos biográficos no Ocidente que foram marcados por uma idade heróica, passaram a fase modal e desta para as idades hermenêuticas. Longe da visão linear e teleológica, proposto pelos primeiros estudos biográficos, esta última biografia, assim como as novas análises, preocupa-se em evidenciar a “dialética entre acontecimentos, conjunturas e estruturas, elites e massas, indivíduos e grupos, palavra e ação” (LORIGA, 2012).

Vale destacar que a aproximação entre a história e a biografia após o movimento dos Annales, ocorreu com maior impulso a partir dos anos de 1960. Nessa perspectiva em meados de 1970, Pierre Bordieu (1996) critica a biografia como trajetória

estabelecida e propõe a abordagem de uma biografia que analise a ação e representatividade do indivíduo na constituição, organização e manutenção nos diferentes campos de atuação social, tais como o político, o religioso, o econômico, o intelectual e o libertário. Ao contrário de Bordieu, Levi (1996) entende a biografia enquanto um espaço, um lugar de tomada de decisões no qual transpiram tensões entre a racionalidade dos sistemas sociais e de emancipação dos indivíduos.

Na década de 1990, ocorre um largo debate que vai definindo um minucioso critério metodológico dos pesquisadores para a abordagem biográfica, como é o caso na análise das vidas de São Luís e São Francisco de Assis, por Jacques Le Goff. Em vez da história política com o olhar das poltronas imperiais ou presidenciais, valorava-se a ‘história-total ou global’, no sentido de “uma correlação entre todas as instâncias de uma sociedade, que expressariam um ‘fato total’ [...] o historiador deveria procurar, nas partes, a presença do todo, desse ‘fato global’, que liga todas as partes em uma totalidade” (REIS, 2000, p. 80). A biografia de Henriqueta, congruente ao exposto, permite articular o individual ao social, o micro ao macro (LORIGA, 2012). Acredita-se, pois, que o designo de uma história total, é o da retomada do conjunto de uma sociedade, da significação comum a todos os fenômenos de um período, da lei que dá conta de suas coesões, do ‘rosto’ de um período (REIS, 2000), no qual não se pode invisibilizar as minúcias do cotidiano, das pessoas comuns para compreender o contexto com maior fidedignidade.

Machado (2010) assevera que o método biográfico na História da Educação endossa o entendimento de que o indivíduo e a sociedade são esferas inseparáveis da compreensão histórica, ao analisar a realidade como um “conjunto mutável de interdependência entre os indivíduos na totalidade das suas ações e múltiplas experiências de vida, em suas intrincadas relações sociais” (MACHADO, 2010, p. 115).

Importa salientar que a biografia nutre relação com diversas áreas do conhecimento – História, Educação, Sociologia, Antropologia, Literatura, dentre outras. Na interface Educação e História, a biografia permite analisar a diversidade de pessoas em suas particularidades, considerando a história das práticas e representações que fomentam a trajetória de formação e docente de maneira contextualiza.

No contexto sócio histórico da mulher cearense oitocentista, apesar das diversas transformações, sua inserção educacional ainda era irrisória. O analfabetismo ainda vigorava na sociedade brasileira. De acordo com Girão (1957) os principais locais de ensino das meninas e moças da capital alencarinas, era o Colégio da Imaculada Conceição (de meados de 1860), junto com o Seminário Episcopal, (1864). Em meio às quarenta e três

escolas masculinas, apenas nove eram destinadas ao gênero feminino. Mais da metade dos habitantes de Fortaleza não sabiam ler e escrever no final do século XIX. Este cenário era resultado de uma segregação social exclusória e de uma sociedade patriarcalista e machista em que havia o temor dos pais de que suas filhas desviassem o caminho da escola, em direção aos flertes e correspondências amorosas, perdendo sua “honra”.

Naqueles tempos, a prática do estudo feminino ficava a cargo da estirpe abastada, isto é, dos ‘bem nascidos’, e ainda assim, em espaços reservados e sob olhares atentos que disciplinavam os corpos (FOUCAULT, 1986). Biografia de Henriqueta Galeno fomenta a compreensão dos mecanismos de fuga dessas moças e põe em discussão paradigmas, valores, costumes e tradições que serviram de sustentáculo para as sujeições do feminino na primeira metade do século XX.

### 3 A INFÂNCIA, ADOLESCÊNCIA E OS PERCURSOS DE FORMAÇÃO: ENTRE A EDUCAÇÃO DOMÉSTICA E INSTITUCIONALIZADA

#### 3.1 O NASCIMENTO, A MENINICE E A “EDUCAÇÃO PRIMÁRIA” NO SEIO FAMILIAR

**Imagem 4 - Mãe de Henriqueta Galeno**



Fonte: Casa de Juvenal Galeno.

**Imagem 5 - Pai de Henriqueta Galeno.**



Fonte: Casa de Juvenal Galeno.

Diferentemente da maioria das fortalezenses de seu tempo, a educadora biografada, Henriqueta Galeno, seguiu uma trajetória incongruente a esperada para as boas moças: alcançar um bom matrimônio, constituir família e se dedicar ao lar.

Nascida numa quarta feira de Cinzas em 23 de fevereiro de 1887, na residência de número 272, na rua, atualmente, denominada Rua General Sampaio, na cidade de Fortaleza, estado do Ceará. Seus genitores foram Juvenal Galeno (nascido a 27 de setembro de 1836 e

falecido a 7 de março de 1931) e Maria (Mariquinhas) do Carmo Cabral Galeno (nascida a 18 de novembro de 1856 e falecida a 16 de abril de 1942). Seus irmãos, José Maria, Antônio, Maria do Carmo, José- Nascidos na Aratanha, no sítio da Boa Vista- Júlia e João (como Henriqueta), nascidos onde hoje é a Casa de Juvenal Galeno. (SÁ, 1971).

Seus genitores, Juvenal Galeno da Costa e Silva, nasceu em Fortaleza, 27 de setembro de 1836, falecendo na mesma cidade em 7 de março de 1931, na residência em que vivenciou por mais de meio século e que hoje conhecida de Casa de Juvenal Galeno, na Rua General Sampaio. Primo do primeiro historiador cearense, Capistrano de Abreu. Fez seus estudos primários na serra de Pacatuba, local este que constava o Sítio da Boa Vista (recheado de pés de café, consistindo em ser outra renda para a família Galeno). (FIALHO; SÁ, 2016).

Desde jovem o pai de Henriqueta se enamorava pelos livros. Ao quatorze anos lá foi ele para o Aracati com seu tio, pai de Rodolfo Teófilo, para trabalhar em uma farmácia, e nas horas livres, estudar Latim. Posteriormente, em 1851, volta para Fortaleza, e conclui seus estudos em Humanidades no Liceu cearense, em 1855. Após isto, parte para o Rio de Janeiro, passando a trabalhar em Tipografias com Machado de Assis, sujeito este influenciador para as suas poéticas futuras. (FIALHO; SÁ, 2016).

E em 1860, Juvenal Galeno ganha visibilidade no campo literário com seu primeiro poema fantástico, intitulado de *A Machadada*, “[...] editada pela Tipografia Americana [...] e com uma segunda edição somente cento e nove anos depois, pela Editora Henriqueta Galeno.” (BÓIA, 1986, p. 13).

Em sua maturidade, após a década de 80 do século XIX, o genitor de Henriqueta compra a casa na rua General Sampaio, onde nunca mais sai, tem seus primeiros rebentos: Henriqueta, J ulinha e João. Em 1887, torna-se membro fundador da primeira instituição historiográfica da Terra da Jandaia: O Instituto do Ceará. Também ocupa a 23ª cadeira na Academia Cearense de Letras, redigindo vários textos poéticos relacionados à figura popular cearense: o jangadeiro, o cajueiro, o uso da medicina caseira. Dentre suas obras, destacam-se *Lendas e Canções Populares*, *Canções da Escola*, *Cenas Populares e Lira Cearense*. Foi Bibliotecário Público até 1908, acometido por um Glaucoma, perdendo a visão. Falece nonagenário, em 1931, sepultado no Cemitério São João Batista, na capital cearense (FIALHO; SÁ, 2016).

Sua mãe por sua vez, Maria do Carmo Cabral, mais conhecida por Dona Mariquinhas para os mais íntimos. Ao contrário de seu esposo, ela não se dedicou ao campo intelectual. Como as moças guiadas pela sociedade patriarcal de sua época, casou-se, tivera sete filhos e dezenove netos. (BÓIA, 1986).

Seu papel neste contexto consistia em receber os convidados em sua residência, cuidar dos filhos, da casa, bem como no ensino das filhas nas prendas domésticas. Ao analisar as fotografias de Dona Mariquinha, percebe-se que a mesma pertencia a classe abastada da Fortaleza oitocentista, pois sua indumentária constava aos moldes de Paris dos Belos Tempos: com tecidos rendados. Para o memorialista Eduardo Campos (1984), desde o ano de 1870 por diante tem-se a moda com tantas opções: jornais lotados de anúncios da moda que vinha dos navios, direto de Paris! Essa moda ia direto para as lojas de da capital e para as principais cidades cearenses, como Sobral, e Aracati, pela estrada de Ferro de Baturité, construída pela mão de obra retirante, às custas de parques quilos de farinha, carne seca e rapadura. (PONTE, 2001). Deixando as famílias da aristocracia cearense enlouquecidas pelos novos vestidos que:

[...] se tornam mais extensos os anúncios publicados aos jornais. Predominam os cretones, os fustões, as sedas mais delicadas; a cassa, melhor trabalhada em algodão aperfeiçoado, é fina e transparente; surgem os merinós (ou mirinós), decorrentes de tecidos tomados a lá de carneiros, de igual denominação. E a cidade é inundada dascascarrilhas (à feição de cáscaras, indumento originário de tribos da Amazônia), de seda, em diversas cores. Dão de entrar em uso as “saídas de baile” “de cachemira da Persia, objecto de luxo, enfeitado ricamente.” Damas pisam calçados franceses, alemães, ingleses e polacos. As voltas, enrodilhadas em pescoços morenos ou alvos, são agora de plaqué ou madreperola, material o último a ser abusivamente usado, chegando a figurar em cabos de revólveres, procedimento que alcança nossos dias. É tempo também do chamalote, da bombazina, mas preferentemente do chamalote, este a impor-se como tecido obrigatório no indumento feminino, por significar bom gosto de toda uma sociedade que, durante decênios, comparecerá aos atellés fotográficos de então (principalmente os de N. Olsen e À. Corrêa) [...] no último quartel do século passado, ilustres representantes da sociedade sobralense (CE), com os seus casaquinhos e saias, aqueles bordados ou plissados na frente, correndo por diante do corpo até a cintura, enriquecidos por botões ou aplicações de bordados, e ao pescoço, de modo bastante discreto, deixando escapar o branco da camiseta que deveria, pelo quese depreende, alcançar o pulso, onde se descobria de igual modo. As saias são arrepanhadas às vezes em múltiplas parcelas a fingirem fofos contidos pela rigidez do tecido, e, em alguns casos, como mostra a foto 1, de trevés, sobrevivendo a impressão de que a fazenda é tomada para trás em falso laço sublinhando o fofu intencionalmente ostensivo.

A estampa da bela senhora (foto 1) concede-nos a idéia exatado traje de freqüência social da sociedade à época, com saias duplase babados, a primeira destas arrepanhada e estilo descrito, permitindo ver-se a renda valenciana aplicada sobre forro de cor tênue. dominam “rosetas de fitas estreitíssimas de setim, que servem de fecho ao cós das túnicas, que, em forma de donaire, tufão sobre a saia dos vestidos inteiramente lisos adiante”. Às mangas, diz-se mais, “são extremamente curtas”, “tomadas generosamente de rendas” de point d’Alençon ou de Valenciennes, que a parte inferior da manga forma o todo dela. “As luvas de pelúcia perfumada, chegando quasi ao cotovello, eguarneçada de arminhos, os leques de rendas bordados a ouro elantejoulas, um ou dois ma signaes pequeninos no rosto... [...] Esses sinais, adiante-se, alcançaram os nossos dias, reduzidos hoje a uso plebeu, sendo que, a gosto, mulheres de vida irregular ainda se entusiasmam à prática. (CAMPOS, 1984,p, 24-28)

Assim mostra-se na imagem 04: a mãe de Henriqueta Galeno, com sua roupa pomposa, rendada, aos moldes da descrição de Eduardo Campos.

Após quarenta dias do seu nascimento, batiza-se na capela do Sagrado Coração de Jesus, acompanhada de seus padrinhos o Padre Antônio Xisto Albano (que também ministrou o referido sacramento), e a irmã de seu pai, Florentina da Costa Justa. (BÓIA, 1986). Vae destacar que Henriqueta Galeno morou sempre na mesma residência até os dias de sua morte, em 1964, sendo velada no mesmo recinto. (BÓIA, 1986).

**Imagem 6 - Fachada da Casa em que Henriqueta Galeno viveu. 27 de setembro de 1919**



Fonte: Casa Juvenal Galeno.

A casa representada pela imagem 06, que é da Família Galeno, hoje tomabada pela Secretaria de Cultura do Ceará como patrimônio material e imaterial de nossa cultura, estava aos moldes do estilo neoclássico que tanto vislumbrava a sociedade fortalezense: preservada até dias atuais sua cor original verde e arquitetura. (PONTE, 2001).

A família por sua vez, era sociável e o pai, bibliotecário público, poeta famoso, tinha uma mulher caseira dotada de um senso apurado da anfitriã, gostando de receber amigos e travar amizades, como era congruente com as damas de boa família. Algumas recepções o casal prestava aos amigos, seguidas de “baile familiar”, sempre organizados pela sua então mulher dona Mariquinhas para receber a elite intelectual fortalezense. (SÁ, 1971).

As recepções serviam para ampliar relações políticas, econômicas e sociais, inclusive, para articular possíveis pretendentes a marido das filhas. “Os namoros eram cautelosos, reservados e os casamentos eram feitos mediante combinação prévia entre as famílias dos pretendentes”, segundo expressão de Cândida Maria. Enquanto todas as suas irmãs conseguiram o matrimônio, Henriqueta sequer namorou. (SÁ, 1971).

Sua educação doméstica era pautada nos ditames de seu pai o então Juvenal Galeno. Sua infância foi ao meio dos livros e das reuniões propostas pelo mesmo. Sá, 1971).

Fiz os meus estudos primários em casa, com professôres particulares, como se usava naquela época. Entre eles tive o prazer de contar com Nini Dodt Barroso, moça de grande talento, irmã do nosso querido Gustavo Barroso. Depois estudei no Colégio da Imaculada Conceição. Sou Bacharel em Ciências e Letras, diplomada pelo curso que era dirigido pelo grande mestre Soriano de Albuquerque. Fiz curso preparatório no Liceu do Ceará, onde tirei nota máxima em Português, Francês e Literatura e por um triz não fui reprovada em Matemática, matéria que nunca consegui assimilar. (GALENO, 1965, p. 03).

Apesar da formação educacional de Henriqueta Galeno ter ocorrido no ambiente familiar, concluiu o Ensino Primário no Colégio da Imaculada Conceição, lócus da educação das moças das famílias abastadas, bem como, do cuidado e do educar das meninas que perderam seus pais precocemente.

Para tanto, fomos ao arquivo da referida instituição e não encontramos documentos pessoais da biografada, devido a um incêndio que ocasionou muitas perdas para a História da Educação cearense, bem como, para a compreensão da trajetória formativa dos ex-alunos mais antigos. Esta instituição de ensino, que por felicidade tive a oportunidade de cursar minha graduação em História e colar grau lá em 2011, sendo polo da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Fortaleza, foi inaugurada em 1865 na então antiga alameda Formosa. “Fundado pelo Bispo Dom Luís [...] tendo como superiora a Irmã Margarida Bazet. [...] Entre as primeiras alunas [...] Maria do Carmo Cabral, que mais tarde se casou com o poeta Juvenal Galeno”. (NOBRE, 1988, p.71).

#### **Imagem 7 - Colégio Imaculada Conceição no período da sua fundação fins do século XIX**



Fonte: Arquivo Nirez.

Até hoje em Administrado por feiras, tinha como objetivo instruir abrigar meninas órfãs. Entretanto, após dois anos foi transferida para então Avenida Santos Dumont, cruzando

com a Rua 25 de Março. Somente depois da sua transferência em 1867, para tal avenida é que essa escola começa a receber as meninas da elite: a Henriqueta Galeno. (NOBRE, 1988). Em relação as fontes primárias do período em que Henriqueta Galeno estudou na referida instituição, como afirma os estudos de Adísia Sá (1971), não foi encontrado nenhum documento da biografada. Como mostra a nota de rodapé de seu livro de memórias:

Henriqueta estudou, como afirma em sua autobiografia, no Colégio da Imaculada Conceição. Contando com a colaboração de todo o pessoal, principalmente da ex-aluna Maria Magda Barbosa, funcionária da secretaria do colégio, conseguí que fosse feito um levantamento geral nos arquivos do estabelecimento. Como outrora não era exigido nada do aluno-no tocante a documentos, - a não ser a sua matrícula pura e simplesmente, de Henriqueta não se encontrou documento algum e até o livro de matrícula, o mais antigo talvez, onde constaria o seu nome, não foi encontrado. A explicação dada por Ir. Lins, por intermédio de Magda, é a de que o referido livro teria sido destruído por ocasião da reforma as comunidade, onde deveria se encontrar. (SÁ, 1971, p. 591).

Deste modo, fica impossibilitada a análise de documentos acerca desse período formativo. O que foi feito para desvelar e narrar a educação primária de Henriqueta, consta nas fontes bibliográficas apresentadas neste trabalho.

### 3.2 FORMAÇÃO SECUNDÁRIA NO LICEU DO CEARÁ E NA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA FACULDADE DE DIREITO DO CEARÁ

**Imagem 8 - Colégio Liceu do Ceará, na atualidade, ano de 2017**



Foto: Évila Cristina Vasconcelos de Sá.

A foto acima descreve a paisagem de uma antiga instituição de ensino que preparava a elite cearense para o ingresso das profissões mais prestigiadas pela sociedade brasileira: medicina e direito. Em frente seu segundo prédio, encontra-se na antiga Praça dos Voluntários, no bairro de Jacarecanga, cidade de Fortaleza-CE. Lá se avista o monumento-documento do escritor e memorialista cearense Gustavo Barroso, ex-aluno da referida escola e ex-presidente da Academia Cearense de Letras, conterrâneo de Henriqueta Galeno e que dá nome para essa praça atualmente. Entretanto, para entendermos a origem desta instituição de ensino, devemos fazer uma breve contextualização.

De acordo com Vieira (2002), a Lei de 1827 por sua vez, ordenou à distribuição das escolas de primeiras letras nos lugares mais populosos Brasil (Art.º 1), a promoção de professores nestes estabelecimentos de ensino (Art.º 7, 8 e 14), bem como seus salários e capacitação, no terceiro e quinto artigo, respectivamente. Apesar da discussão em prol da organização do sistema escolar, nosso país ainda caminhava em passos lentos. Somente após uma década da publicação da referida constituição, pelo Ato Adicional (1837), que a educação primária e secundária passou a ser obrigação dos ‘presidentes das províncias’ e não mais do imperador, bem como a criação das Assembleias Legislativas, dando poder aos ‘governadores’ criarem leis e implantarem políticas públicas locais. Mesmo com tais legislações, a educação cearense ainda sentia grandes estratificações, como no caso da criação do Liceu, locus de ensino da elite letrada e da preparação dos futuros bacharéis.

**Imagem 9 - Primeira sede do Liceu do Ceará no período da sua inauguração, década de 1830**



Fonte: Arquivo Nirez.

Dentre as escolas de Ensino Secundário brasileiro, o Liceu do Ceará é a quarta fundada no Brasil, e data do ano de 1843. Originada pelo Marechal e "engenheiro militar e foi o 13º presidente do Ceará e Comandante das Armas", Dr. José Maria da Silva Bitencourt. Em relação à gestão, teve como primeiro diretor, o clérigo Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil. (VITOR,1945) Já o primeiro prédio do Liceu foi inaugurado em 1894, no Centro de Fortaleza, e lá permaneceu até 1937, quando se mudou para o seu atual endereço, na Rua Liberato Barroso, no bairro Jacarecanga. Acerca das fontes sobre o período em que Henriqueta estudou e lecionou no Liceu do Ceará, além de não encontrarmos, Adisia Sá (1971), revela também que não as encontrou como vemos abaixo. Em contrapartida, conseguimos alguns indícios: na outra citação, na autobiografia que Henriqueta Galeno (1965) pronunciou, relata como ingressou no Liceu do Ceará:

A despeito das pesquisas feitas pelo Prof. Adhemar Batista, que escreve a história do Liceu, nada foi encontrado sobre Henriqueta. Acredita o Prof. Adhemar que vários documentos, inclusive fichas de alunos e prontuários de professores tenham sido destruídos, ou por ocasião da transferência do Liceu- da Praça dos Voluntários (de prédio onde hoje está a Secretaria de Polícia), para a Praça Fernandes Vieira, hoje Gustavo Barroso ou por ocasião de reforma interna no atual prédio do estabelecimento. (SÁ, 1971, p. 591-592).

Sou Bacharel em Ciências e Letras, diplomada pelo curso que era dirigido pelo grande mestre Soriano de Albuquerque. Fiz o curso preparatório no Liceu do Ceará, onde tirei nota máxima em Português, Francês e Literatura e por um triz não fui reprovada em Matemática, matéria que nunca consegui assimilar. Fiz o curso de Direito na Faculdade do Ceará e, logo ao concluir, o Presidente do Estado, Dr. João Tomé, ofereceu-me a nomeação para a Promotoria da Capital. "O Jornal da Manhã", dirigido pelo jornalista Luis Santos, que estava presente à reunião e ouviu o oferecimento do Dr. João Tomé, noticiou o fato num furo de reportagem, no dia seguinte. (GALENO, 1965, p. 07).

Assim, segundo o Diário Oficial do Estado do Ceará, Henriqueta Galeno ingressa na Faculdade de Direito do Ceará, de quarta-feira de 02 de Dezembro de 1914, aos dias 24, 25, 26 e 27 do ano corrente, realiza os exames, junto seus colegas homens e uma moça, de nome Odette Correia de Menezes, com a média oito em Enciclopédia Jurídica e oito e meio em Direito Constitucional.

### Imagem 10 - Primeiro prédio da Faculdade de Direito do Ceará



Fonte: Arquivo Nirez.

Desde a vinda da Família Real em 1808, emergiu no Brasil a valorização pela elevação de um homem por meio da conquista do diploma de bacharel. O que importava neste momento não era o sangue. A burguesia nascente nas urbes imperiais mostrava seu lugar na sociedade e na política por meio do canudo de “dotô”, para assim obter o sonhado prestígio. Ideias e livros vindos da Europa permearam os salões e cafés, e a boemia. Os jornais vindos de tipografias consistiam em serem os principais meios de divulgação dos novos bacharéis. A atmosfera da cultura europeia arraigada no Iluminismo trazia para as terras brasileiras saberes, calcados na cientificidade e sistematização. Em contrapartida, a maioria da população se esvaia no analfabetismo. Até a indumentária da formatura dos jovens aristocráticos tinha a simbologia da estratificação, representada pelas “[...] sobrecasacas ou nas suas becas de seda preta, que, nos bacharéis-ministros [...], tornavam-se becas “ricamente bordadas” e importadas do Oriente. Vestes quase de mandarins. Trajo quase de casta.[...]”. (FREYRE, 2003, p. 722).

Nessa perspectiva, da libertação política brasileira de Portugal, essa nova nobreza com raiz na burguesia, a fim de sua autoafirmação como elite e diferenciação social do restante da população considerada “atrasada” e fincada da mancha escravidão, a Faculdade de Direito do Ceará surgiu para formar os “salvadores da pátria”, que iriam administrar e legitimar as outras instituições que se configurariam na esfera social do país recém-nascido. Como pesquisadores em História da Educação não se podem analisar esse fato com os olhos do presente, pensando que os mesmos queriam estratificar o país, mas que intelectuais como

Thomaz Pompeu<sup>2</sup>, por exemplo, visavam romper até a subordinação intelectual do Brasil das terras lusitanas.

No Ceará, o ensino superior foi uma maneira de transformar o aprendizado cultural da estirpe. Na perspectiva da busca do ingresso de status social por meio do diploma de bacharel, nasceu a Faculdade Livre de Direito do Ceará. Tardiamente, vieram, também, as academias e agremiações literárias, como a Padaria Espiritual e Academia Cearense de Letras.

Doravante, primeiramente emerge nos trópicos “Faculdades”, avulsas, fora da perspectiva de universidades como se têm hoje. Vejamos que o compêndio expressa bem a importância do título de bacharel em direito para a jovem sociedade republicana brasileira: que encontrava nesta formação a base para as discussões das problemáticas políticas da nação vigente, que precisava se adequar ao modelo de civilização aos moldes europeus (BRASIL, 1913).

Entretanto, não só de flores formou-se o primeiro lócus da formação dos “doutores” cearenses. Girão (1960) elenca que muitos alunos que se formavam nesta instituição, não exerciam seus cargos. Inclusive salienta que até os conteúdos, bem como o currículo desta rebenta faculdade ponha dúvidas de seu teor. Por meio de suas memórias de aluno explica:

[...] Soriano precisava ter vivido, estudado na natureza e nos livros para dar o que sua bela inteligência prometia. A transição do literato imaginoso para o pensador não tivera tempo de se completar; ficara a meio caminho, à espera dos anos, que ensinam a ver, a observar, a conter a própria imaginação. Entre nós, as inteligências juvenis, deslumbradas pela forma, embaladas pela música da palavra, pela cadência ritmada da frase, pela própria novidade dos termos obsoletos ou neologismos, aplaudida pela imprensa provinciana, geralmente em mãos dos novos, entregam-se às lucubrações ideais, às fantasias da moda [...] (GIRÃO, 1960, p. 95).

Para a sociedade letrada cearense da Primeira República, depois anos buscando seus diplomas nas terras de Camões, como Coimbra, Évora e Lisboa, bem como nas Faculdades de Recife e do Rio de Janeiro, buscava em seus materiais novos termos, na gestualidade, nos livros importados de Portugal a legitimidade de uma nova instituição que prepararia a nova aristocracia que tanto o processo civilizatório precisara, anteriormente degradado e transmutado via de cima por preceitos de outrem.

---

<sup>2</sup> Thomaz Pompeu foi um intelectual do século XIX, que contribuiu significativamente para o desenvolvimento do conhecimento do Ceará, no que tange o relacionamento dos que homens com o meio natural, em relação do sertão; bem como na propagação da História e Educação desse lócus, na implementação e produção escrita acerca das instituições a saber: o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, a Faculdade de Direito do Ceará e a escola de ensino secundário Liceu. Vide BASTOS, 2013.

O referido historiador e ex-aluno da Faculdade que Henriqueta Galeno outorgou grau de bacharel em Direito, recorre, por meio de suas memórias e investigações, que antes de existir tal instituição, comparando o Ceará com outros países da América Anglo-Saxônica e Hispânica: “[...] *Não lembrarei os Estados Unidos da América do Norte, onde havia Universidade para 5.000.000 habitantes, além de muitas escolas técnicas e profissionais*”. (GIRÃO, 1960, p. 61), revelando o atraso do incentivo e investimento na educação superior brasileira no começo do século XX. E ainda ressalta o auxílio financeiro do Tesouro Nacional para a faculdade que estudou, assim como para as de Minas Gerais, Bahia, São Paulo, Pernambuco, Rio Grande do Sul. No rol das disciplinas, encontram-se Filosofia do Direito, Direito Romano, Direito Constitucional, Direito Criminal, Direito Comercial e Direito Administrativo.

No tocante aproveitamento dos discentes, registra que somente alguns merecem a honra do seu agatamento, alcançando os mais elevados graus de aprovação nos exames prestados, em paralelo a outros que pouco ou quase nada prezam ao estudo, preparando-se para as provas “unicamente com a ciência dinamizada em pontinhos, que nem ao menos organizam, de uns transmitidos aos outros”. Dá como explicação o serem feitos os preparatórios sem escrúpulo, sem estudo e, não raro, todos ou a maior parte, duma só vez, saindo daí o desprestígio em que vai caindo a classe dos formados em Direito. Largam as Faculdades na incidência da responsabilidade que assumiram perante a sociedade com a obtenção duma carta de bacharel. E cita o fato, que merece particularmente uma referência, pelo caráter de que se ia revestido: a aluvião de estudantes doutros Estados que chegam nas proximidades dos exames de segunda época, sem nada saber, à exceção dum pequeno número, preferindo esta Faculdade somente porque o seu funcionamento data de pouco tempo, o que induz a virem exclusivamente confiados numa grande tolerância (GIRÃO, 1960, p. 112).

Na ótica do autor em que se elenca, enquanto os alunos mais aplicados se dedicavam aos estudos, aproveitando-os da melhor forma possível, sendo aprovados nos exames com êxito, bem como conquistando cargos políticos posteriormente; existiam outros alunos que não davam muita importância ao ensino que vos era oferecido, ocasionando a evasão, confiando-se no recebimento de uma carta de bacharel, em outros estados, sem preparo algum. Coadunando com o “mito do bacharel”, podemos inferir nas reminiscências de Girão (1960), uma brecha para entendermos que no final de tudo, o que importava era o “canudo”, como símbolo de status social, não necessariamente do conhecimento em si.

Henriqueta Galeno foi aluna da turma de 1914, colando grau sozinha, no ano posterior, a conclusão de seu curso em 1918, onde por solenidade particular outorgou seu canudo sozinha. Em 1935 ingressa no doutorado, entretanto, não se tem registros se Henriqueta o concluiu. Vale destacar que neste período, não existia curso de Especialização, nem tampouco curso de Mestrado. Após o curso de Bacharel, que o concludente almejasse prosseguir nos estudos, cursava logo o curso de pós-graduação em nível de doutorado.

[...] 09 de abril de 1919, na ala da diretoria, em solenidade contou com a presença das mais destacadas autoridades e personalidades, entre as quais o Presidente do Estado João Tomé de Saboia e Silva, poeta Antônio Sales ‘senhoras e senhoritas’, como afirma o documento constante do livro de atos de 1904 a 1959, folha 54, da Faculdade de Direito. Henriqueta Galeno colou grau de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais sòzinha. Em 1935, segundo documento constante de sua pasta na Faculdade, requereu inscrição no 1º. Ano do curso de doutorado. Seu nome, entretanto, não consta no livro de inscrição para o curso do doutorado, nem ela fala em haver concluído referido curso, ficando apenas o pedido de matrícula. (SÁ, 1971, p. 592).

### **Imagem 11 - Henriqueta Galeno em sua formatura em 1919**



Fonte: Casa de Juvenal Galeno

Em relação à análise da imagem 11, no período em que Henriqueta pousou para essa foto, era inadmissível a mulher postar foto de formatura com tornozelos à mostra, fora que poucas concluíram estudos superiores. Evidenciando a referida imagem, nos faz inferir que a biografada fez uma atitude subversiva para a época, apesar de singela e sutil. No entanto como pertencia a classe aristocrática e possuía um pai influente e respeitado, não se encontra qualquer comentário oficial que macule a sua imagem, mesmo contrariando o padrão de mulher boa esposa, mãe e dona de casa.

Deste modo, após quatro anos de estudo, Henriqueta Galeno no final de 1918 termina as disciplinas do referido curso, colando grau em 09 de abril de 1919, começando uma nova fase de sua trajetória de trinta e dois anos de idade. Agora, bacharela em Ciências Jurídicas e Sociais, pela Faculdade de Direito do Ceará, depois de sua missa em ação de

graças na Igreja do Carmo às treze horas, ganha uma festa em sua residência, na presença do governador do estado e professores.

É um dia de grandes festividades, com missa em ação de graças, oficializada pelo Padre Quinderé, na Igreja do Carmo, pela manhã, ocasião em que são batizadas as duas sobrinhas da homenageada, Mary e Mona Lisa, filhinhas de Júlia. Às treze horas, na Faculdade de Direito, perante ao presidente do Estado, João Tomé, o diretor da Faculdade, Eduardo Salgado e demais professores presta Henriqueta, sozinha, seu juramento solene. Após um curso brilhantíssimo, o que lhe dava o direito a não se submeter ao exame final, concessão prevista por decreto governamental, dela não se beneficiava. E à noite, em sua residência, um serão litero-artístico destacando-se O ELOGIO DO SONHO, conferência de Mário Linhares, aplaudida por uma assistência onde se viam João Tomé, João Tibúrcio Albano, Alf Castro, Antônio Sales, Elcias Lopes, Oscar Araripe, Beni Carvalho, Torres Câmara, Epifânio Leite, Ulisses Bezerra, Sales Campos, Cursino Belém. Os recitativos com Jonas de Miranda e Júlia Galeno, o piano de Chiquitita Menezes e Carlos Peixoto, a voz do tenhorvisitante Guálter Abreu, o brinde de Virgílio Gomes, a banda marcial do Regimento Policial e as danças que se prolongaram até a madrugada marcaram a data relevante da família Galeno. (BÓIA. 1986, p. 48)

Em meio às proclamações das poéticas, da entonação das músicas e das performances das danças na noite estrelada, o presidente do estado indaga, em fala informal, se a nova bacharela poderia se promover ao exercício de promotora pública.

Henriqueta elenca em seu relato, em *Mulheres Admiráveis* (1965), que logo após realizar o curso de Direito na Faculdade do Ceará, o Presidente do Estado, Dr. João Tomé, a nomeou Promotora da Capital, deixando-a confiante e esperançosa, chegando a sair à notícia no Jornal da Manhã dirigido pelo jornalista Luis Santos, presente na reunião em que foi nomeada. Entretanto, seu pai não permitiu que Henriqueta ocupasse tal cargo, temendo a ‘perda de sua honra’. Segundo os relatos de Henriqueta Galeno, publicado por Adísia Sá (1971):

Logo ao amanhecer do dia seguinte foi desfeito pelo veto terminante de meu pai, que não concebia, naquela época, uma moça exercendo cargo e, zangado, como raramente eu o via, disse-me: “- Sou absolutamente contrário e terei grande desgoste se você me desobedecer”. Eu sempre o obedeci cegamente. Ele era tão amante dos filhos e me tratava com um carinho extraordinário, por isso não relutei. Desisti do meu belo sonho e chorei em silêncio. Dr. João Tomé, com fidalguia de sentimento às vezes rara nos homens públicos, nomeou-me, então, para o lugar que estava vago, de Inspetor de Ensino Estadual, contrariando assim a pretensão de prestigioso político que, em desabafo, numa crônicas em espírito, procurou sustentar a tese de estas funções só eram compatíveis com o sexo forte. (SÁ, 1971, p. 571).

Como toda “moça de boa família” fortalezense, Henriqueta recebia de sua mãe todos os conhecimentos domésticos na companhia de suas irmãs Maria do Carmo e Júlia Galeno. Rotineiramente, logo depois do almoço, as meninas chegavam na “sala da bola”, com as venezianas fechadas, pegavam as agulhas e linhas para aprender o ofício de bordar flores e

ramos de toalhas, colchas e pastas, no entanto a referida biografada não teve o mesmo bom desempenho na arte do bordar que suas irmãs:

Não se admitia, naquela época, uma mulher que não soubesse bordar e costurar e a filha Henriqueta, que era uma negação para essas habilidades manuais, sofreu, com a sua tendência declarada para os livros, a oposição da época. Henriqueta como vimos, desde cedo rebelara-se às imposições e preconceitos, quebrando, à sua maneira – sem intolerância, violência e escândalo- todos os grillhões que poderiam manietá-la, escamoteá-la e aliená-la. Assim é que, mesmo vivendo numa província, enfrentou os preconceitos do tempo e formou-se em Direito. (SÁ, 1971, p. 573).

Na sociedade patriarcalista, as mulheres eram preparadas desde a tenra idade para serem donas de casa. Henriqueta Galeno, ao contrário de suas irmãs, dedicava-se mais ao mundo das letras. Percebemos, no entanto, que há uma contradição na fala de Adisia Sá (1971) ao mencionar a emancipação de Henriqueta: pois como foi evidenciado na presente dissertação, apesar de ter se esforçado para ser a segunda mulher a se formar em Direito no Ceará, após a sua formatura, teve que deixar a oportunidade de trabalhar no setor judiciário porque seu pai, Juvenal Galeno, não permitiu; e ela se subjugou.

## 4 MEMÓRIAS PARA A EDUCAÇÃO CEARENSE: A HENRIQUETA DE MÚLTIPLAS FACES

### 4.1 A PROFESSORA

Henriqueta Galeno compôs o quadro efetivo do magistério do Liceu do Ceará, lecionando a cadeira de História do Brasil por dez anos. Como afirma o aluno da referida biografada, Mozart Soriano Aderaldo:

A História do Brasil era ministrada na 5ª série (1933) por Henriqueta Galeno, filha do velho bardo das “Lindas Canções Populares”, mulher de muitos méritos e muitos inimigos, que lhe moviam persistente e injusta campanha, só aferecida no tempo. O Ceará lhe deve serviço inestimável na promoção de seus maiores filhos no campo intelectual. Estimei-a muito, anos depois, e creio que fui por ela estimado também. (Revista do Instituto do Ceará, 1977).

Nesta perspectiva, tal instituição de ensino, surgiu em julho de 1844, através da Lei Provincial de nº 304 em seu primeiro artigo, sancionado pelo presidente da província José Maria da Silva Bittancourt:

Art. 1º - Fica creado nesta capital um lycêo que se comporá das cadeiras seguintes: phylosophia racional e moral; rethorica e poética; arithmetica; geometria; trigonometria; geografia, e historia; latim, francez e inglez." (ADERALDO, 1977, p. 98).

Em 24 de setembro de 1845, estabeleceu o Presidente da Província, almejando conseguir as acomodações necessárias para o liceu, encontrou no prédio “do Sr. Odorico” (Odorico Segismundo de Arnaud), “no largo do Paiol da Pólvora” atualmente conhecido como Passeio Público. Tal sobrado, esquina das ruas Major Facundo e João Moreira, no lugar do obsoleto sobrado do senhor Odorico, começou a funcionar o Liceu, às 13 horas. Entretanto, o antigo Liceu acabou sendo demolido, posteriormente para ser levantado o “Clube Cearense”, o “Fênix Caxeiral”, e o “Hotel de France” respectivamente (ADERALDO, 1977).

Manoel Cordeiro Neto, então chefe de Polícia do Estado, transferiu-se o Liceu para sua sede atual, à Praça Gustavo Barroso, ex-Fernandes Vieira. Dois erros num só ato: com isso se entupiu outra praça na cidade, em Jacarecanga! [...] Lembro-me bem de que na arcada em que terminava o corredor do prédio da Praça dos Voluntários estava escrito o seguinte lema de Cícero: -“Homo non sibi solo natus est, sed Patriae, sed suis”. O dístico, realmente, queria lembrar que o homem não nasceu só para si, mas para a Pátria e para os seus, embora nós o traduzíssemos assim, na irresponsabilidade de nossos verdes anos: “o homem não é sebo, não é sola, não é nada, é um prato sujo” [...] Foi nesse prédio, respeitável sob todos os pontos de vista, lamentavelmente demolido, como já disse, para em seu lugar ser construída a

sede de Polícia. Isto e uma terra em que o não falta é terreno... (ADERALDO, 1977, p. 100-102).

Após queixar-se da transferência da sede de sua estimada escola, relembra como correu seu processo de ingresso. Precisou realizar o exame de admissão, após muitas horas de estudo, mediadas pelo professor Martinz de Aguiar, em sua residência, na Rua 24 de Maio (perto do Theatro José de Alencar).

Como citado anteriormente, a fim de preparar os futuros bacharéis da capital cearense, os professores do liceu (também graduados), lecionavam por seis anos disciplinas principalmente ligadas as Humanidades, tais como Filosofia, Literatura, Geografia e História. As cadeiras das Ciências Naturais também não ficavam de fora, como as Matemáticas (Aritmética, Trigonometria e Geometria), Física, Química e História Natural (Zoologia e Botânica). Porém o que valoravam mais nesses tempos “de progresso”, eram os estudos das línguas estrangeiras, visando à preparação para os estudos na Faculdade de Direito e Medicina em Pernambuco, bem como na Europa.

Para o escritor Aderaldo (1977), a disciplina de Francês era ensinada da 1ª a 3ª séries (1929 a 1931), com o mestre Jorge de Sousa, genro do presidente da província Nogueira Accioly. O livro didático utilizado nas suas aulas consistia em serem os compêndios de Carlos Ploetz, Monat Ruch e principalmente a *Gramática Teórica e Prática da Língua Francesa*, do francês naturalizado brasileiro José Francisco Halbout, também adotado no Colégio D. Pedro II<sup>3</sup>. Para traduzir os textos, utilizavam manuais de *Lectures Choisires*, de Chateaubriand, e as *Fábulas de La Fontaine*.

Lembro-me bem de que a aula de que a aula do professor Jorge de Souza, na 3ª. série tinha início às 13 horas, devendo terminar dez minutos para as 14 horas [...] Ótimo orador, o professor Jorge de Sousa era homem sisudo mas naturalmente bom, deixando-se enganar quando as sabinas orais, em que um só aluno, o melhor de nossa turma de Francês, respondia por todos os outros, recebendo notas variadas, sempre superiores a 5 ou 6.[...] Inglês era outra disciplina desdobrada em duas cadeiras. A primeira por Mozart Solon, nas 1ª e a 2ª séries (1929 a 1930); quanto à segunda, a cargo de Waldemar Barros, se situavam nas 3ª e 4ª séries (1931 a 1932). Waldemar Barros era esforçado, embora sem ter a competência de Mozart Solon, que conhecia bem o inglês, porém, precisando sustentar a família numerosa e assumindo responsabilidade acima de suas forças, alinhava, cansado, as suas aulas. Pensando em ambos, nesta hora de nostalgia, prefiro registrar o muito de positivo que algumas gerações lhes devem. Waldemar Barros adotava a gramática de

---

<sup>3</sup> O Colégio Pedro II foi à terceira instituição de ensino secundário no Brasil, atualmente considerada de cunho público federal, localizada no estado do Rio de Janeiro, no Brasil. Os primeiros foram o Ginásio Pernambucano e do Atheneu Norte-Riograndense. Escola esta intitulada em homenagem ao imperador, também amante dos livros do Brasil D. Pedro II. Encabeçado no período das regências. Vide Andrade (1999).

Fritzgerard e seu livro de tradução era o “Royal Readers” editado na própria Inglaterra. Já Mozart Solon preferia a “Entrada Suave” (ADERALDO, 1977, p. 107).

Neste período, o Liceu, no que concerne à preparação para o ingresso dos cursos superiores, era a escola de total excelência. Na obra *O Liceu do Ceará em Cem Anos* (1945) de Hugo Vitor, descreve o resumo histórico da instituição, o corpo docente, administrativo e discente. Em relação ao corpo docente, existiam as categorias do catedrático, os substitutos, suplementares e os interinos. As disciplinas, a serem cursadas em cinco anos consistiam em: desenho, filosofia, português, latim, retórica, aritmética e álgebra, história da civilização, história do Brasil, física e química, ciências naturais, biologia, mecânica e astronomia, cosmografia, história natural, literatura, sociologia, grego, alemão, espanhol, curso de comércio, direito comercial e economia política, música, educação física, trabalhos manuais, instrução militar e instrutor de escoteiros. Entretanto, para o curso complementar e noturno, o currículo era reduzido, centrado apenas nas disciplinas de francês, português, latim, inglês, ciências físicas naturais, química, matemática, história natural, desenho, matemática, geografia, física, história da civilização, música e pessoal administrativo (VITOR, 1945).

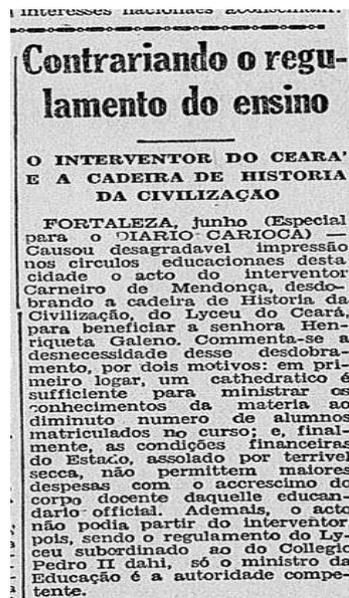
Para ser professor da referida instituição secundária, não bastava o ensino primário. Exigia-se como pré-requisito a titulação em bacharelado. Padres, advogados, médicos, farmacêuticos, tenentes, capitães, maestros, compunham o corpo docente da referida escola. Ao analisar o rol das disciplinas dos primeiros tempos de Liceu e seus respectivos educadores, em meio de todos os professores homens, existia Henriqueta Galeno, especificamente na disciplina de História do Brasil.

**História do Brasil. Catedráticos:** Honório Moreira de Carvalho (31-3-1891), Farm. Artur Augusto Borges (21-3-1894), Dr. Maurício Graco Cardoso (14-1-1902), Dr. Ruy de Almeida Monte (23-12-1913). **Suplementar:** Dr. Aurélio de Lavor (6-7-1889). **Interinos:** Artur Augusto Borges (2-3-1892), Dr. João Guilherme Studart (7-5-1908), Dr. Manuel Dias Pereira (14-5-1908), Rodolfo Fontenele Bezerra de Meneses (2-7-1909), Dr. Faustino de Albuquerque e Souza (11-3-1909), Dr. José da Cunha Sombra (5-7-1910, 1922, 1925, 1927), Farm. José de Moraes Sudart (9-3-1911), Dr. Jorge Severiano Ribeiro (25-5-1912), Hermenegildo de Brito Firmeza (3-4-1916, 1917), Antônio Papi Júnior (14-6-1916), Padre Dr. Misael Gomes da Silva (1918, 1920), Dr. João Jorge de Pontes Vieira (5-4-1921), Dra. **Henriqueta Galeno (1922, 1924, 1925, 1926, 1927, 1929)**, Anibal Mascarenhas (1-7-1923), Dr. A. Faustino Nascimento (21-8-1924), Dr. José Teles da Cruz (1-7-1931), Dr. Hêlio Abreu (30-33-1934), Dr. Raimundo Ernani de Castro e Silva (24-10-1944). (**grifo nosso**) (VITOR, 1945, p. 27)

Percebemos que além de ser a única professora mulher da instituição neste período, foi a que passou mais tempo lecionando, cerca de dez anos. Em outros documentos como jornais, percebemos que Henriqueta lecionava também história geral, intitulada no

período de História da Civilização. Em 1932, último ano de ofício docente de Henriqueta no Liceu, sofria com um problema: grande quantidade de alunos em sala de aula, gerando lotação. Em meio a tal problemática, o interventor do Ceará dividiu sua sala em duas, destinando a metade de seus alunos para a responsabilidade de outro professor.

**Imagem 12 - Sobre a retirada de Henriqueta Galeno da disciplina de História da Civilização, no Liceu cearense. (Jornal Diario Carioca- Julho de 1932)**



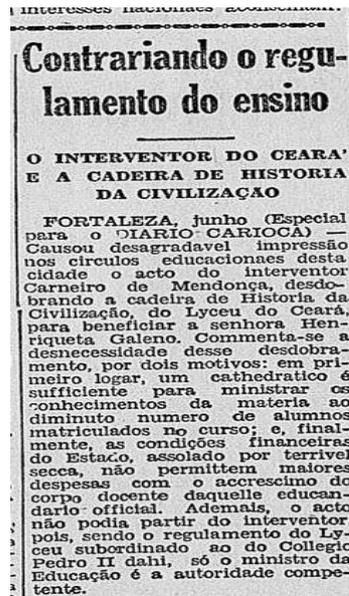
Fonte: Hemeroteca Digital do Arquivo da Biblioteca Nacional.

Contrariando o regulamento do ensino. [...] O INTERVENTOR DO CEARA' E A CADEIRA DE HISTORIA DA CIVILIZACAO [...] FORTALEZA, junho (Especial para o DIARIO CARIOCA)- Causou desagradável impressão nos círculos educacionais desta cidade o acto do interventor Carneiro de Medonça, desdobrando a cadeira de Historia da Civilização, do Lyceu do Ceará, para beneficiar a senhora Henriqueta Galeno. Commenta-se a desnecessidade desse desdobramento, por dois motivos: em primeiro lugar, um cathedratico é sufficiente para ministrar os conhecimentos da materia ao diminuto numero de alumnos matriculados no curso; e, finalmente, as condições financeiras do Estado, assolado por terrível secca, não permitem maiores despesas com o accrescimo do corpo docente daquele educandário official. Ademais, o acto não podia partir do interventor, pois, sendo o regulamento do Lyceu subordinado ao do Collegio Pedro II dahi, só o ministro da Educação é a autoridade competente. (Jornal Diario Carioca, Julho de 1932)

A ação do interventor cearense Carneiro de Medonça, em inserir mais um docente para a cadeira de História da Civilização do Liceu, ocasionou desagrado das autoridades que dirigem a educação nacional brasileira da primeira república, pelo fato do Ceará estar enfrentando grande seca: a intitulada “Seca de 32”. O Ministério da Educação já existente na época de Henriqueta alarmava prejuízos aos cofres públicos com a contratação e um novo professor, pois já existia um catedrático. Henriqueta, não se calou em relação a isso,

elaborou uma correspondência especial, constestando a notícia “em que se dizia que esse desdobramento visava beneficiar a doutora Henriqueta Galeno recebemos dessa applaudida intelectual nordestina, uma attenciosa carta sobre o assumpto.”(Jornal Diário Carioca, Julho de 1932).

**Imagem 13 - Sobre a inclusão/retorno de Henriqueta Galeno na 2ª disciplina de História da Civilização no Liceu cearense. (Jornal Diário Carioca, Julho de 1932)**



Fonte: Hemeroteca Digital do Arquivo da Biblioteca Nacional.

A cadeira em questão foi dividida, a pedido do director do Lyceu do Ceará, por necessidade do ensino, pois a referida disciplina está sendo lecionada, de accôrdo com a utilidade da reforma nos 1º, 2º, 3º, 4º e 5º annos. Sendo impossivel a um só professor dar conta de tamanha tarefa, tomou o director do Lyceu aquella iniciativa, que foi logo aceita pelo interventor, além de tudo o cathedratico da cadeira é o dr. H. Firmeza, antigo chefe democarata, por não poder este leccionar em todos os annos, feoi designado o prof. Jader de Carvalho para os 5º e 4º annos. Diz ainda a doutora Henriqueta Galeno que desde fevereiro havia sido afasada do Lyceu pelo secretario de justiça, sob a allegação de que a cadeira, que há 10 annos vinha occupando, tinha desaparecido ou melhor, pela reforma do ensino, ficará incluída na 2º cadeira de Historia da Civilização. Essa injustiça foi reparada pelo interventor, quando do seu regresso ao Ceará, depois de sua permanencia no Rio. Ahi ficam as explicações da doutora Galeno, que registramos com o maior prazer (*Jornal Diário Carioca*, 1932).

Assim de acordo com a citação acima do Jornal Diário carioca de 1932, depois de annos lecionando no Liceu Cearense, por conta da referida educadora ministrava também na Escola Normal Fortaleza, por algum tempo, a disciplina de Literatura. Instituição esta criada no ano de 1884, ao lado do Theatro José de Alencar.

A diplomação official das moças era privilégio da Escola Normal: não lhe estavam equiparados tradicionais estabelecimentos como o velho Colégio da Imaculada

Conceição das Irmãs Vicentinas, como o Colégio de N. Senhora do Sagrado Coração das Irmãs Dorotéias, e o Colégio La Ruche da preceptora suíça-francesa, Madame Emma Gonthier, este desaparecido, faz dez anos. (GIRÃO, 1979, p. 250).

A instituição projetada pelo engenheiro civil austríaco Henrique Folgare, e encabeçado por Henrique Theberge. Agregava o ensino das moças normalistas da capital cearense. (ARAÚJO, 2012). Acerca de fontes da biografia na instituição atualmente são inexistentes. A Escola Normal de Fortaleza, “*Infelizmente nada conseguí sobre passagem de Henriqueta Galeno na Escola Normal, como professora substituta de Tomás Acioly, então na Câmara Federal*”. (SÁ, 1971, p. 593).

Acerca do período de docência no Liceu do Ceará tampouco não encontramos fontes primárias. É oportuno avultar nesta investigação, que em março de 1932, forçadamente se afasta de suas atividades laborais no Liceu do Ceará, “*deixando seu nome de constar das folhas de pagamento da Secretaria de Educação, manobra que visava o aproveitamento, para o seu lugar, do professor Antônio Teófilo*”. (BÓIA, 1996, p. 48). Entretanto, por decisão do interventor Capitão Carneiro de Mendonça, é ela restabelecida na sua funcionalidade educacional, em junho daquele mesmo ano.

Assim, por mais de três décadas, Henriqueta Galeno trabalha como Inspetora Federal do Ensino Secundário, escoltando e supervisionando os bancos escolares de vários colégios secundários da capital cearense. Após a participação de Henriqueta no 2º Congresso Internacional Feminista, do qual esmiuçaremos posteriormente, Henriqueta ocupou seu último ano de docente no Liceu do Ceará, do qual ensinou por longa data.

Acerca de seu cargo de inspetora, o que achamos de registro foi que a mesma “*assumiu no dia 1º de outubro de 1931, aposentando-se em 1932, como consta no Diário Oficial da União, de 10. 7.63, pág. 5959*”. (SÁ, 1971, p. 593). E a presente citação consta em nota de rodapé, no livro Mulheres do Brasil. Referente às práticas (pedagógicas de Henriqueta Galeno, não encontramos nenhuma fonte relacionada, pois ela ensinou nesta instituição nos anos de “1922, 1924, 1925, 1926, 1927 e 1929” na disciplina de História do Brasil (VITOR, 1949, p. 27), assim considerando o período muito distante, fica impossibilitada a busca de entrevistas com seus supostos ex-alunos e colegas de trabalho estão todos falecidos.

Por seus ensinamentos passaram muitos alunos de sucesso, dos quais exerceram diversas profissões, tais como capitães, médicos, advogados, professores, engenheiros, presidentes de Institutos, como o Instituto do Ceará, como o historiador Rufino A. de Alencar (VITOR, 1945, p. 59).

## 4.2 A LITERATA

Além da sua atuação no campo educacional, Henriqueta Galeno também foi um baluarte nas Letras no Ceará, possivelmente impulsionada pelo exemplo do pai, o poeta das Canções Populares Juvenal Galeno. Importa inferir que o comportamento paterno não condiciona trajetória de vida, pois suas irmãs, por exemplo, seguiram destinos diferentes: contraíram matrimônio. Julia Galeno, irmã que seguiu caminho parecido com de Henriqueta, também atuou no campo literário, bem como na administração da Casa Juvenal Galeno; mas não prosseguiu nessa empreitada como Henriqueta, que acompanhou até sua morte mantendo-se dedicada a literatura, organização de encontros e suporte à escrita do pai.

Parece-nos que, inicialmente, Julinha Galeno comandava as quartas-feiras literárias pelo que se deduz desta pequena notícia publicada num diário local: “Os intelectuais cearenses que se reúnem habitualmente, às quartas-feiras, em a residência do legendário Juvenal Galeno consagrarão o festival literário de amanhã à ilustre filha do eminente e venerado bardo patricio, a poetisa dona Júlia. Sabemos que será então oferecido à talentosa promotora dos nossos serões literários valiosos mimo, com autógrafos de numerosos admiradores seus”. Correio do Ceará, 12 de Agosto de 1919. (BÓIA,1986, p. 70).

Henriqueta, inclusive, ingressou na Academia Cearense de Letras no ano de 1930, especificamente denominada no período de Academia de Letras do Ceará. Junto com os literatos:

Antônio Furtado, Demócrito Rocha, Beni Carvalho, Mozart Firmeza e Matos Peixoto, além de nomes estranhos ao velho grêmio [...], Menezes Pimentel, Alencar Matos, Sidney Neto, Perboyre e Silva, Gastão Justa, J. W. Ribeiro Ramos, Hugo Catunda, Leite, Maranhão, Livino de Carvalho, Manoel Albano Amora e Adonias Lima, este último, membro da Academia Cearense de Letras em 1922. (AZEVEDO, 1977, p. 186).

Henriqueta Galeno relata em sua autobiografia, publicada na obra *Mulheres Admiráveis*, que nasceu e se criou na cidade de Fortaleza, na mesma residência onde habitou em toda a sua vida e onde viveu por mais de cinco décadas, e que seu genitor Juvenal Galeno, fundador da Poesia Popular Brasileira, a inspirou na vida intelectual, no entanto, para não desapontá-lo, sempre ficou tolhida em realizar os próprios sonhos, como o de viajar e atuar em outras instâncias e espaços sociais, nos quais não era comum a participação feminina. Ela relata: “Só depois da morte de meu pai, é que fiz a minha primeira viagem ao sul do país.”.

Henriqueta fundou o Salão Juvenal Galeno, espaço que está pleno em funcionamento nos dias atuais (2018), em homenagem ao seu pai, o escritor Juvenal Galeno.

Fundou, em 1919, a Casa de Juvenal Galeno, ainda hoje reconhecido centro literário, famoso até fora do Estado, para onde acorrem tôdas as boas vontades, a cultura e nas lides literárias. Tôda sua existência foi pira votiva, no sentido de fomentar, no meio fortalezense, o gôsto por um senso estético de marcante vivência, "incentivar e intensificar as atividades intelectuais cearenses e o intercâmbio cultural brasileiro" – segundo a Antologia Cearense, 1957. Além disso, Henriqueta prendia a todos pela sua capacidade de trabalho e imensa bondade de coração, sempre presente no incentivo aos novos e na homenagem aos velhos. (Revista da Academia Cearense de Letras, LIMA, 2009).

Talvez pelo fato da vida amorosa ser solitária, nunca ter namorado ou contraído matrimônio e filhos; Henriqueta dedicou-se mais intensamente na causa intelectual e na administração da casa. No que tange a atuação da mesma no campo letrado, pertenceu a diversas entidades culturais a nível local, nacional e internacional, tais como: Academia Cearense de Letras, Associação Cearense de Imprensa, Comissão Cearense de Folclore, Integrante Correspondente da Academia Literária Feminina do Rio Grande do Sul e da Confraternité e Universaile Balzaciene, em Montividéo. (SÁ, 1971). Henriqueta Galeno como representante beletrista das terras alencarinhas, ao ser entrevistada pelo *Diario Carioca* em 18 de março de 1936, expõe sua opinião sob diversos temas culturais, como o desenvolvimento artístico e das instituições intelectuais.

**FALA AO “DIARIO CARIOCA” A ESCRIPTORA CEARENSE DRA. HENRIQUETA GALENO, FIGURA DE PROJECCÃO NOS MEIOS FEMINISTAS DO BRASIL.** O Governo Menezes Pimentel- O Desenvolvimento Cultural e Artístico do Ceará- A Necessidade de Uma Campanha de Intercambio Entre o Norte e a Capital do Brasil. Acha-se, nesta capital, há cerca de dois meses, a dra. Henrqueta Galeno, escriptora e poetisa cearense e figura de largo conceito nos meios feministas do paiz. Filha de Juvenal Galeno, o gloriosos bardo dos jangadeiros, a referida escriptora muito se tem batido, não somente pelas reivindicações da mulher brasileira, como pelo desenvolvimento literário do Ceará. O “Salão Juvenal Galeno”, por ella fundado e mantido, e que acaba de ser reconhecido de utilidade publica pelo governo do Estado, é uma das maiores afirmações do seu esforço naquele estado. Visitando, hontem, o DIARIO CARIOCA, a dra. Henriqueta Galeno falou-nos em rápida palestra sobre o Ceará e o seu desenvolvimento econômico e cultural. Referindo-se ao governo actual daquele Estado, disse-nos a escriptora cearense:[...] - O dr. Menezes Pimentel, que se acha á frente do governo, nunca foi político. Quando se esboçou a luta para o primeiro governo, nunca foi político. Quando se esboçou a luta para o primeiro governo constitucional, foram busca-lo os seus amigos, nellevendo o homem ilustre e digno. De professor dos mais eminentes da faculdade de Direito, passou ele a governador, Nos momentos mais fortes da campanha eleitoral, o dr. Menees Pimentel soube, com sua energia, corresponder á expectativa dos cearenses. A’ frente dos destinos do Ceará, ele não se deixa levar pela paixão politica. Dedicando-se inteiramente á reconstrução econômica e financeira do Estado, o dr. Menezes Pimentel vem realizando uma obra meticulosa, selecionando valores, cercando-se de capacidades, enfim, imprimindo ao progresso do Ceará um rythmo novo que dispensa maiores elogios.[...] Fala-nos, depois , a dra. Henriqueta Galeno, do desenvolvimento cultural e artístico do seu Estado:- O Ceará, nestes últimos tempos, muito tem se desenvolvido no terreno intelectual e artístico, aliás, o Ceará e o resto do Norte têm dado ao Brasil um valioso acervo de valores, em todos os sectores da cultura humana. Fortaleza possui a Academia de Letras do Ceará, pelo brilhante intelectual

Adonias Lima; o Instituto Historico, que tem como seu presidente o grande historiador Barão de Studart; a Sociedade Historica e Geographica, recentemente fundada, por José Valdo Ribeiro Ramos; Hugo Victor e Hugo Catunda; a Sociedade de Cultura Artística fundada por Alberto Kklein e Paulino Barros, que congrega os melhores valores artísticos da capital cearense; o Salão Juvenal Galeno, do qual sou suspeita para falar, mas que acaba de ser reconhecido pelo governo, de utilidade publica. É pena, concluiu a dra. Henriqueta que, aqui no sul se conheça tão pouco das coisas do Norte. Urge incentivar um intercambio intelectual entre o Sul e o Norte para que o Brasil conheça a expansão que a inteligência dos seus filhos vae tomando em todos os Estados. (Jornal Diario Carioca, 1936).

Percebe-se na fala de Henriqueta a grade influência no meio cultural no estado do Ceará. Pois a mesma fala pormenormente da atuação profissional do governador do Estado, o Dr. Menezes Pimentel, relatando que sua formação em Direito foi preponderante para a tomada adas decisões na administração pública não apenas em aspectos burocráticos: mas para a o desenvolvimento cultural e artístico, que tanto Henriqueta defendia em sua trajetória de vida. A educadora ainda discorre sobre o funcionamento de outras instituições de fomento cultural, como o Instituto Histórico e Geográfico do Ceará, a Sociedade Histórica e Geográfica, que infelizmente não tivemos fôlego para investigar estes pormenores, podendo ser objeto de estudo de outros trabalhos pela pesquisadora que vos fala e/ou para outros acadêmicos posteriormente.

Imagem 14 - Auditório Henriqueta Galeno, lócus das reuniões e apresentações culturais na Casa Juvenal Galeno-Ano de 1936. (Jornal Diario Carioca, 18 de março de 1936)

E A O  
a:  
n-2  
le.  
r.  
o-  
e-  
ia-  
do-  
e-  
ia.  
o-  
a.  
1-  
su-  
7-  
gs-  
s-  
TO  
la  
ve  
te  
o.  
o-  
es-  
1-  
7-  
11  
50  
o-  
es  
la  
o.  
es  
12  
1-  
1-  
37

# O Ceará No Con- ceito Brasileiro

## FALA AO "DIARIO CARIOCA" A ESCRITTO- RA CEARENSE DRA. HENRIQUETA GALENO, FIGURA DE PROJECCÃO NOS MEIOS FEMI- NISTAS DO BRASIL

### O Governo Menezes Pimentel — O Desenvolvi- mento Cultural e Artístico do Ceará — A Necessi- dade de Uma Campanha de Intercambio Entre o Norte e a Capital do Brasil

Acha-se, nesta capital, ha cerca de dois mezes, a dra. Henriqueta Galeno, escriptora e poetisa cearense e figura de largo conceito nos meios feministas do paiz. Filha de Juvenal Galeno, o glorioso bardo dos jangadeiros, a referida escriptora muito se tem batido, não somente pelas reivindicações da mulher brasileira, como pelo desenvolvimento literario do Ceará. O "Salão Juvenal Galeno", por ella fundado e mantido, e que acaba de ser reconhecido de utilidade publica pelo governo do Estado, é uma das maiores afirmações do seu esforço naquelle sentido.

Visitando, hontem, o DIARIO CARIOCA, a dra. Henriqueta Galeno falou-nos em rapida palestra sobre o Ceará e o seu desenvolvimento economico e cultural.

Referindo-se ao governo actual daquelle Estado, disse-nos a escriptora cearense:

— O dr. Menezes Pimentel, que se acha á frente do governo, nunca foi politico. Quando se esboçou a luta para o primeiro governo constitucional, foram buscal-o os seus amigos, nelle vendo o homem illustre e digno. De professor dos mais eminentes da Faculdade de Direito, passou elle a governador. Nos momentos mais fortes da campanha eleitoral, o dr. Menezes Pimentel soube, com sua energia, corresponder á expectativa dos cearenses. A' frente dos destinos do Ceará, elle não se deixa levar pela paixão politica. Dedicando-se inteiramente á reconstrução economica e financeira do Estado, o dr. Menezes Pimentel vem realizando uma obra meticulosa, seleccionando valores, cercandose de capacidades, emfim, imprimindo ao progresso do Ceará um rythmo novo que dispensa maiores elogios.

Fala-nos, depois, a dra. Henriqueta Galeno, do desenvolvimento cultural e artistico do seu Estado:

— O Ceará, nestes ultimos tempos, muito tem se desenvolvido no terreno intellectual e artistico, allás, o Ceará e o resto do Norte têm dado ao Brasil um valloso acervo de valores, em todos os sectores da cultura humana. Fortaleza possui a Aca-



**Dra. Henriqueta Galeno**

demia de Letras do Ceará, presidida pelo brilhante intellectual Adonias Lima; o Instituto Historico, que tem como seu presidente o grande historiador barão de Studart; a Sociedade Historica e Geographica, recentemente fundada, por José Valdo, Ribeiro Ramos, Hugo Victor e Hugo Catunda; a Sociedade de Cultura Artistica, fundada por Alberto Klein e Paulino Barros, que congrega os melhores valores artisticos da capital cearense; o Salão Juvenal Galeno, do qual sou suspeita para falar, mas que acaba de ser reconhecido pelo governo, de utilidade publica.

E' pena, concluiu a dra. Henriqueta que, aqui no sul se conhece tão pouco das coisas do Norte. Urge incentivar um intercambio intellectual entre o Sul e o Norte, para que o Brasil conheça a expansão que a intelligencia dos seus filhos vae tomando em todos os Estados.

## O major Aristides Prado de Oliveira envolvido num processo crime

Pelo Conselho Especial da

Fonte: hemeroteca Digital do Arquivo da Biblioteca Nacional.

Percebe-se pela fala da biografada, sua significativa participação no meio letrado e intelectual, mencionando exemplos de iniciativas em prol da produção literária e

historiográfica, pois cita a Academia de Letras do Ceará, representada por Adonias Lima, o Instituto Histórico do Ceará, a associação denominada Sociedade Histórica e Geográfica e a Sociedade Artística. Vale destacar também em meio a estas instituições, o Salão Juvenal Galeno, que, fundado por ela, ganha visibilidade do poder público através da propagação e transmissão de conhecimentos culturais do Ceará, a partir das reuniões lideradas pela mesma. Como afirma Sá (1971), Henriqueta Galeno passou a sua vida a divulgar os outros. Pois como relata a renomada jornalista e memorialista:

Não há nenhum exagero de afirmação. Nós mesmo somos prova disto (fui amparada e apoiada por ela quando mal engatinhava nos livros). E isto ela mesma proclamava: “Nesta luta para a obtenção do Ideal que sempre objetivei, nesta árdua, porém, nobre e elevada cruzada da inteligência, a que venho consagrando o máximo do meu esforço e dos meus apoucados recursos mentais e culturais de que disponho e que é cooperar, mesmo modesta e insignificamente, em prol da maior intensificação da vida intelectual brasileira”. A semelhança do pai, a quem todo escritor ouvia antes de divulgar os seus trabalhos, Henriqueta Galeno foi a conselheira de toda uma geração de intelectuais, artistas e literatos (SÁ, 1971, p. 574).

Na Casa Juvenal Galeno, local em que Henriqueta viveu e produzia suas poesias para jornais e revistas, recebia e apadrinhava os jovens literatos. A residência, que se tornava espaço público, estava em constante acepção para os cumprimentos dos frequentadores, que a visitava para contemplar os saraus de poesias, a exposição de obras plásticas, de reuniões com entidades políticas e de estudo e investigação, na biblioteca.

**Imagem 15 - Auditório Henriqueta Galeno, lócus das reuniões e apresentações culturais na Casa Juvenal Galeno-Ano de 1936**



Fonte: Casa de Juvenal Galeno.

No auditório denominado pelo nome da biografada, foi e é até hoje (2018) palco dos mais acalorados eventos literários da capital alencarina. Percebemos na foto acima a quantidade representativa do público presente à inauguração do salão principal da Casa de Juvenal Galeno, em 6 de dezembro de 1936. Observamos, bem junto à porta, Henriqueta Galeno, a organizar todo o evento, no lado esquerdo, na primeira fila, o General Eudoro Correia, diretor do Colégio Militar, e o Cônego Quinderé, político local. Já na segunda fila, junto a uma criança, o juiz Antônio Galeno da Costa e Silva, pai de Nenzinha, Alberto e Antônio Galeno, seus familiares. No lado direito, em sua primeira fila, ao centro, o Governador Menezes Pimentel.

Sua atuação no campo das letras foi bastante ativa. Exemplo disto se encontra na Revista da Academia Cearense de Letras, no ano de 1954. Literata, a referida biografada atuou tanto nos versos como em prosa. Suas principais produções se deram no campo da (auto)biografia, com registro de sua participação no Congresso Internacional Feminino, bem como na sua atuação na Ala Feminina, fundada no ano de 1936, onde a mesma reunia escritoras e educadoras com o intuito de engajar o incentivo feminino na produção literária, bem como discutir temáticas emergentes que tangiam o mundo feminino do tempo em que vivenciava. Por essas iniciativas e por influência de seu pai, Henriqueta Galeno, ocupou na Academia Cearense de Letras o poste de seu pai, na 23ª cadeira, sendo a segunda<sup>4</sup> mulher ter o direito de representar o Ceará. Não tivemos o intento de biografar a primeira, pois já encontramos como objeto de estudo em vários trabalhos acadêmicos, de monografias a teses.

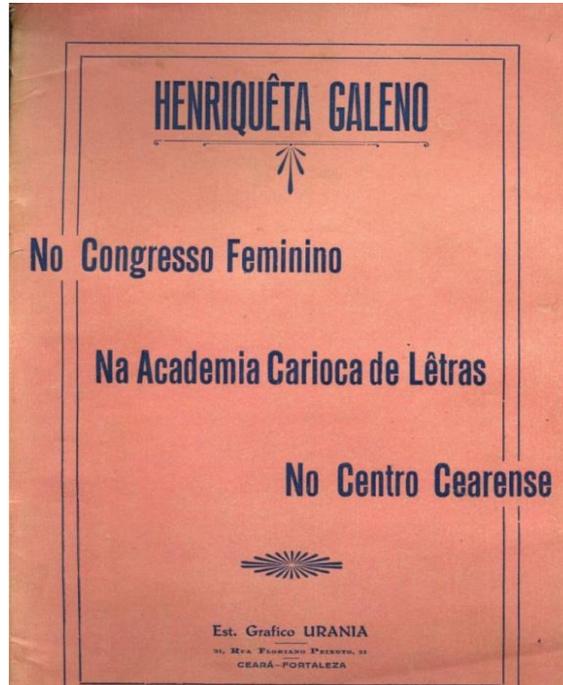
Acerca da sua produção literária de Henriqueta Galeno, devido às suas diversas atribuições citadas anteriormente, não foi muito extensa. As principais obras que Henriqueta produziu foram: um livro que expressou seu posicionamento ante o feminismo e suas participações intelectuais, intitulado de: *Henriquêta Galeno No Congresso Feminino, Na Academia carioca de Lêtras No Centro Cearense* (imagem 16); e uma obra publicada um

---

<sup>4</sup> A primeira mulher a tomar parte como membro da Academia Cearense de Letras foi a educadora da Escola Normal Alba Valdez, cujo pseudônimo literário foi Maria Rodrigues Peixe Nascida em Itapajé, no ano de 1874. Na primeira infância mudou-se com os pais para capital cearense, onde outorgou titulou-se como professora na Escola Normal debutante. Atuou ativamente no campo das letras, como jornalista, belettrista, biógrafa e romancista. Fundadora de Presidente da Liga Feminista Cearense (1904), primeira agremiação literária de mulheres no Estado. Integrou do Centro Literário e o do Instituto do Ceará. Publicou: Em Sonho; Dias de Luz; Uma grande figura da história Educacional do Ceará. Morreu no Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1962. Vide Nobre, 1996.

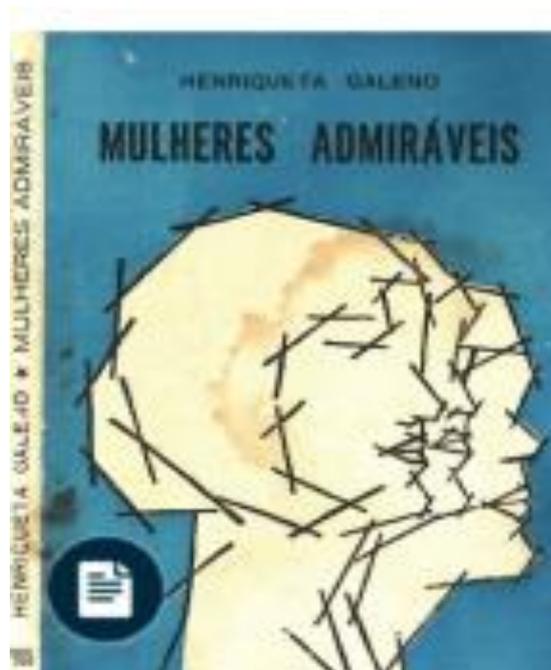
ano após sua morte, destinado a descrição e interpretação de sua pequena autobiografia e de biografias de literatas, intitulado de *Mulheres Admiráveis* (imagem 17).

**Imagem 16 - Capa do Livro- Henriqueta no Congresso Feminista. (1932)**



Fonte: Casa de Juvenal Galeno.

**Imagem 17 - Capa do livro Mulheres Admiráveis (1965)**



Fonte: Casa de Juvenal Galeno.

Como afirma Adisia Sá, seu dom para as letras e sua vida sentimental foi transparecido no verso, *Força Indômita*:

Por muito tempo contive inspiração/ que de continuo, me impelia/ em surtos de beleza e emoção,/ para o caminho iluminado da Poesia./ Minh'alma cheia de enternecimento,/ temia alçar o vôo, em cânticos de amor,/ para um mundo referto de esplendor,/ e as impressões subjetivas de sua vida tumultuosa/ que a e exaltaram, bem alto traduzir num canto inaugural/ de dolorosa queixa e de revolta imensa!/ No meu subconsciente tudo dormitava/ num receio pueril, num temor natural./ Mas de repente minh'alma irrompe com fragor/ impulsionava por atávica força indômita/ que me obriga a cantar/ em horas de alegria e instantes de aflição,/ em versos simples, tristes e espontâneos/ da minha grande e lírica emoção. (SÁ, 1971, p. 583).

Pena que não podemos perguntar a biografada, o que sentia ao redigir tal poema! O que podemos indagar, que a mesma em ser solteira, e apesar de suas atividades intelectuais, quando estava em seus aposentos sofria pela solidão, como qualquer ser humano. Prova disto consta em sua poesia *Alma deserta* as portas do seu coração, sua solidão e sentimentalismo, comparando seu espírito encarnado como um local inabitado:

Às vezes se estou só/ sinto um grande deserto na minha alma:/ ouço no ar doces lamentos/ tão tristes e fatais que fazem dó./ Chove./ Lá fora tudo muito frio.../ E uma chuva canta no telhado/ uma canção terna e sonora/ parece o embalo enganador/ de quem sozinha e triste chora/ com grande mágoa, grande dor.../ Ai de quem pela vida só achou/ o cálix negro que o destino lhe ofertou./ A chuva cai com que melancolia!/ E no silêncio tudo entendia./ O vento ulula, brame nas janelas/ arrancando dos jarros as flores amarelas./ Sinto imensa tristeza/ na alma deserta de esperança e fé./ A chuva canta no telhado e no arvoredo/ E soluço tão só neste degredo./ Ouço, ainda de longe, a voz de um sino... Há um mistério a cantar na Ave Maria,/ E a dulcíssima voz daquele sino/ naquela merencória tarde da minha alma/ ressoa em ondas calmas de harmonia./ E na distância fugidia/ procuro em vão fugir a dolorida lembrança/ e o sino ao longe toca a Ave Maria/ suavizando com sua melodia/ o imenso deserto da minha alma. (SÁ, 1975, p. 585).

Percebe-se nos versos de Henriqueta que a mesma compara a sua vida com um deserto: inabitado, vazio e solitário. Se a sua alma era deserta, então ela sentia falta de alguém em sua vida, pois caso não sentisse, não teria a imaginação de comparar a sua vida ao um local inóspito. Percebe-se que a mesma apesar de ter levado a uma “*vida a divulgar outros [...]*” (SÁ, 1971, p. 574), no que concerne ao apadrinhamento de vários literatas em sua residência, lócus de irradiador de propagação cultural, que é a Casa de Juvenal Galeno, quando fechava a porta de seu quarto, sentia um ser que precisava de alguém para protegê-la dos males da vida assola: pois apesar de toda essa teoria patriarcal, do homem mandar na mulher, de provê-la, de subjugar-la, é da natureza do feminino possuir um sujeito que a acolha, que puxando essa permanência para os dias atuais, e não almejando ser anacrônica de forma alguma: nenhum ser humano é feliz na solidão! Podemos ter as diversas profissões e titulações, mas sem amor nada seríamos!

Para a memorialista que conviveu sua juventude com a educadora em análise, relata que “[...] *Ignora-se, entretanto, qualquer namoro de Henriqueta [...]*” (SÁ, 1971, p. 573). Mas a minha indagação é: como uma mulher independente, permeada de amigos, de homens em sua volta, e que depois escreveu o poema *Alma deserta*, jamais se apaixonou? Bem, acredito que essa possibilidade de um amor na vida de Henriqueta é válida, mas por impossibilidade do destino e para a atmosfera em que viveu, não podia mandar em seu coração, pois como narrado anteriormente: Henriqueta passou anos e anos estudando direito a fio, para no final de tudo seu pai não permitir seu trabalho de promotora, aceitando “cegamente” como afirmava em sua autobiografia (GALENO, 1965). Imaginemos Henriqueta assumindo seu flerte para a sociedade aristocrática que tanto temia à fuga do decoro! Pois a filha de um Bibliotecário e Poeta conhecido nacionalmente, jamais poderia “dar o desfrute”! Seria um escândalo para a família Galeno.

Nessa perspectiva, nos versos Henriqueta tratava da dificuldade enfrentada para atuar como poetiza, seu receio em expressar-se em palavras e da vontade enorme que ela não podia silenciar de divulgar suas ideias e sentimentos.

E soluço tão só neste degedo./ Ouço, ainda de longe, a voz de um sino... Há um mistério a cantar na Ave Maria,/ E a dulcíssima voz daquele sino/ naquela merencória tarde da minha alma/ ressoa em ondas calmas de harmonia./ E na distância fugidia/ procuro em vão fugir a dolorida lembrança/ e o sino ao longe toca a Ave Maria/ suavizando com sua melodia/ o imenso deserto da minha alma. (SÁ, 1971, p. 585).

Este poema explicita que sua escolha pelo mundo letrado não foi tão fácil, ela teve que vivenciar momentos de solidão e enfrentar o preconceito de não possuir um companheiro. Vale mencionar que as mulheres muito cultas e independentes espantavam os homens, ou seja, os pretendentes, pois não esse o padrão de boa esposa procurado pelos jovens de uma sociedade machista. (SÁ, 1971).

#### 4.3 A FEMINISTA

“Henriqueta Galeno, superior às picuinhas políticas e literárias, em vez de responder com a mesma violência e hostilidade, aos que, se não a combatiam frontalmente por covardia ou pobreza intelectual, o faziam às escondidas, superou todos com o seu talento. Henriqueta Galeno, dizia eu, superior a essas manobras, divulgava os méritos e as potencialidades de todos que se dedicavam às artes e às letras, fosse onde estivesse, no Ceará ou noutra parte, como aconteceu em 1931, quando pelo Brasil afora representando o nosso Estado em encontro feminista”.

(Adisia Sá, 1971).

Este último subtópico corresponde à concepção de Henriqueta Galeno em relação ao feminismo, representado em sua primeira onda. Resumidamente, essa primeira vertente do feminismo, teve como cerne a defesa jurídica pela conquista do mulherio ao direito do voto e do mercado de trabalho. Suas origens se deram no movimento Iluminista e na Revolução Francesa, com bojo dos países europeus como a França, Reino Unido, Canadá, Países Baixos e na América do Norte, especificamente os Estados Unidos. (SCOTT, 2002). E Henriqueta Galeno, encalçou eu feminismo para as questões laborais, isto é, da mulher não se subjugar a nenhum homem por conta da sobrevivência, apesar de ter obedecido cegamente ao seu pai.

Henriqueta Galeno tudo deu de si a essas grandes paixões: ao pai e ao Ceará, renunciando sempre em seu favor “eu sempre obedeci cegamente”. Jamais se afastando do querido ancião, a despeito da esposa que o assistia e dos filhos que possuía. Não seria o fato de ser a filha solteira e moradora da casa dos pais, que obrigaria Henriqueta a renunciar a tudo e não se afastar de Juvenal. Só um profundo, imensurável amor e reconhecida admiração poderiam prendê-la, sempre, ao lado do pai. Durante a cegueira de Juvenal, aos 24 anos, permaneceu ao seu lado, servindo-lhe de secretária. Só em 1931, por ocasião do congresso feminista já referido e já tenho morrido Juvenal e “também a conselho médico”, saiu do Ceará. (SÁ, 1971, p. 579).

Deste modo, infere-se que Henriqueta passou sua vida toda às sombras de seu pai, o intelectual Juvenal Galeno, sendo peça preponderante para sua formação como feminista também. Em vez de agulhas de crochê, panelas, vassoura, Henriqueta buscava nos livros, na biblioteca de sua casa, e nas falas de seu genitor, as vitaminas de seu crescimento. Mas Henriqueta queria mais: sair das fronteiras do Ceará e mostrar suas ideias na capital do Brasil, o então Rio de Janeiro. Somente pode fazer isto com o falecimento do seu pai, em março de 1931, por indicações médicas, Henriqueta Galeno aparta-se da Terra do Sol, a caminho do Rio de Janeiro.

Entretanto, ela não podia ir sozinha para tal empreitada. Como uma mulher solteira, e de família abastada e aristocrática poderia sair a fora do estado “segundo as suas fuças”? Em contraponto a isso, Henriqueta foi acompanhada primeiramente por um homem, o então senador Fernandes Távora. E para não “ficar mal falada”, também seguiu viagem com suas companheiras beletristas, como Adília Albuquerque, na quarta-feira do mesmo ano, ela vai para as terras cariocas, como representante dos anseios das mulheres cearenses no 2º

Congresso Internacional Feminista, liderado pela cientista e também feminista Berta Lutz<sup>5</sup>, que era:

[...] conhecida como pioneira na luta pelos direitos das mulheres, pela paixão aos museus como espaço de educação e por sua produção científica. [...] Inicia sua luta em favor do feminismo, criando a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher em 1919, que mais tarde se tornaria a Federação Brasileira do Progresso Feminino [...] Em 1922, Berta Lutz representou as mulheres brasileiras nos EUA na Liga das Mulheres Eleitoras, tornando-se vice-presidenta da Sociedade Pan-Americana. [...] sua contribuição no ensino de História Natural e sua paixão pela museologia com enfoque pedagógico [...] Antes de morrer em 1976, declarou que lutava pelos direitos femininos porque percebia que havia uma grande desigualdade entre homens e mulheres. Ela propunha a construção de uma nova função pela educação. [...] As lutas de Berta não eram apenas relacionadas ao direito ao voto, como ficou mais conhecida, mas também pela defesa da inclusão da mulher ao mercado de trabalho. (JÚNIOR; RODRIGUES, 2015, p. 109-112).

Galeno segue em caráter oficial, escolhida e acompanhada pelo interventor federal e seu amigo Fernandes Távora, por meio da solicitação de Carmem Portinho, líder da Federação do Progresso Feminino.

### **Imagem 18 - Regresso de Henriqueta Galeno ao Ceará após o 2ª Congresso Internacional Feminista**



Fonte: Livro- Henriquêta Galeno No Congresso Femnino,, Na Academia carioca de Lêtras, No Centro Cearense. Arquivo Casa de Juvenal Galeno.(1932).

<sup>5</sup> Como Henriqueta Galeno, Berta Lutz não foi casada e nem teve filhos exercendo uma carreira na área de ciências naturais, no feminismo e na cena pública como deputada, apoiando diversos eventos em prol da igualdade de gênero. Vide Lôbo (2010).

Este grupo tinha como ideal a defesa da educação para a emancipação feminina, das mulheres, compreendendo-a como expressão significativa do movimento feminista brasileiro.

A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino sediada na capital carioca desde o período de sua fundação em 1922, ainda capital do Brasil, apoiava os eventos dessa temática. Foi fundada por um grupo de mulheres abastadas. Tinha como sócias de sua diretoria, por exemplo, a educadora e cientista Bertha Lutz. A primeira conferência desta Federação feminina se deu justamente no evento em que Henriqueta Galeno mostrou sua tese feminista. As pautas das discussões da Federação eram:

[...] Educação e instrução, Legislação do trabalho, Assistência às mães e a infância, Direitos civis e políticos, Carreiras e profissões apropriadas a serem franqueadas ao sexo feminino, Relações Pan-Americanas e Paz. Nelas foram discutidos diversos assuntos, tais como: *O trabalho feminino nas fábricas*: habitação, condução, horas de trabalho, salários, higiene; *Sobre a educação e instrução da mulher*: nacionalização do ensino público, das escolas profissionais, da educação doméstica; ensino primário, secundário e superior; *Proteção da mulher grávida*; *Programa de proteção à infância*; além da palestra proferida pelo médico eugenista Renato Kehl, intitulada *Como escolher um bom marido*, entre outros. (BONATO, s/d. p. 1373)

Congruentes às idéias disseminadas pela Federação, estavam os ideais que seriam defendidos no referido Congresso por Henriqueta Galeno, traduzidas por Portinho (1931) em reportagem jornalística:

Eis que nos disse ligeiramente a ilustre doutora:

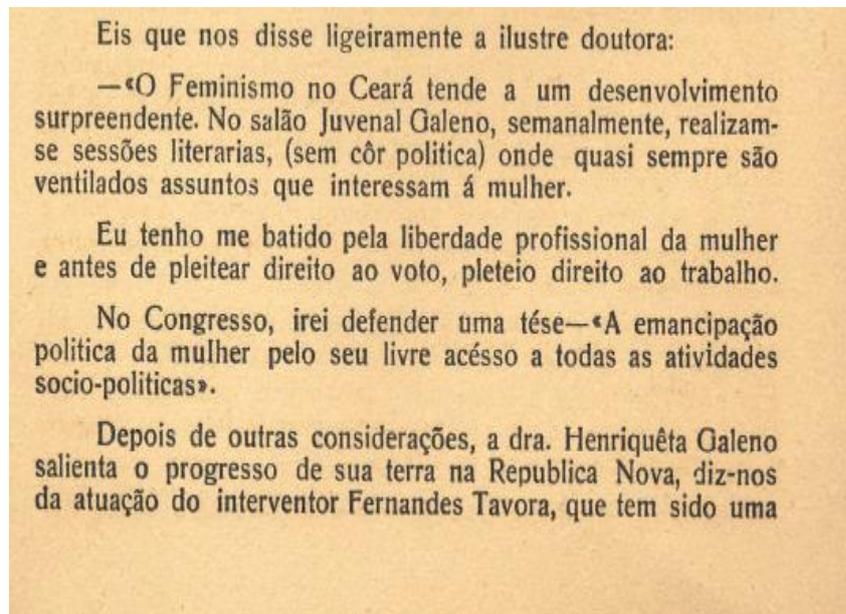
– ‘O Feminismo no Ceará tende a um desenvolvimento surpreendente. No salão Juvenal Galeno, semanalmente, realizam-se sessões literarias, (sem côr politica) onde quase sempre são ventilados assuntos que interessam á mulher.

Eu tenho me batido pela liberdade profissional da mulher e antes de pleitear direito ao voto, pleiteio ao trabalho.

No Congresso, irei defender uma tese - “A emancipação politica da mulher pelo seu livre acesso a todas as atividades sócio-politicas”.

Depois de outras considerações, a dra. Henriqueta Galeno salienta o progresso de sua terra na Republica Nova, diz-nos da atuação do interventor Fernades Tavora, que tem sido uma das mais eficientes, criteriosa e sobretudo justiceira, atuação esta que o povo cearense acata com carinho e sastisfação. (Jornal Diario da Noite, Rio de Janeiro, 1931

**Imagem 19 - Trecho da notícia do Jornal A Noite- Livro: Henriqueta no Congresso Feminista (1932)**



Fonte: Arquivo Casa Juvenal Galeno.

Faz-se importante elencar que o feminismo cearense teve início em 1904, quando a também literata e educadora da Escola Normal Alba Valdéz, inaugurava e presidira a Liga Feminista Cearense, considerada como a pioneira agremiação literária do 'sexo forte' no Ceará.

Também Judite Amaral, em dois artigos publicados no Correio do Ceará. Em dois artigos publicados no Correio do Ceará de 22 e 23 de junho de 1917, sob o título A Mulher perante o Direito Social, já se preocupava com o feminismo. A mesma Alba Valdez, ainda pelo mesmo diário, cinco dias depois, estampava uma carta, O Voto Feminino, endereçada a Adelaide Amaral. E esta, em primeiro de agosto, ainda em 1917, realizava, nos salões da Fênix Caxeiral, com as presenças do presidente João Tomé e de Leonardo Mota, às vinte horas, sua conferência subordinada ao tema Problema do Feminismo e suas Modalidades. (BÓIA, 1986, p. 50).

Na concepção de Adísia Sá (1971), Henriqueta vivia no seu tempo, na sua época, mas não pertencia ao tempo da sua época, pois a mesma tomava à defesa da tese da mulher ter oportunidades de acesso às profissões na mesma proporção aos homens. Ela ultrapassava o anseio pelo direito de voto, e defendia igualdade aos homens em todas as esferas da vida política, econômica, intelectual, social e cultural.

Após oito dias de longa viagem, Henriqueta chega ao Rio, no meio do Congresso Feminino, para apresentar e defender a sua referida Tese, no dia 30 de junho. Na foto abaixo, Henriqueta Galeno é a primeira da foto, junto com Fernandes Távora e Adilia de Moraes.

**Imagem 20 - Notícia da chegada de Henriqueta Galeno e de outros representantes cearenses ao  
2º Congresso Internacional Feminista**



Fonte: Jornal Diário Carioca, Sexta-feira, 26 de Junho de 1931. Disponível no Arquivo da Biblioteca Nacional

No referido evento, Henriqueta expressa em seu discurso preparado para a Federação pelo Progresso Feminino que acolheu o apelo da mesma, para que o Ceará se fizesse representar o Congresso, e estaria atuando não só na qualidade de delegada oficial do Estado do Ceará - atribuição igualmente confiada a sua companheira de luta, a escritora Adilia de Albuquerque Morais – mas ativista para a melhoria da posição em que ainda se acha, socialmente, a mulher brasileira do início do século XX. (Jornal Diário Carioca, Sexta-feira, 26 de Junho de 1931).

Henriqueta em sua tese temia se suas concepções feministas seriam coerentes das demais feministas de sua época. Para discursar, solicitou às espectadoras, no ambiente

tumultuoso e de ânsia, suas atenções, para se expressar sem recuos ou delongas, acerca de sua comunicação igualitária da mulher em todas as atividades sociais:

Não venho, logo, ao entrar no vestibulo, vos protestar solidariedade, sem primeiro observar e estudar o tracejamento de vosso plano. Esta declaração preliminar que vos faço, é, antes, de tudo, uma prova evidente de minhas atitudes francas, decisivas e sinceras. Digo-vos, hoje, aqui, o que direi amanhã. Lá fora, e por toda a parte. Passo a expor-vos as minhas idéas feministas. Entendo que o feminismo deve, quanto antes, entrar altiva e corajosamente na liça. [...] Quebrems, num gesto resoluto, estes grilhões que, por dezenas de anos, nos têm acorrentado e rebaixado a uma situação de seres inferiores, incapazes de ter uma cerebração semelhante á do homem e poderem participar, igualmente, dos direitos sócio-políticos conferidos áqueles. Não pretendemos pedir nenhum favor e nema concessão de um privilegio, que nos obrigue a um gratidão nunca assás demonstrada ao dadivoso reformador. Pedimos é a justiça igualitária, que nos conceda, enfim, o nosso direito, até então sonogado. Pretendemos participar igualmente das mesmas vantagens e das mesmas desvantagens dos sêres masculinos, em todas as atividades humanas. Não queremos mais ser afastadas do desempenho de um cargo publico, ou que se nos vede o seu acesso com o eterno e fragílmo pretexto- de não o podermos ocupar, pelo simples fato de se pertencer ao sexo feminino. Ora não há nada de mais absurdo, de mais atentatório aos direitos alheios. – Para que serve a Constituição do meu país? Acabemos de vez com este absurdo. A mulher deve exercer toda e qualquer função publica, devendo-se-lhe exigir somente que ela tenha o necessário preparo para o cargo que pleteia. Não se cogite de sexo e sim de sua capacidade, no desempenho das funções por ela exercidas (GALENO, 1931, p.08.)

Em sua tese cita o livro de Novicow, *Emancipação da Mulher*, quando cita “*As qualidades nem os defeitos na espécie humana são divididos por sexos*” e a obra de Adonias Lima, *Vitória do Feminismo*, ao elencar que “a desigualdade dos sexos provem, não de uma inferioridade orgânica e real, mas do estado de ignorância e do afastamento do trabalho a que se há voltado à mulher” (GALENO, 1931, p. 09); ela afirma que a mulher não era inferior ao homem sob o ponto de vista da inteligência, negando a teoria científica da época.

Nessa perspectiva, uma das principais preocupações na defesa feminista de Henriqueta, consistia na obtenção da emancipação econômica da mulher, por meio de seu próprio esforço, e, para tanto, se fazia necessário o livre exercício de todas as atividades sociais. Diferentemente de Berta Lutz, o direito ao voto estaria em segundo plano, pois a questão de subsistência e de independência financeira da mulher era uma das causas mais urgentes no feminismo da educadora Henriqueta. Ainda em sua Tese defendida no Congresso Internacional Feminista, expõe:

A sujeição econômica da mulher é, a meu ver, uma degradação para a própria mulher. E o que póde valer o sêr degradado? O voto, no meu modo de encarar o problema, não deve ser a principal questão. Claro está que devemos exercer os direitos políticos, como as mulheres do velho mundo e da America do Norte. Agora é oportuno pleitearmos o exercício desse direito em face da profunda transformação politica por que passou o nosso país. Dizem os nossos opositores que um parlamento com mulheres seria um pandemônio. No entanto, como é do conhecimento geral, do Congresso do nosso país, ainda não fez parte a mulher, e até agora não têm faltado

ao recinto imponente do nosso Parlamento- as gritarias, os barulhos, a confusão, a balburdia, e- por que não dizel-o?- até cenas de pugilato. E as grossas somas no Tesouro Nacional a compensar estes “afanosos e ordeiros” trabalhos!...Deve ser essa a nossa maior e mais urgente conquista, o ponto convergente da concentração de nossas supremas energias! Eis, portanto, - a nossa bandeira- a emancipação econômica da mulher e, conseqüentemente, o seu livre acesso a todos os cargos administrativos, tendo-se em mira unicamente as suas qualidades, intelectuais e morais, talqualmente se deve fazer para com o sexo masculino. O meu feminismo converge especialmente para este ponto. Resolvamos sem temores e nem falsos e antiquados preconceitos, a nossa situação moral- o resto virá naturalmente, depois. Congregadas, coesas, e resolutas, saiamos das teorias e, impavidas, firmes, entremos no terreno pratico das lutas e das competições [...] (GALENO, 1931, p. 10).

Ao longo do discurso, Henriqueta atenta para o desfoque das discussões teóricas, pois já eram muito sustentadas em outras movimentações e agremiações literárias feministas. O que interessava no calor do momento era a batalha pela concretização dos anseios da liberdade econômica do mulherio. Pois, para Henriqueta Galeno, o casamento era a causa maior da “prostituição” e subserviência da mulher, como assevera:

E não se venha dizer o contrario. Estar uma mulher sujeita a um homem, pelo simples fato de precisar do sustento dele para manter a sua [posição] perante a sociedade local, muitas vezes possuindo esta mulher mais capacidade do que o seu senhor, isto é, ao meu vêr, verdadeiramente infamante para ela. “ Não pôde haver independência sem emancipação [econômica]. [...] Avancemos, pois, na conquista da nossa liberdade econômica. Lutemos, sem recuos, pela consecução deste intento, sem a nada temer. Façamos nossas, neste momento, as palavras evangélicas: --“ Os tempos são chegados”.- Para nossa emancipação econômica e o livre acesso igualitário a todas as atividades sociais-políticas- os tempos são chegados. E, na aurora da igualdade [libertarial] do nosso país, não seria admissível que só a mulher exerce qualquer atividade ao lado do homem. A elevação que tem presidido a renovação administrativa do Brasil, não pôde somente falhar em seus atuais dirigentes na sonegação dos direitos da mulher.(GALENO, 1931, p. 10).

A referida educadora apoiava opiniões que presidia o critério da seleção dos valores mentais e morais em sua concepção e que o feminismo bem orientado não significa em hipótese alguma a diminuição do sexo oposto. Afirmava que não pretendia desafiar os homens para uma luta, nem também mostrar a superioridade neste ou naquele ponto, foco era a igualdade. Ou seja, lutava para

[...] que se não sonegue mais os nossos direitos, há tanto postergados. Desejamos compartilhar, igualitariamente, com os nossos pais, com os nossos irmãos, os nossos amigos do sexo oposto, das mesmas lides afanosas. Aspiramos a ser dos nossos maridos, não somente a companheira física (a quem ele não trata dos seus negócios porque, n sua opinião ela não os compreende...) mas também, e principalmente, a companheira dos afans intelectuais, de trabalhos comuns, de continuas trocas de idéas, sem distinção de assunto, companheira de todas as horas, confidentes de todas as alegrias e pesares, partilhando com eles, honesta e inteligente, uma vida de sêres iguais.(GALENO, 1931, p. 10).

Henriqueta ainda afirma que as mulheres não devem se acomodar a situação de servas de seres inferiores que estão entregues até agora na sociedade brasileira. Ao contrário disso, devem buscar a união fraternal; a paz, a harmonia, o amor, e a compreensão mencionadas por Novicow, que defende que as aptidões e os infortúnios da espécie humanidade não são divididos por sexos, mas por sua coragem de buscar sua vida por meio do trabalho, partilhando e atuando de todas as atividades sociopolíticas de forma igualitária.

Falta comentar que tais ideias desagradavam muitas das senhoras de estirpe da sociedade conservadora cearense, bem como aos homens. Que tal postura, em alguns casos até conquistava admiração masculina, mas em meio ao machismo, esse não seria o perfil de mulher, esposa e mãe, que os homens da época desejavam para unir-se em matrimônio. (ALMEIDA, 2009).

Após o Congresso, Henriqueta foi referenciada pela Gazeta de Notícias, ainda no Rio de Janeiro, da seguinte maneira: “é um dos nomes de destaque da intelectualidade feminina de sua terra, o que lhe valeu ser escolhida para representar as aspirações da mulher cearense no recente Congresso Internacional Feminista, onde se houve com assinalado brilho [...]” (Jornal Gazeta de Notícias, 1931). Tal reportagem enseja visibilidade e certa relevância à Henriqueta, que realizou uma palestra indagando vários temas no que diz a respeito do gênero feminino. Na entrevista concedida a este jornal, Henriqueta afirma ser sua primeira viagem a capital brasileira, realizada somente depois do falecimento de seu pai, aos 94 anos, para conseguir divulgar suas ideias para o resto do Brasil.

Como secretária particular de seu genitor, nos últimos anos, havia servido de punho para o mesmo, ao escrever o que seu pai ditava nos períodos de cegueira; doença que o acometeu nos seus últimos anos de vida. Por tal dedicação e devoção ao pai, sua atuação feminista tardou, mas não deixou de ensejar importância já que trazia em seu bojo ideais de igualdade no que concerne aos sexos, perseguidos até os dias atuais.

Somente em cerca de 30 anos passados das primeiras iniciativas feministas no estado, Henriqueta Galeno começa a se pronunciar mais enfaticamente, com a morte de seu pai. Na concepção de Adísia Sá (1971), Henriqueta vivia no seu tempo, na sua época, mas não pertencia ao tempo da sua época, pois a mesma tomava à defesa da tese que a mulher deveria ter oportunidades de acesso às profissões na mesma proporção aos homens. Em defesa deste lema, a participação de Henriqueta rapidamente tornou-se assídua e respeitada nos movimentos feministas.

Somente com o falecimento do seu pai, em março de 1931, Henriqueta Galeno aparta-se da Terra do Sol, a caminho do Rio de Janeiro, acompanhada da beletrista Adília

Albuquerque. Na quarta-feira do mesmo ano, como representante dos anseios das mulheres cearenses no 2º Congresso Internacional Feminista, liderado pela cientista e também feminista Berta Lutz, que era “[...] conhecida como pioneira na luta pelos direitos das mulheres, pela paixão aos museus como espaço de educação e por sua produção científica”. (JÚNIOR; RODRIGUES, 2015, p. 112)

A partir de então, Henriqueta Galeno, envolve-se com a causa feminista e na cena pública como deputada, apoiando diversos eventos em prol da igualdade de gênero. A referida educadora, em pouco tempo, segue em caráter oficial, escolhida e acompanhada pelo interventor federal e seu amigo Fernandes Távora, por meio da solicitação de Carmem Portinho, como líder da Federação do Progresso Feminino. Após oito dias de longa viagem, Henriqueta chega ao Rio, no meio do Congresso Feminino, para apresentar e defender sua Tese, no dia 30 de junho.

No referido evento, Henriqueta expressa em seu discurso, para a Federação pelo Progresso Feminino, que acolheu o apelo da mesma, para que o Ceará se fizesse representar no Congresso. Este ficou representado não só pelas delegadas oficiais do Estado do Ceará, atribuição igualmente confiada a Henriqueta e sua companheira de luta, a escritora Adília de Albuquerque Moraes, mas também por sua em prol das mulheres no que concernia a melhoria da posição em que ainda se acham socialmente de inferioridade aos homens. Questionava-se o papel social a mulher brasileira do início do século XX.

Henriqueta em sua tese temeu que suas concepções feministas não fossem coerentes com as das demais feministas de sua época. Para discursar inicialmente, solicitou às espectadoras, no ambiente tumultuoso e de ânsia, suas atenções, para se expressar sem recuos ou delongas, acerca de sua comunicação igualitária da mulher em todas as atividades sociais:

Passo a expor-vos as minhas idéas feministas. Entendo que o feminismo deve, quanto antes, entrar ativa e corajosamente na liça. [...] Quebrems, num gesto resoluto, estes grilhões que, por dezenas de anos, nos têm acorrentado e rebaixado a uma situação de seres inferiores, incapazes de ter uma cerebração semelhante á do homem e poderem participar, igualmente, dos direitos sócio-políticos conferidos áqueles. Não pretendemos pedir nenhum favor e nem a concessão de um privilegio, que nos obrigue a uma gratidão nunca assás demonstrada ao dadivoso reformador. Pedimos é a justiça igualitária, que nos conceda, enfim, o nosso direito, até então sonogado. Pretendemos participar igualmente das mesmas vantagens e das mesmas desvantagens dos sêres masculinos, em todas as atividades humanas. Não queremos mais ser afastadas do desempenho de um cargo publico, ou que se nos vede o seu acesso com o eterno e fragílmo pretexto- de não o podermos ocupar, pelo simples fato de se pertencer ao sexo feminino. Ora não há nada de mais absurdo, de mais atentatório aos direitos alheios. – Para que serve a Constituição do meu país? Acabemos de vez com este absurdo. A mulher deve exercer toda e qualquer função publica, devendo-se-lhe exigir somente que ela tenha o necessário preparo para o

cargo que pleiteia. Não se cogite de sexo e sim de sua capacidade, no desempenho das funções por ela exercidas. (GALENO, 1931, p.08.)

Uma das principais preocupações na defesa feminista de Henriqueta, nessa perspectiva, consistia na obtenção da emancipação econômica da mulher, por meio de seu próprio esforço, que para tanto se fazia necessário o livre exercício de todas as atividades sociais. Diferentemente de Berta Lutz, o direito ao voto estaria em segundo plano, pois a questão de subsistência e de independência financeira da mulher era uma das causas mais urgentes no feminismo. Ainda em sua Tese, defendida no Congresso Internacional Feminista salientou:

A sujeição econômica da mulher é, a meu ver, uma degradação para a própria mulher. E o que póde valer o sêr degradado? O voto, no meu modo de encarar o problema, não deve ser a principal questão. Claro está que devemos exercer os direitos políticos, como as mulheres do velho mundo e da America do Norte. Agora é oportuno pleitearmos o exercício desse direito em face da profunda transformação política por que passou o nosso país. Dizem os nossos opositores que um parlamento com mulheres seria um pandemônio. No entanto, como é do conhecimento geral, do Congresso do nosso país, ainda não fez parte a mulher, e até agora não têm faltado ao recinto imponente do nosso Parlamento- as gritarias, os barulhos, a confusão, a balburdia, e- por que não dizel-o?- até cenas de pugilato. E as grossas somas no Tesouro Nacional a compensar estes “afanosos e ordeiros” trabalhos!...Deve ser essa a nossa maior e mais urgente conquista, o ponto convergente da concentração de nossas supremas energias! Eis, portanto, - a nossa bandeira- a emancipação econômica da mulher e, conseqüentemente, o seu livre acesso a todos os cargos administrativos, tendo-se em mira unicamente as suas qualidades, intelectuais e morais, talqualmente se deve fazer para com o sexo masculino. O meu feminismo converge especialmente para este ponto. Resolvamos sem temores e nem falsos e antiquados preconceitos, a nossa situação moral - o resto virá naturalmente, depois. Congregadas, coesas, e resolutas, saiamos das teorias e, impavidas, firmes, entremos no terreno pratico das lutas e das competições [...] (GALENO, 1931, p. 10).

Ao longo do discurso, Henriqueta atenta para o desfoque das discussões teóricas, pois já eram muito sustentadas em outras movimentações e agremiações literárias feministas. O que interessava no calor do momento era a luta pela concretização dos anseios da liberdade econômica das mulheres. Inclusive, para Henriqueta Galeno, o casamento era a causa maior da prostituição, como explicita:

E não se venha dizer o contrario. Estar uma mulher sujeita a um homem, pelo simples fato de precisar do sustento dele para manter a sua posição perante a sociedade local, muitas vezes possuindo esta mulher mais capacidade do que o seu senhor, isto é, ao meu vêr, verdadeiramente infamante para ela. “Não póde haver independência sem emancipação [econômica]. [...] Avancemos, pois, na conquista da nossa liberdade econômica. Lutemos, sem recuos, pela consecução deste intento, sem a nada temer. Façamos nossas, neste momento, as palavras evangélicas: --“ Os tempos são chegados”.- Para nossa emancipação econômica e o livre acesso igualitário a todas as atividades sociais-políticas- os tempos são chegados. E, na aurora da igualdade [libertarial] do nosso país, não seria admissível que só a mulher exerce qualquer atividade ao lado do homem. A elevação que tem presidido a

renovação administrativa do Brasil, não pôde somente falhar em seus atuais dirigentes na sonegação dos direitos da mulher.(GALENO, 1931, p. 10).

A referida educadora apoiava opiniões que presidiam o critério da seleção dos valores mentais e morais em sua concepção e que o feminismo, bem orientado, não significava em hipótese alguma a diminuição do sexo oposto. Afirmava que não pretendia desafiar os homens para uma luta, nem também mostrar a superioridade neste ou naquele ponto, pretendia-se a igualdade.

Henriqueta ainda afirma que as mulheres não devem se acomodar a situação de servas, como seres inferiores, bem como estavam entregues na sociedade brasileira da primeira metade do século XX. Ao contrário disso, devem buscar a união fraternal; a paz, a harmonia, o amor, sem perder de vista que as aptidões e os infortúnios da espécie humanidade não são divididos por sexos. Explicita a necessidade da mulher de, por meio de sua coragem, buscar o sustento para sua vida por meio do trabalho, partilhando e atuando de todas as atividades sociopolíticas de forma igualitária aos homens.

Nessa perspectiva, uma das principais preocupações na defesa feminista de Henriqueta, consistia na obtenção da emancipação econômica da mulher, por meio de seu próprio esforço, que para tanto se fazia necessário o livre exercício de todas as atividades sociais. Diferentemente de Berta Lutz, o direito ao voto estaria em segundo plano, pois a questão de subsistência e de independência financeira da mulher era uma das causas mais urgentes no feminismo da educadora Henriqueta.

Ao longo do discurso, Henriqueta atenta para o desfoque das discussões teóricas, pois já eram muito sustentadas em outras movimentações e agremiações literárias feministas. O que interessava no calor do momento era a batalha pela concretização dos anseios da liberdade econômica do mulherio. Pois para Henriqueta Galeno, o casamento era a causa maior da prostituição.

E não se venha dizer o contrario. Estar uma mulher sujeita a um homem, pelo simples fato de precisar do sustento dele para manter a sua posição perante a sociedade local, muitas vezes possuindo esta mulher mais capacidade do que o seu senhor, isto é, ao meu vêr, verdadeiramente infamante para ela. “ Não pôde haver independência sem emancipação [econômica]. [...] Avancemos, pois, na conquista da nossa liberdade econômica. Lutemos, sem recuos, pela consecução deste intento, sem a nada temer. Façamos nossas, neste momento, as palavras evangélicas: --“ Os tempos são chegados”.- Para nossa emancipação econômica e o livre acesso igualitário a todas as atividades sociais-políticas- os tempos são chegados. E, na aurora da igualdade libertária do nosso país, não seria admissível que só a mulher exerça qualquer atividade ao lado do homem. A elevação que tem presidido a renovação administrativa do Brasil, não pôde somente falhar em seus atuais dirigentes na sonegação dos direitos da mulher.(GALENO, 1931, p. 10).

A referida educadora apoiava opiniões que presidia o critério da seleção dos valores mentais e morais em sua concepção e que o feminismo, bem orientado não significa em hipótese alguma a diminuição do sexo oposto. Afirmava que não pretendia desafiar os homens para uma luta, nem também mostrar a superioridade neste ou naquele ponto. O que almejava era:

[...] que se não sonegue mais os nossos direitos, há tanto postergados. Desejamos compartilhar, igualmente, com os nossos pais, com os nossos irmãos, os nossos amigos do sexo oposto, das mesmas lides afanosas. Aspiramos a ser dos nossos maridos, não somente a companheira física (a quem ele não trata dos seus negócios porque, n sua opinião ela não os compreende...) mas também, e principalmente, a companheira dos afans intelectuais, de trabalhos comuns, de continuas trocas de idéas, sem distinção de assunto, companheira de todas as horas, confidentes de todas as alegrias e pesares, partilhando com eles, honesta e inteligente, uma vida de sêres iguais.(GALENO, 1931, p. 10).

Henriqueta ainda afirma que as mulheres não devem se acomodar a situação de servas de seres inferiores que estão entregues até agora na sociedade brasileira. Ao contrário disso devem buscar a união fraternal; a paz, a harmonia, o amor, e a compreensão mencionadas por Novicow, no que concerne que as aptidões nem os infortúnios da espécie humanidade, não são divididos por sexos, mas por sua coragem de buscar os sua vida por meio do trabalho, partilhando e atuando de todas as atividades sociopolíticas de forma igualitária.

Após o Congresso, Henriqueta foi entrevistada pela Gazeta de Notícias, ainda no Rio de Janeiro, *“é um dos nomes de destaque da intelectualidade feminina de sua terra, o que lhe valeu ser escolhida para representar as aspirações da mulher cearense no recente Congresso Internacional Feminista, onde se houve com assinalado brilho [...]”* (Jornal Gazeta de Notícias, 1931), realizou uma palestra no referido periódico, indagada em vários temas no que diz a respeito do gênero feminino. Na entrevista, Henriqueta afirma ser sua primeira viagem a capital brasileira. Depois do falecimento de seu pai, aos 94 anos, consegue divulgar suas ideias para o resto do Brasil.

Após meses de sofrimento por conta de uma moléstia, faleceu na capital cearense às 12h15min da tarde, repercutindo dolorosamente em todos os círculos comunicacionais o sepultamento da referida educadora e beletrista. O velório em sua residência, a Casa Juvenal Galeno, laureada por um *“[...] grande número de pessoas (autoridades, homens de letras, admiradores) [...] O sepultamento [...] realizou-se na manhã de hoje (10 horas), com grande acompanhamento [...]”* (Jornal Correio do Ceará, 11 de setembro de 1964).

No momento do seu sepultamento no Cemitério São João Batista, o governador Virgílio Távora determinou “*que a ilustre escritora cearense fossem prestadas todas as homenagens do Estado, num preito de reconhecimento ao seu valioso trabalho em favor das letras de nossa terra [...]*”(Jornal Correio do Ceará, 11 de setembro de 1964).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática central da presente dissertação é a trajetória educativa de uma mulher literata e feminista, que viveu numa temporalidade em que a mulher era subjugada e subserviente pela família, de cunho patriarcal: Henriqueta Galeno. Entretanto, apesar de todo o seu fulgor a favor do feminismo, percebemos que a mesma não seguia na prática tudo o que defendia, pois no fim de tudo, tinha que seguir os ditames de sua família.

Para contemplar esse escopo desenvolvemos pesquisa qualitativa do tipo documental que encontrou as seguintes fontes, a saber: fotografias da família de Henriqueta, da sua casa, bem como três compêndios que retratam a vida da biografada: na Casa de Juvenal Galeno: *Henriqueta No Feminista, Na Academia Carioca de Letras e No Centro Cearense* (1932), uma obra póstuma intitulada de *Mulheres Admiráveis* (1967), e um capítulo de livro produzido pela então jornalista e memorialista Adisia Sá (1971). Este último foi basilar para a construção do meu objeto de pesquisa, pois ele além de revelar um pouco sobre os percursos da educadora, mostra as pistas de fontes que eu pudesse encontrar.

Na Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará, em seu setor de antiquário, deparei-me com duas fontes primordiais que foram peças-chave na compreensão da formação e currículo desta instituição, representados pelos dois livros de memórias: *A História da Faculdade de Direito do Ceará*, de Raimundo Girão (1960), rememorando suas memórias de graduando nesta instituição; o compêndio intitulado de *O Ensino Superior no Brasil e Relatório da Faculdade de Direito nos anos de 1911 e 1932*, do se antigo diretor, o Dr. Thomaz Pômpeu de Souza (1913). Para minha alegria, na última hora encontrei registros manuscritos e datilografados que constavam a presença de Henriqueta Galeno na instituição (vide anexos A ao M) . Na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Digital, encontrei jornais que remetem a presença de Henriqueta Galeno no Congresso Internacional feminista, bem como de sua morte.

No que se refere ao referencial teórico, a pesquisa biográfica explora os processos de origem e de ação dos indivíduos enquanto um ser social, elenca como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e as ações que condicionam o seu existir. Nessa interface do individual e do social – que só existem um por meio do outro, que estão num processo incessante de produção recíproca – o espaço da pesquisa biográfica consistiu, então, em perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência.

A biografia da educadora Henriqueta Galeno, permite observar a importância desse gênero para a história da educação, ao entendê-la como um produto de individualidades únicas e irredutíveis, pois “por certo o ser humano está impregnado de história: nasce num seio de uma família, de um povo, de uma linguagem, de um Estado, de uma religião, e assim por diante” (LORIGA, 2010, p. 83), bem como se insere em uma escola, como aluno e também professor, assim sendo objeto de interesse para área de pesquisa em Educação.

O objetivo da pesquisa foi biografar Henriqueta Galeno com ênfase na sua formação e práticas educativas. Esta pesquisa, todavia, se situou no campo da História da Educação, e se debruçou no estudo da vida de Henriqueta Galeno (1887-1964), uma educadora que atuou no cenário patriarcalista da primeira metade do século XX, destacando-se pela dedicação à literatura e ao feminismo. Nessa perspectiva, podemos inferir que a biografia em tela pode servir de fontes para a história da educação. A biografia acadêmica Henriqueta Galeno, como arte ou ciência de narrar vida, seguiu um percurso metodológico criterioso previamente definido pela pesquisa documental, que apesar de trabalhar com um único indivíduo e suas particularidades, extrai deste certas características típicas que se imbricam no coletivo e permitem discutir o macro pelo micro.

Henriqueta Galeno pode ser considerada como uma influência na História da Educação e das mulheres brasileiras. Filha do poeta das Canções Populares Juvenal Galeno, passou sua vida inteira estudando e se formando, com o intuito de propagar o incentivo às artes e literatura, absorveu os conhecimentos de seu pai, o então conhecido nacionalmente como o primeiro poeta a esmiuçar a vida do povo subalterno, que suava todos os dias na lida como os jangadeiros, o nordestino, o vaqueiro, o cajueiro... Estudou nas melhores instituições educacionais, como o Imaculada Conceição, o Liceu do Ceará (do tempo que formava a elite letrada e bacharelesca da capital cearense). No currículo oculto, isto é, no cotidiano, Henriqueta Galeno, acredito eu, que sofreu preconceitos sim, por ser mulher! Por forças do destino e pela sociedade patriarcal e machista da época, não contraiu matrimônio, e nem teve filhos: pois uma mulher estudada, poderia afastar os olhares apaixonados dos homens, até os de sua estirpe!

Por motivos naturais e não mencionados nas fontes, no que se refere ao motivo da morte, a referida biografada faleceu, sendo homenageada por diversas autoridades locais, sendo sepultada no singelo túmulo sem nenhuma pompa, junto com seu pai Juvenal Galeno.

Ante as análises e discussões tecidas, defende-se como argumento de dissertação que Henriqueta Galeno foi uma educadora, escritora e intelectual, que teve importante papel na propagação do ideário feminista no Ceará da primeira metade do século XX.

Sobre a pesquisa sabemos que houve limitações por conta dos percursos de formação e práticas educativas, pois não encontramos fontes suficientes para tal empreitada: tanto pela questão da biografia já ser falecida. Entretanto, buscamos por outros meios, isto é, pelas fontes institucionais, bibliográficas, livros de memórias, para assim reavivar a trajetória de formação de uma educadora que tanto contribuiu para a difusão da educação formal e informal da capital cearense do início do século XX, tema central do Grupo de Pesquisa-*Práticas Educativas, Memórias e Oralidades (PEMO)*, e espero que este trabalho ajude outros pesquisadores interessados por biografia de educadoras, no intuito de entender melhor acerca da conjuntura da educação cearense e quiçá brasileira. Assim discorreu a presente Dissertação! Gratificações desta historiadora da educação que hoje me considero!

## REFERÊNCIAS

- ADERALDO, Mozart Soriano. **O Liceu do meu tempo**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1977.
- ALGRANT, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In: NOVAIS, Fernando A; SOUSA, Laura de Mello (Org.). **História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.15-25.
- ALMEIDA, Francisco Alves de. **A biografia e o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Dimensões, v. 32, 2014, p.292-313. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/8338/5916>>. Acesso em: 23 dez. 2016.
- ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. **Mulheres beletristas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense- de 1862 a 1935**. 2012. 159 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- ALMEIDA, Luciana Andrade de. **A Estrela: Francisca Clotilde e literatura feminina em revista no Ceará [1906-1921]**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.
- ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação ou destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: SAVIANI, Dermerval et.al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. 3.ed. Campinas: Autores Associados, 2014.
- ALMEIDA, Maria Conceição Lafayette de. **As obrigações do amor: um estudo sobre as relações de gênero e poder com mulheres de camadas médias urbanas nascidas no início do século XX**. 2009. 205f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, Recife, 2009.
- ANDRADE, Francisco Ari de. A Institucionalização da educação pública no Brasil: a experiência da Província do Ceará (1834-1844). In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2018. Fortaleza. **Anais...** . Fortaleza: CBHED, 2018. Disponível em: <<http://salainstitucional.fortaleza.ce.gov.br:8081/acervo/documentById?id=b1015778-9d99-4b47-996a-3daa838fe307>>. Acesso em: 11 jan. 2018.
- ANDRADE, Samanta Coelho. **As mulheres anarquistas na cidade de São Paulo (1889-1930)**. 2010. 188 f. Dissertação ( Mestrado em História) - Universidade Paulista Júlio Mesquita Filho, São Paulo, 2010.
- ANDRADE, Vera Lúcia Cabana de Queiroz. **Colégio Pedro II: um lugar de memória**. 2010. 166 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues. **Escola Normal Cearense em Foco: perspectiva histórica e da prática do estágio supervisionado**. Fortaleza: EDUECE, 2012.
- AVELAR, Ediana Abreu; BITTENCOURT, Luís Carlos. Os resíduos do mito do doutor na sociedade contemporânea: notas para reflexão. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v.16, n.32, jul. 2011. Disponível em:

<<http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/revistaaugustus/article/view/38/33>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

AZEVEDO, Sânzio de. **Literatura Cearense**. Fortaleza: Publicação da Academia Cearense de Letras, 1977.

BACELLAR, Carlos de A. P. Fontes documentais uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla B. (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p.23-80.

BARROS, José D' Assunção. **O projeto de pesquisa em história: da escolha do tema ao quadro teórico**. 3. ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BARROSO, Olga Monte. Alba Valdéz. In: Ala feminina as Casa de Juvenal Galeno. **Mulheres do Brasil**. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1971. v.2.

BASTOS, José Romário Rodrigues. **Natureza, tempo e técnica: Thomaz Pompeu de Souza Brasil e o século XIX**. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

BESTER, Gisela Maria. A luta sufrágica feminina e a conquista do voto pelas mulheres brasileiras: aspectos históricos de uma caminhada. **Argumenta Journal Law**, Jacarezinho,PR, n.25, p.327-343, 2016. Disponível em: <<http://seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/viewFile/907/pdf>> Acesso em: 05 ago. 2018.

\_\_\_\_\_. Aspectos históricos da luta sufrágica feminina no Brasil. **Revista de Ciências Humanas, UFSC**, Florianópolis, v.15, n.21, p. 11-22, 1997. Disponível em: <<http://seer.uenp.edu.br/index.php/argumenta/article/viewFile/907/pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

BLOGFORTALEZA NOBRE. **Álbum de Relíquias II**. Fortaleza. Domingo, 18 de mar. 2012. Disponível em: <<http://www.fortalezanobre.com.br/2012/03/um-album-de-reliquias-ii.html>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

BÓIA, Wilson. **Ao Redor de Juvenal Galeno**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, CE, 1986.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BONATO, Nailda Marinho da Costa. A educação das mulheres no pensamento da Federação Brasileira pelo progresso feminino (1922-1931). In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6., Urberlândia, 2016. **Anais...** Urberlândia: 2016. Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/123NaildaMarinhoCostaBonato.pdf>>. Acesso em: 15 jan.2017.

\_\_\_\_\_. O Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino Uma fonte múltipla para a história da educação das mulheres. **Revista Acervo**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1-2, p.131-146, jan./dez. 2005. Disponível em:< file:///C:/Users/User/Downloads/189-191-1-PB.pdf >. Acesso em: 15 jan. 2017.

BRASIL. Dr. Thomaz Pompêo de Sousa. **O ensino superior no Brasil e relatório da Faculdade de Direito do Ceará nos anos de 1911 e 1912**. Fortaleza: Typographia Minerva, 1913.

BORDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996. p.183-91.

CAMPOS, Eduardo. A Crônica Social em seus Começos. O Prelúdio da Moda em Fortaleza de Senhoras Elegantes e seus Vestidos. In: **Capítulos de história da Fortaleza do século XIX: o social e o urbano**. Fortaleza: Edições UFC, 1986.

CALAÇA, Lia; ANDRADE, Núbia de. **Alencar e o romance nacional: modos e modas do século no Brasil**. Bauru. 13º Colóquio de Moda. Disponível em: <[http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/13-Coloquio-de-Moda\\_2017/CO/co\\_3/co\\_3\\_ALENCAR\\_E\\_O\\_ROMANCE\\_NACIONAL.pdf](http://www.coloquiomoda.com.br/anais/anais/13-Coloquio-de-Moda_2017/CO/co_3/co_3_ALENCAR_E_O_ROMANCE_NACIONAL.pdf)>. Acesso em: 05 dez.2017.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Como elaborar um projeto de pesquisa**. Cardoso <[http://www.historia.uff.br/stricto/files/CARDOSO\\_Ciro\\_Como\\_elaborar\\_projeto\\_pesquisa.pdf](http://www.historia.uff.br/stricto/files/CARDOSO_Ciro_Como_elaborar_projeto_pesquisa.pdf)>. Acesso em: 05 out. 2016.

CASA JUVENAL GALENO. **A Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno**. Disponível em: <<http://www.casadejuvenalgaleno.com.br/p/ala-feminina-da-casa-de-juvenal-galeno.html>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

CASA JUVENAL GALENO. **Árvore genealógica da Família Galeno**. Disponível em: <<http://www.casadejuvenalgaleno.com.br/p/outras-informacoes.html>>. Acesso em: 16 jan. 2018.

COSTA, Ana Alice Alcântara. O movimento feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política. In: MELO, Hildete Pereira. et. al. (Org.). **Olhares Feministas**. Brasília: MEC, UNESCO, 2009.

CHATAIGNIER, Gilda. **História da moda no Brasil**. São Paulo: Estação das letras e Cores, 2010.

CUNHA, Washington Dener dos Santos; SILVA, Rosemaria J. Vieira. A educação feminina do século XIX: entre a escola e a literatura. **Revista Gênero**, Niterói, v.11, n.1, p. 97-106, 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/62-176-1-PB.pdf>> .Acesso em: 02 nov. 2017.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza**. 2.ed.Fortaleza: Edições UFC, 2011.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SÁ, Évila Cristina Vasconcelos de. Interfaces entre a obra “Canções da Escola” e o Ensino Primário Cearense. In: **Histórias de ensinios no Brasil**. Maria Inês Sucupira Stamatto, Olivia Moraes de Medeiros Neta (Orgs.). v.1. João Pessoa: Ideia, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/22379/1/Ebook%20vol%201%20->

%20Historias%20de%20Ensino%20no%20Brasil%20-%202016.pdf >. Acesso em: 20 jan. 2018.

FILHO, Antônio Martins. **O Outro lado da história**. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará, 1983.

FILHO, José Ernesto Pimentel. **Urbanidade e cultura política: a cidade de Fortaleza e o liberalismo cearense no século XIX**. Fortaleza: Casa José de Alencar Programa Editorial, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1986.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano**. São Paulo: Global, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRÃO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza**. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 1979.

\_\_\_\_\_. **História da Faculdade de Direito do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1960.

JORNAL DA ESCOLA HENRIQUETA GALENO. **Primeira feira de ciências do Henriqueta Galeno**. Vila Manoel Sátiro. Fortaleza, Ce nov. n.01. Disponível em: <<http://revistathemis.tjce.jus.br/index.php/THEMIS/article/download/36/pdf>>. Acesso em: 05 maio 2016.

JÚNIOR, Roberto da Silva; RODRIGUES, Washigton Luís. Educação, ciência e política na biografia de Berta Lutz. In: FIALHO, Lia Machado. et. al. (Org.). **Biografia de mulheres**. Fortaleza: EdUECE, 2015.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p.167-82.

LÔBO, Yolanda. **Bertha Lutz**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10.ed , 2 .reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

MACHADO, Charliton José dos Santos. Zilda da Costa Mamede (1928-1985): passos de uma pesquisa biográfica. In: **Tempo, espaço e memória da educação: pressupostos teóricos, metodológicos e seus objetos de estudo**. José Gerardo Vasconcelos. et. al. (Org.). Fortaleza: Edições UFC, 2010.

MAIA, Gabrielle Bessa Pereira. **Modernidade e educação: (des)caminhos históricos e críticas a educação no governo Nogueira Accioly (1896-1912)** . 2011. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

MAIA, Janine Caracas de Souza. **O discurso de Alba Valdez na Imprensa cearense dos séculos XIX e XX**. 2007. f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Graduação em Jornalismo) - Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2007.

MALUF, Marina MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil república: da belle époque à era do rádio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.v.03.

MARQUES, Teresa Cristina N. Elas também desejam participar da vida pública: várias formas de participação política feminina entre 1850 e 1932. In: MELO, Hildete Pereira. et. al. (Org.). **Olhares Feministas**. Brasília: MEC, UNESCO, 2009.

MATTOS, Maria Izilda. História das mulheres e gênero: usos e perspectivas. In: MELO, Hildete Pereira. et. al. (Org.). **Olhares Feministas**. Brasília: MEC, UNESCO, 2009.

MESQUITA, Geraldo Júnior. **O voto no Brasil**. Brasília: Senado Federal, 2003.

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na primeira república**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NETO, Francisco Sales da Cunha Neto. **Práticas do disciplinamento no Liceu do Ceará dos anos 1937 a 1945**. Fortaleza: RBS, 2005.

NOBRE, Francisco Silva. **Cronologia da cultura cearense**. Rio de Janeiro: Publicação da Academia Cearense de Ciências, letras e Artes do Rio de Janeiro, 1988.

\_\_\_\_\_. **100 cearenses ilustres**. Rio de Janeiro: Casa do Ceará, 1996.

OLIVEIRA, Joyce Carneiro de. **Entre a guerra e as reformas: o ensino secundário cearense (1918-1930)**. 2007. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

OLIVEIRA, Kamila Pagel de. **Análise da evolução da participação da mulher na política brasileira: estudo aplicado às Assembléias Legislativas**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. 2018. Disponível em:

<<http://www.eg.fjp.mg.gov.br/index.php/docman/publicacoes-2013/6-a-trajetoria-da-mulher-na-politica-brasileiraas-conquistas-e-a-persistencia-de-barreiras/file>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Tinta, papel e palmatória: a escola no Ceará do século XIX**. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2004.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. (Oficinas da História).

PIMENTEL, Alessandra. **O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica**. Cadernos de Pesquisa, n. 114, nov. 2001. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a08n114>>. Acesso: 01 nov. 2016.

PONTE, Mikaelly Rocha. et. al. **A implantação do grupo escolar e a modernidade do ensino primário em Fortaleza, no início do século XX**. Fortaleza: Repositório de produções da Universidade Federal do Ceará. Disponível em:

<[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21147/1/2011\\_eve\\_lmrapontefrasouzafaandrade.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21147/1/2011_eve_lmrapontefrasouzafaandrade.pdf)>. Acesso em: 18 jan. 2018.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: reformas urbanas e controle social (1860- 1930)**. 3. ed. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.

PRADO, Eliane Mimesse. A importância das fontes documentais para a pesquisa em História da Educação. Campo Grande. **InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Campo Grande, v.16, n.31, p.124-133, jan./jun. 2010. Disponível em: <[http://intermeio.ufms.br/revistas/31/31%20Artigo\\_08.pdf](http://intermeio.ufms.br/revistas/31/31%20Artigo_08.pdf)>. Acesso em: 01 nov. 2016.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. "**Brasileiras Célebres**". GALENO, Henriqueta. Maria Quitéria de Jesus, Heroína Brasileira. Fortaleza, 1954.

ROCHA, Olívia Candeia Lima. **Lugares, saber e poder: apropriação feminina sobre as práticas discursivas entre 1875-1950**. 2007. 89 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) -Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

REIS, José Carlos. **Escola dos Annales: a inovação em história**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS. ANDRADE, F. Alves. **O centenário de Alba Valdéz**, 1976. p.141-148.

REVISTA DA ESCOLA SUPERIOR DA MAGISTRATURA DO ESTADO DO CEARÁ. SOUZA, Ivoneuma Silva de. **Henriqueta Galeno e a Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno: uma luta pela conquista do direito social das mulheres**. Fortaleza. Disponível em: <<http://revistathemis.tjce.jus.br/index.php/Tcolonial-HEMIS/article/download/36/pdf>>. Acesso em: 10 maio 2016.

SÁ, Adísia. Henriqueta Galeno. In: Ala Feminina as Casa de Juvenal Galeno. **Mulheres do Brasil**. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971. v.2.

SANTOS, Vivian Matias dos. **Sobre Mulheres, Laboratórios e Fazeres Científicos na Terra da Luz**. 2012. 128 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

STUDART, Barão de. **Climatologia, epidemias e endemias do Ceará**. Fortaleza: Revista da Academia Cearense de Letras, t.XIV, 1909.

SCOTT, Joan Wallach. Relendo a História do Feminismo. In: \_\_\_\_\_. **A cidadã paradoxal: as feministas francesas e os direitos do homem**. Tradução de Élvio Antônio Funk. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Eloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, Diocleciana Paula da. **O recato à moda: moral e transgressão na Fortaleza dos anos 1920**. 2004. 88 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

SILVA, Maria Goretti Lopes Pereira e. Escola Normal do Ceará: Impasses de Criação e a Tônica Reformista (1884-1922). In: CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. et. al. **História e memória da educação no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2002.

SOARES, Ana Luiza Timm. **Inventariando gênero: feminismo, imprensa e performidades sociais na Rio Grande dos “anos loucos” (1919-1932)**. 2010. 138 f. Dissertação ( Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Cuiabá, 2010.

SOIHET, Rachel. Formas de violência, relações de gênero e feminismo. In: MELO, Hildete Pereira. et. al. (Org.). **Olhares Feministas**. Brasília: MEC, UNESCO, 2009.

SOUZA, Noélia Alves. Embriaguez e desordem: alcoolismo e masculinidade em Fortaleza nas décadas de 20 e 30 do século XX. In: SOUZA, Simone. et al. **Gênero**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002. (Coleção Fortaleza: história e cotidiano).

SOUSA, Pinto. **Instrução pública primária no Ceará: Regime Colonial. Regime Monárquico. Regime Republicano**. Fortaleza: Revista do Instituto do Ceará, 1939.

TAMIÃO, Juliana Segato. **Escritas feministas: os jornais Brasil mulher, nós mulheres e mulherio (1975-1988)**. 2009. 199 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **História das Mulheres no Brasil**. 10.ed , 2.reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

\_\_\_\_\_. **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, Sofia Lerche; FARIAS, Isabel Sabino de. **História da educação no Ceará: sobre promessas, fatos e feitos**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

VITOR, Hugo. **O Liceu do Ceará em Cem anos**. Fortaleza: Tipografia Iracema, 1945.

VEYNE, Paul (Org.). **História da vida privada, 1: do Império Romano ao ano mil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ZANTEN, Agnès Van. Pesquisa qualitativa em educação: pertinência, validade e generalização. **Revista Perspectiva**, Florianópolis, v.22, n.1, p.25-45, jan./jun. 2000. Disponível: <[http://www.josenorberto.com.br/03\\_artigo\\_zanten.pdf](http://www.josenorberto.com.br/03_artigo_zanten.pdf)>. Acesso em: 30 jan. 2018.

## **APÊNDICES**

APÊNDICE A – Pesquisa na Faculdade de Direito do Ceará- Entrada da Biblioteca e Setor Antiquário.



Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE B- Coleta das Fontes Primárias- Livro de Raimundo Girão, sobre a História da Faculdade de Direito do Ceará.



Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE C- Coleta das Fontes Primárias- Livro de Raimundo Girão, sobre a História da Faculdade de Direito do Ceará.



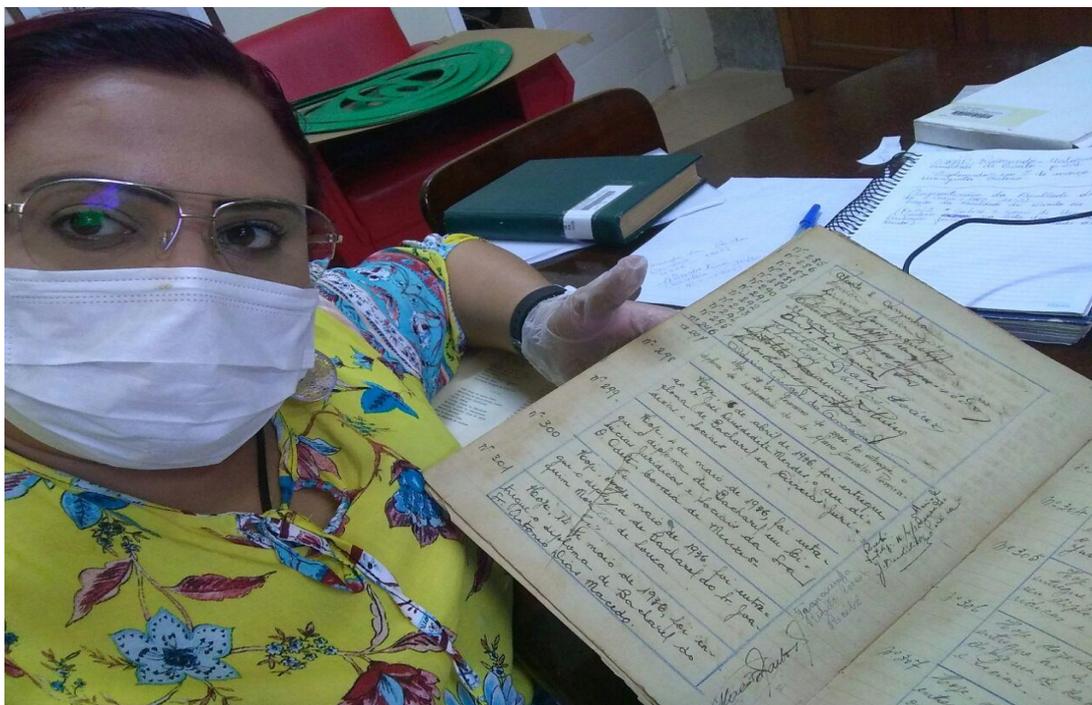
Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE D- Coleta das fontes Primárias, Representando em um Contexto árduo para quem Pesquisa em Fontes Primárias- Livro de Raimundo Girão, sobre a História da Faculdade de Direito do Ceará, Documentos a Respeito da Formação de Henriqueta Galeno.



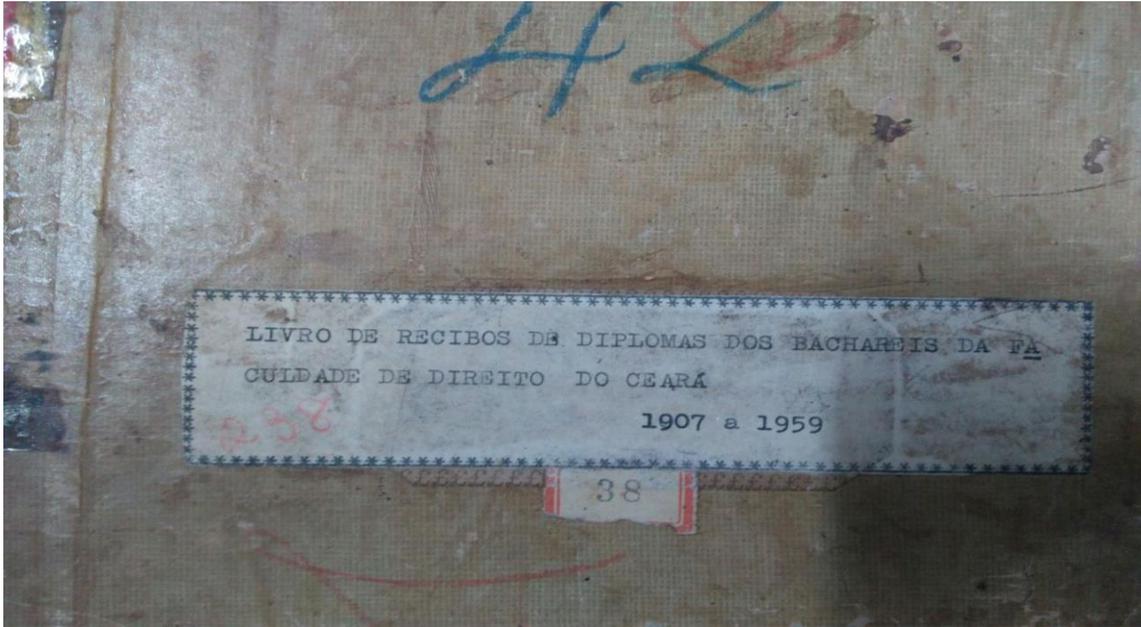
Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE E- Coleta das Fontes Primárias- Registros de Recibos dos Bacharéis da Faculdade de Direito do Ceará.



Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE F- Capa do Livro de Recibos dos Bacharéis da Faculdade de Direito do Ceará.



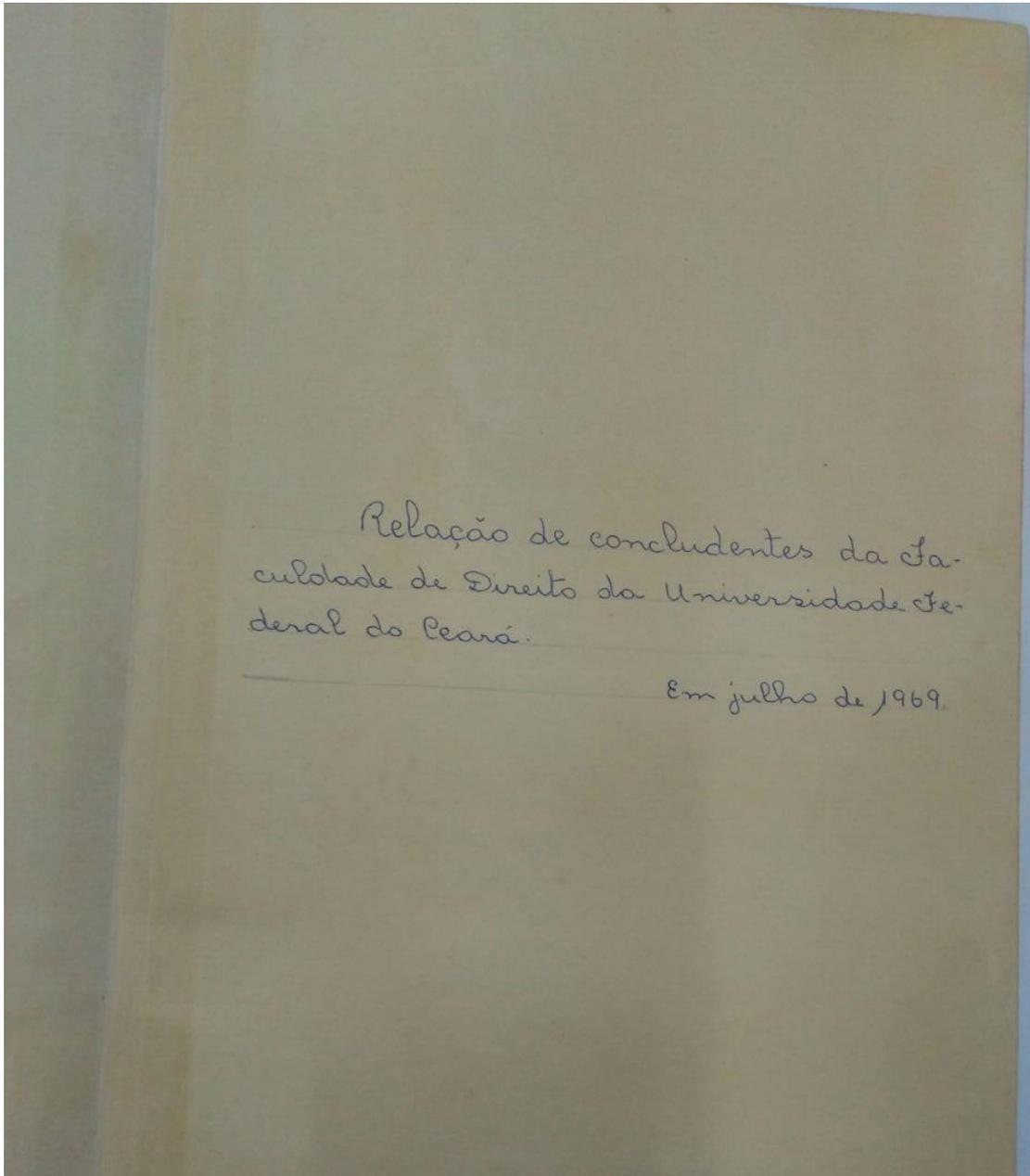
Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE G- Capa do Livro de Concludentes dos Bacharéis da Faculdade de Direito do Ceará.



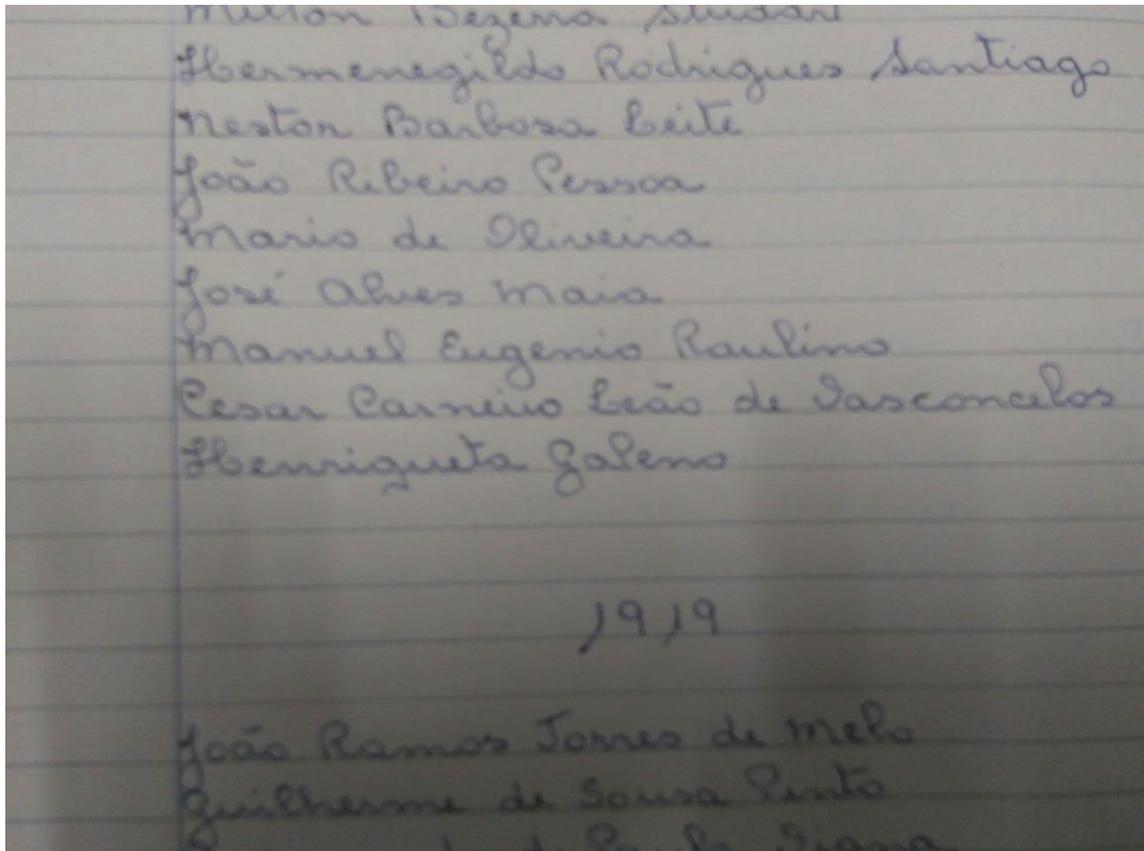
Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE H- Primeira Página do Registro Manuscrito que Prova que Henriqueta Galeno se formou na Faculdade de Direito da UFC. Livro de Registro de Formaturas, realizados e reescritos posteriormente, no ano de 1969.



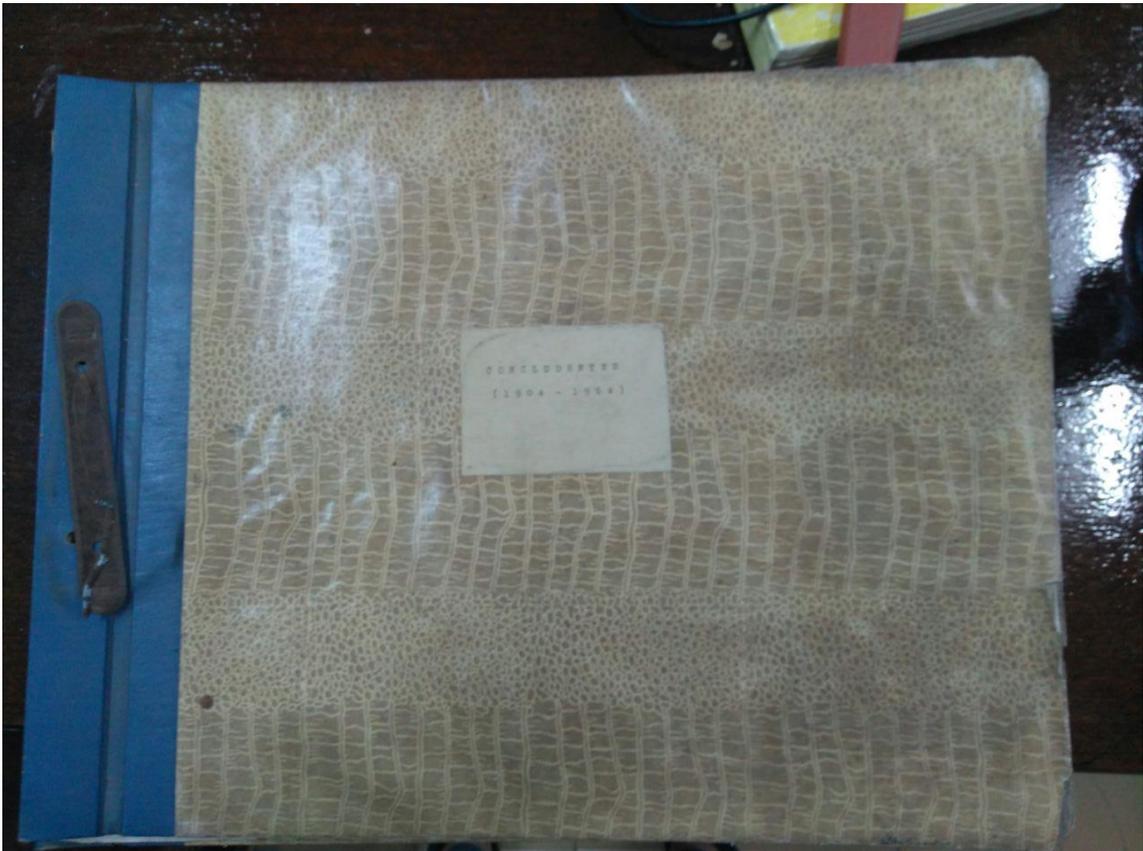
Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE I- Registro Manuscrito que Prova que Henriqueta Galeno se Formou na Faculdade de Direito da UFC. Livro de Registro de Formaturas, realizados e reescritos posteriormente, no ano de 1969.



Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE J- Coleta das Fontes Primárias- Capa dos Registros de Recibos dos Bacharéis da Faculdade de Direito do Ceará.



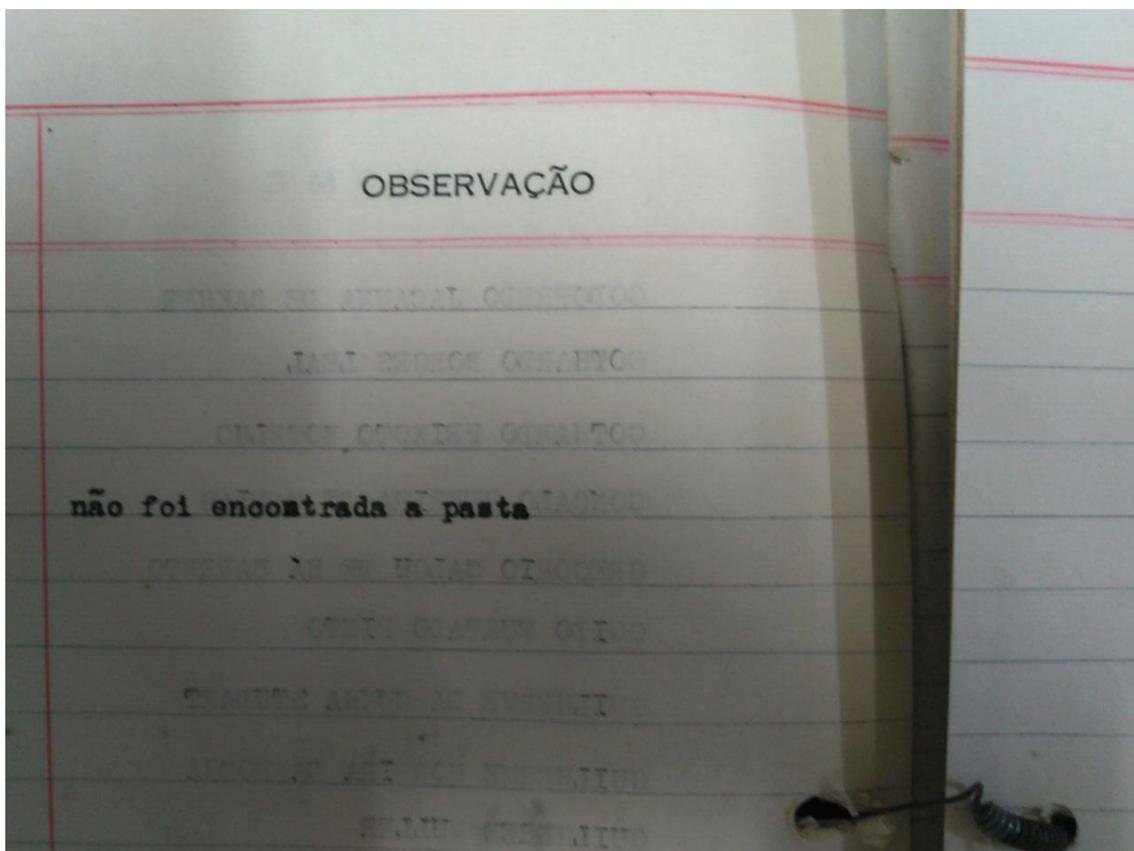
Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE L- Vista Completa da Pasta que Registra Datilografamente a Matrícula de Henriqueta Galeno na Faculdade de Direito da UFC.

PASTAS - LISTA GERAL ( 88 - 81 - 114 - 24 )						
NOME	SITUAÇÃO	N.º PASTA	ESTANTE	PRATELEIRA	OBSERVAÇÃO	
HELVECIO DE PAULA FREDDA BARFORD	CONCLUIDENTE	672				
HENRIQUE FERRAZES S. DE MELO FILHO	CONCLUIDENTE	673				
HENRIQUE MOURA	CONCLUIDENTE	674				
HENRIQUE DE ALESCASTRO AUSTRIAN	CONCLUIDENTE				não foi encontrada a pasta	
HENRIQUETA GALENO	CONCLUIDENTE	675				
HENRIQUE DE BARATAOAN CASTELO BRANCO	CONCLUIDENTE	676				
HENRIQUE COSTA DE FIGUEIREDO	CONCLUIDENTE	677				
HENRIQUE FERREIRA REVEDO	CONCLUIDENTE	678				
HENRIQUE DE MELO FERREIRA JUNIOR	CONCLUIDENTE	679				
HENRIQUE DEAS DA COSTA	CONCLUIDENTE	680				
HENRIQUE DOS SANTOS MONTENEGRO	CONCLUIDENTE	681				
HENRIQUE RODRIGUES SANTIAGO	CONCLUIDENTE	682				
HENRIQUE DE SÁ CAVALANTE	CONCLUIDENTE	683				
HENRIQUE DE ALESCAR FELIX REVEDO	CONCLUIDENTE	684				
HENRIQUE BARROSO	CONCLUIDENTE	685				
HENRIQUE CABRAL	CONCLUIDENTE	686				
HENRIQUE FARIA JUNIOR	CONCLUIDENTE	687				
HENRIQUE MENDES CAVALHEIRO	CONCLUIDENTE	688				
HENRIQUE BARROSO	CONCLUIDENTE				não foi encontrada a pasta	
HENRIQUE DE QUEIROZ PAÇO	CONCLUIDENTE	689				
HILARIO GASPAR DE OLIVEIRA	CONCLUIDENTE	690				
HILDA BASTOS FREIRE	CONCLUIDENTE	691				
HILDA DE MARIA ROSA F. DE ALMEIDA	CONCLUIDENTE	692				
HILDEBRANDO VALENTE RAMOS	CONCLUIDENTE	693				
HILDEBRANDO DE ALMEIDA COTRANZINI	CONCLUIDENTE	694				
HILDEBRANDO ALVES DE ARAUJO FILHO	CONCLUIDENTE	695				
HILDEBRANDO POMPEU FERREZ ACCIOLI	CONCLUIDENTE				não foi encontrada a pasta	
HILDEBRANDO TORRES SPINOLA	CONCLUIDENTE	696				
HILSON ROSA	CONCLUIDENTE	697				
HIPOLITO MORAIS DE SOUSA	CONCLUIDENTE	698				

Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE M- Vista do Canto Esquerdo da Pasta que Registra Datilografamente a Matrícula de Henriqueta Galeno na Faculdade de Direito da UFC.



Fonte: Elaborado pela autora.

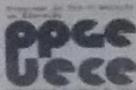
APÊNDICE N- Vista Parcial Direita da Pasta que Registra Datilografamente a Matrícula de Henriqueta Galeno na Faculdade de Direito da UFC.

NOME	SITUAÇÃO
HELVECIO DE PAULA PESSOA SAMFORD	CONCLUDENTE
HEMETERIO FERNANDES R. DE MELO FILHO	CONCLUDENTE
HENOC NOGUEIRA	CONCLUDENTE
HENRIQUE DE ALENCASTRO AUTRAN	CONCLUDENTE
HENRIQUETA GALENO	CONCLUDENTE
HERNANDEZ DE MARATAOAN CASTELO BRANCO	CONCLUDENTE
HERCILIO CRUZ DE FIGUEIREDO	CONCLUDENTE
HERCILIO FERREIRA BENVIDO	CONCLUDENTE
HERCULANO DE MELO PEREIRA JUNIOR	CONCLUDENTE
HERIBALDO DIAS DA COSTA	CONCLUDENTE
HERIBERTO DOS SANTOS MONTEIRO	CONCLUDENTE

Fonte: Elaborado pela autora.

## APÊNDICE O- Ofício para Permissão de Pesquisa na Casa de Juvenal Galeno.

 Universidade Estadual do Ceará  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

 PPGE  
UECE

 Pós-Graduação  
UECE

---

Ofício nº 095/2017 – PPGE

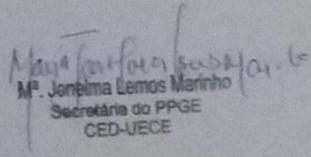
Fortaleza, 3 de julho de 2017

A administração da Casa de Juvenal Galeno,

Venho por meio deste solicitar a V. Sa. a disponibilidade das informações necessárias a **pesquisa de Mestrado** da discente **Evila Cristina Vasconcelos de Sa**, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), turma de 2016, integrante da Linha de Pesquisa Formação, Didática e Trabalho Docente. A mesma está desenvolvendo sua dissertação que tem como título **"HENRIQUETA GALENO: trajetória educativa de uma literata e feminista (1887-1964)**, sob a orientação da professora **Dra. Lia Machado Fiuza Fialho**. Sendo assim, solicito o acesso ao acervo imagético, dos objetos e da biblioteca da Casa de Juvenal Galeno para que a discente possa realizar sua pesquisa.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento desta profissional e da contribuição com a pesquisa científica.

Atenciosamente,

  
Mª. Janelma Lemos Marinho  
Secretária do PPGE  
CED-UECE

---

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Av. Doutor Silas Munguba, 1700 – Centro de Educação – 2º Piso – Campus do Itaperi – Fortaleza/CE  
Fone: (85) 3101.9918 | E-mail: ppge@uece.br | Site: www.uece.br/ppge

Fonte: Elaborado pela autora.

## APÊNDICE P- Ofício para Permissão de Pesquisa na Secretaria de Cultura do Estado.

 **Universidade Estadual do Ceará**  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

 **ppge**  
**UECE**

 **UECE**

Ofício nº 096/2017 – PPGE

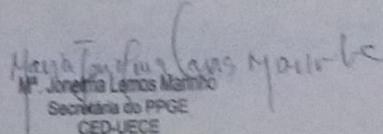
Fortaleza, 3 de julho de 2017.

À Secretaria de Cultura do Estado,

Venho por meio deste solicitar a V. Sa. a disponibilidade das informações necessárias a **pesquisa de Mestrado** da discente **Evila Cristina Vasconcelos de Sa.** aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), turma de 2016, integrante da Linha de Pesquisa Formação, Didática e Trabalho Docente. A mesma está desenvolvendo sua dissertação que tem como título **"HENRIQUETA GALENO: trajetória educativa de uma literata e feminista (1887-1964)**, sob a orientação da professora **Dra. Lia Machado Fiuza Fialho**. Sendo assim, solicito o acesso aos documentos cartoriais e de Instrução Pública do Arquivo Público do Estado para que a discente possa realizar sua pesquisa.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento desta profissional e da contribuição com a pesquisa científica.

Atenciosamente,

  
M<sup>te</sup>. Joneira Lemos Marmho  
Secretária do PPGE  
CED-UECE

---

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Av. Doutor Síllas Munguba, 1700 – Centro de Educação – 2º Piso – Campus do Itaperi – Fortaleza/CE  
Fone: (85) 3101.9918 | E-mail: ppge@uece.br | Site: www.uece.br/ppge

Fonte: Elaborado pela autora.

## APÊNDICE Q- Ofício para Permissão de Pesquisa no Colégio Liceu do Ceará.

 Universidade Estadual do Ceará  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

 PPGE  
UECE

 PÓS-GRADUAÇÃO  
UECE

---

Ofício nº 097/2017 – PPGE

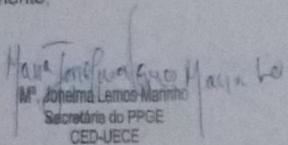
Fortaleza, 3 de julho de 2017.

Ao Colégio Liceu do Ceará,

Venho por meio deste solicitar a V. Sa. a disponibilidade das informações necessárias a **pesquisa de Mestrado** da discente **Evila Cristina Vasconcelos de Sa**, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), turma de 2016, integrante da Linha de Pesquisa Formação, Didática e Trabalho Docente. A mesma está desenvolvendo sua dissertação que tem como título **"HENRIQUETA GALENO: trajetória educativa de uma literata e feminista (1887-1964)**, sob a orientação da professora **Dra. Lia Machado Fiuza Fialho**. Sendo assim, solicito o acesso aos documentos escolares e profissionais para a discente possa realizar sua pesquisa.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento desta profissional e da contribuição com a pesquisa científica.

Atenciosamente,

  
M<sup>te</sup> Jojêlma Lemos Marinho  
Secretária do PPGE  
CED-UECE

---

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Av. Doutor Sílvio Munguba, 1700 – Centro de Educação – 2º Piso – Campus do Itaperi – Fortaleza/CE  
Fone: (85) 3101.9919 | E-mail: ppge@uece.br | Site: www.uece.br/ppge

Fonte: Elaborado pela autora.

## APÊNDICE R- Ofício para Permissão de Pesquisa no Colégio Imaculada Conceição.

 **Universidade Estadual do Ceará**  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

 **PPGE**  
**UECE**

 **PÓS-GRADUAÇÃO**  
**UECE**

---

Ofício nº 098/2017 – PPGE

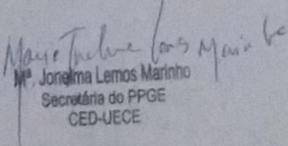
Fortaleza, 3 de julho de 2017.

Ao Colégio Imaculada Conceição,

Venho por meio deste solicitar a V. Sa. a disponibilidade das informações necessárias a **pesquisa de Mestrado** da discente **Evila Cristina Vasconcelos de Sa**, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), turma de 2016, integrante da Linha de Pesquisa Formação, Didática e Trabalho Docente. A mesma está desenvolvendo sua dissertação que tem como título **"HENRIQUETA GALENO: trajetória educativa de uma literata e feminista (1887-1964)**, sob a orientação da professora **Dra. Lia Machado Fiuza Fialho**. Sendo assim, solicito o acesso aos documentos escolares e profissionais para a discente possa realizar sua pesquisa.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento desta profissional e da contribuição com a pesquisa científica.

Atenciosamente,

  
M<sup>te</sup>. Jonelma Lemos Marinho  
Secretária do PPGE  
CED-UECE

---

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Av. Doutor Silas Munguba, 1700 – Centro de Educação – 2º Piso – Campus do Itaperi – Fortaleza/CE  
Fone: (85) 3101 9918 | E-mail: ppge@uece.br | Site: [www.uece.br/ppge](http://www.uece.br/ppge)

Fonte: Elaborado pela autora.

## APÊNDICE S- Ofício para Permissão de Pesquisa no Cemitério São João Batista.

 **Universidade Estadual do Ceará**  
Centro de Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação

 **PPGE**  
**UECE**

 **UECE**

Ofício nº 099/2017 – PPGE

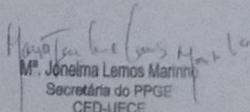
Fortaleza, 3 de julho de 2017.

À administração do Cemitério São João Batista,

Venho por meio deste solicitar a V. Sa. a disponibilidade das informações necessárias a **pesquisa de Mestrado** da discente **Evila Cristina Vasconcelos de Sa**, aluna regularmente matriculada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Estadual do Ceará (UECE), turma de 2016, integrante da Linha de Pesquisa Formação, Didática e Trabalho Docente. A mesma está desenvolvendo sua dissertação que tem como título **"HENRIQUETA GALENO: trajetória educativa de uma literata e feminista (1887-1964)**, sob a orientação da professora **Dra. Lia Machado Fiuza Fialho**. Sendo assim, solicito o acesso aos túmulos do Cemitério São João Batista para que a discente possa realizar sua pesquisa.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento desta profissional e da contribuição com a pesquisa científica.

Atenciosamente,

  
M. Jônêlma Lemos Marinho  
Secretária do PPGE  
CED-UECE

Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
Av. Doutor Silas Munguba, 1700 – Centro de Educação – 2º Piso – Campus do Itaperi – Fortaleza/CE  
Fone: (85) 3101.9918 | E-mail: ppge@uece.br | Site: www.uece.br/ppge

Fonte: Elaborado pela autora.

APÊNDICE T- Vista da Fachada da Casa em que Henriqueta Viveu. Atualmente Tombada Como Patrimônio Material Cearense.



Fonte: Elaborado pela autora.